



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DOS RECURSOS  
NATURAIS E DESENVOLVIMENTO LOCAL - PPGEDAM**



**JOANA CÉLIA COUTINHO BARRETTO**

**CULTURA E MEIO AMBIENTE: AS AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS DO  
INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM**

Belém

2012

**JOANA CÉLIA COUTINHO BARRETTO**

**CULTURA E MEIO AMBIENTE: AS AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS DO  
INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia. Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilena Loureiro da Silva**

Belém  
2012

### **Dados Internacionais de Catalogação - na - Publicação (CIP)**

---

Barretto, Joana Célia Coutinho  
Cultura e Meio Ambiente: as ações socioeducativas do Instituto  
Arraial do Pavulagem / Joana Célia Coutinho Barretto;  
orientadora, Marilena Loureiro da Silva. – 2012.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo  
de Meio Ambiente, Programa de Pós-Graduação em Gestão dos  
Recursos Naturais e Desenvolvimento Local, Belém, 2012.

1. Educação ambiental – Pará. 2. Cultura popular – Pará. 3. Música folclórica – Pará. I. Silva, Marilena Loureiro da. II. Universidade Federal do Pará. Núcleo de Meio Ambiente. Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local. III. Título.

---

**CDD 22.ed. 304.209815**

**JOANA CÉLIA COUTINHO BARRETTO**

**CULTURA E MEIO AMBIENTE: AS AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS DO  
INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia. Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará.

APROVADA EM:     /     /

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilena Loureiro da Silva

Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Maria Simões Barbosa Magalhães Santos

Membro

---

Prof. Dr. Marcos Reigota

Membro

---

Prof. Dr. Mário Vasconcellos Sobrinho

Coordenador do PPGDAM / NUMA / UFPA

Dedico este trabalho aos meus pais:

Maurício Felipe Coutinho e Elizabeth dos Santos  
Coutinho

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Deus que me ilumina e fortalece.

Aos meus filhos Iana, Marcel e Alina, razão de minha existência.

Aos meus pais Maurício e Elizabeth Coutinho, pelo carinho e colo nas horas difíceis.

Aos meus irmãos Sílvia, Rosa, Kate e Paulo, meus cunhados e cunhada, sobrinhos e amigos que torceram por mim.

À Professora Doutora Marilena Loureiro da Silva, pelo incentivo, paciência e ensinamentos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-graduação em Recursos Naturais e Desenvolvimento local- PPGEDAM, em especial à amiga Jaqueline Sarmento dos Santos pelo estímulo, companheirismo e convivência nesse importante momento profissional.

Aos colegas e amigos da Prefeitura da UFPA, pela colaboração e apoio.

Aos amigos e integrantes do Instituto Arraial do Pavulagem que colaboraram e me inspiraram no desenvolvimento desta pesquisa.

À amiga de sempre Ana Diniz pela colaboração imprescindível neste trabalho.

A todos aqueles que colaboraram de alguma forma para a consecução desta dissertação, meus sinceros agradecimentos.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

PAULO FREIRE

## RESUMO

Este trabalho narra, descreve e discute as ações socioeducativas e ambientais através de práticas culturais, promovidas pelo Instituto Arraial do Pavulagem em Belém e no interior do Pará, como: o Cordão do Peixe Boi; os arrastões da quadra junina; o Cordão da Cobra Grande, além de uma ação do Projeto Orube de Arte e Educação, projeto de extensão do Instituto no Conjunto Residencial Satélite, em uma escola estadual no Município de Ourém. O trabalho foi desenvolvido a partir do método qualitativo de pesquisa e à luz dos princípios teóricos e metodológicos da Educação Ambiental como educação política, descrevendo essas ações e discutindo seus resultados e como estes se relacionam com os princípios teóricos e metodológicos da Educação Ambiental, na expectativa de incentivar o cuidado com o meio ambiente e mudanças de postura nos sujeitos envolvidos nessas ações. Narra o processo de construção das ações Cordão do Peixe Boi em Belém; e na Ilha do Marajó, em Cachoeira do Arari, o Cordão do Gallo; e identifica os sujeitos, suas percepções, e o envolvimento destes nas atividades relacionadas à dimensão ambiental associada à cultura local, como a utilização de material reciclável em alegorias e instrumentos de percussão. Descreve os principais resultados e os impactos e mudanças de postura nos sujeitos envolvidos e na comunidade, numa tentativa de dar ampla visão sobre o trabalho do Instituto, tendo em vista a proposta de realizar na Amazônia a Educação Ambiental através de práticas culturais.

**PALAVRAS CHAVE:** Educação ambiental; Cultura; Música regional; Brincadeira.



## ABSTRACT

This work tells, describes and discusses the socioeducational and environmental actions of Instituto Arraial do Pavulagem in Belém and in other municipalities in the state of Pará through cultural practices such as Cordão do Peixe Boi, Arrastões da quadra Junina, Cordão da Cobra-grande and an action of the Orube Project of Art and Education, a extension project of the Institute based in the residential area of Satélite in a municipal school in Ourém. Firstly, grounded on the qualitative research method and on theoretical methodological principles of Environmental Education as political education, this work describes the actions mentioned above as well as its results and how they relate to theoretical and methodological principles of Environmental Education in the hope that it will foster care for the environment and bring about change in the way individuals go about such actions. Secondly, this work gives an account of the development process of Cordão do Peixe Boi and Cordão do Gallo actions in Belém and Cachoeira do Arari respectively. Thirdly, it identifies its main actors, their perception and their relation to the practices and the environmental scope of their actions by relating it to the local culture, namely, the use of recyclable materials in production of floats and percussion instruments. Finally, it describes the its main results and their impact to and the thinking changes of the main actors in the community in an attempt to show in a wider picture the actions of the Institute, whose aim is to promote environmental education through cultural practices in the Amazon.

**Keywords:** Environmental education; culture; regional music; fun

## LISTA DE SIGLAS

<b>ABRAZ</b>	Associação Brasileira de Alzheimer
<b>ASFLORA</b>	Instituto Amigos da Floresta Amazônica
<b>CEAM</b>	Coordenações de Educação Ambiental
<b>CENTUR</b>	Centro Cultural Tancredo Neves
<b>CIEA</b>	Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental
<b>CINEA</b>	Comissão Interinstitucional Nacional de Educação Ambiental
<b>CONAMA</b>	Conselho Nacional de Meio Ambiente
<b>CONCAVES</b>	Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis
<b>COPS</b>	Conferências das Partes
<b>EA</b>	Educação Ambiental
<b>ECO-92</b>	Cúpula ou Cimeira da Terra (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento)
<b>EEEM</b>	Escola Estadual de Ensino Médio
<b>EMATER-PA</b>	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará
<b>FAPIC</b>	Federação das Associações de Apicultura do Estado do Pará
<b>FIDESA</b>	Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia
<b>FUMBEL</b>	Fundação Cultural do Município de Belém
<b>FUNCARTEMM</b>	Fundação Cultural de Artes e Esportes “Mundico & Manôla”
<b>FUNTELPA</b>	Fundação de Telecomunicações do Pará

<b>GEAM/UFPA</b>	Grupo de Estudos em Educação, Cultura e Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará
<b>IAP</b>	Instituto de Artes do Pará
<b>IAPAV</b>	Instituto Arraial do Pavulagem
<b>IBAMA</b>	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>IPCA</b>	Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>MINC</b>	Ministério da Cultura
<b>MNRC</b>	Movimento dos Catadores de Material Reciclável
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>OSTP</b>	Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz
<b>PEAM</b>	Programa Estadual de Educação Ambiental
<b>PEAC</b>	Programa de Educação Ambiental e Cidadania
<b>PETI</b>	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
<b>PNUMA</b>	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
<b>POAED</b>	Projeto Orube de Arte e Educação
<b>PPGEDAM</b>	Programa de Pós-Graduação dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local
<b>PRONEA</b>	Programa Nacional de Educação Ambiental
<b>PVC</b>	Policloreto de polivinila (ou policloreto de vinil)

<b>SAGRI</b>	Secretaria de Agricultura do Estado do Pará
<b>SEBRAE</b>	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
<b>SECOM</b>	Secretaria Municipal de Economia
<b>SECULT-PA</b>	Secretaria de Estado de Cultura do Estado do Pará
<b>SEDUC</b>	Secretaria de Estado de Educação
<b>SEMA</b>	Secretaria de Estado de Meio Ambiente
<b>SEMEC</b>	Secretaria Municipal de Educação
<b>SESC</b>	Serviço Social do Comércio
<b>SINDIFISCO</b>	Sindicato Nacional dos Auditores-Fiscais da Receita Federal do Brasil
<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>UNFCCC</b>	United Nations Framework Convention on Climate Change ou Conferência Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas

## LISTA DE FOTOGRAFIAS E FIGURAS

Fotografia 1- Praça dos Estivadores.....	68
Fotografia 2- Praça da República.....	72
Fotografia 3 - Músico Ronaldo Silva com Dora e Evaldo do Boi Malhadinho....	78
Fotografia 4 - Planejamento das atividades do Cordão do Peixe Boi.....	83
Fotografia 5 - Montagem das barracas.....	85
Fotografia 6 - Estande da UFPA/GEAM.....	85
Fotografia 7 - Organização de estandes na praça.....	86
Fotografia 8 - Oficina de artes plásticas.....	86
Fotografia 9 - Café na sede do IAPAV.....	87
Fotografia 10 - O Brilho da Aurora.....	87
Fotografia 11 - Moda Pavulagem.....	88
Fotografia 12 - Mestre Apollo de Caratateua.....	90
Fotografia 13 - Poeta Juracy Siqueira.....	90
Fotografia 14 - A roda cantada.....	92
Fotografia 15 – O artesão e seus brinquedos.....	93
Fotografia 16 - Chegada do barco.....	93
Fotografia17 - O Peixe Boi sobre o barco.....	94
Fotografia 18 - Montagem do Peixe Boi.....	95
Fotografia 19 - O brinquedo simbólico.....	95
Fotografia 20 - O Batalhão da Estrela.....	96
Fotografia 21 - Pernas de pau.....	96
Fotografia 22 - O cortejo no Mercado do Ver-o-Peso.....	97
Fotografia 23 - O Teatro da Floresta.....	97
Figura 1- Mapa Oficial do Cortejo.....	98

Fotografia 24 - Roda Ancestral na Praça dos Estivadores.....	98
Fotografia 25 - Material reciclável para confecção de alegorias.....	104
Fotografia 26 - Os cabeçudos de paneiro.....	104
Fotografia 27 - Residência do artesão - seu local de trabalho.....	105
Fotografia 28 - Pintura em spray nos adereços.....	106
Fotografia 29 - Secagem das peças.....	106
Fotografia 30 - Decoração dos mastros na Praça Princesa Izabel.....	107
Fotografia 31 - O Boi Orube.....	108
Fotografia 32 - Bois: Malhadinho, Pavulagem e Orube.....	108
Fotografia 33 - Guardassol com imagens de santos.....	109
Fotografia 34 – Cavalinhos e crianças aguardando cortejo.....	109
Fotografia 35 - Descanso da perna de pau.....	110
Fotografia 36 - Concentração em frente à sede.....	110
Fotografia 37 - Preparativos para o cortejo.....	111
Fotografia 38 - Boi Moleque, convidado.....	111
Fotografia 39 - Movimento dos catadores de lixo.....	112
Fotografia 40 - Manifestações populares.....	112
Fotografia 41 - Rádio Margarida.....	113
Fotografia 42 - O comércio informal.....	113
Fotografia 43 - Participação dos idosos.....	113
Fotografia 44 – O processo de fincamento dos mastros.....	114
Fotografia 45 - Os mastros fincados na Praça da República.....	114
Fotografia 46 - A derrubada dos mastros (masculino) no último arrastão junino.....	115
Fotografia 47 - A derrubada dos mastros (feminino) no último arrastão junino....	115
Fotografia 48 - Formação do Cordão da Cobra Grande.....	116

Fotografia 49 – Estandartes.....	116
Fotografia 50 - Crianças nos cavalinhos.....	117
Fotografia 51 - Mestre Cardoso (de chapéu azul).....	117
Fotografia 52 - Mascarados de Ourém.....	117
Fotografia 53- Músico do Boi Ouro Fino, de Ourém.....	118
Fotografia 54 - O cavalinho do Boi de Ourém.....	118
Fotografia 55 - Boi de Ourém, convidado.....	118
Fotografia 56 - Peneira com fitas coloridas do Círio.....	119
Fotografia 57 - Dançarinos de miriti.....	120
Fotografia 58 - Bairro do Choque.....	124
Fotografia 59 - Ensaio em frente ao Museu do Marajó.....	125
Fotografia 60 - Mestre de oficinas.....	127
Fotografia 61 – Colaboradores do evento.....	127
Fotografia 62 - O Galo, brinquedo da festa.....	128
Fotografia 63 – Donativos .....	130
Fotografia 64 - O show no Teatro Margarida Schivazzapa.....	130
Fotografia 65 – Menino que participa anualmente do cortejo.....	131
Fotografia 66 - Crianças com caixas do Marajó.....	131
Fotografia 67 - Mastro dos meninos.....	132
Fotografia 68 - Ensaios das crianças nas ruas de Cachoeira.....	132
Fotografia 69 – Oficinas: confecção de caixas do Marajó.....	135
Fotografia 70 – Oficinas: pinturas de elementos da cultura marajoara.....	137
Fotografia 71 – Ensaios: instrumentos musicais de material reciclável.....	138
Fotografia 72 – Plantio de samaumeiras.....	140
Fotografia 73 - EEEM Profª Socorro Oliveira da Rocha.....	148

Fotografia 74 - Vídeo educativo .....	151
Fotografia 75 - Oficina de dança na quadra.....	151
Fotografia 76 - Mestre Cardoso canta na escola.....	153
Fotografia 77 - Jovens respondem questionário.....	153
Fotografia 78 - Boi Orube no Cais do Tromba.....	154



## SUMÁRIO

<b>1 MEMORIAL</b> .....	17
<b>2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO EDUCAÇÃO POLÍTICA</b> .....	25
2.1 PROBLEMA.....	25
2.2 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA.....	25
2.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA: AS AÇÕES DO INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM (IAPAV).....	26
2.4 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	27
2.5 METODOLOGIA.....	28
<b>3 OS REFERENCIAIS TEÓRICOS E SEUS INTERCRUZAMENTOS</b> .....	34
3.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL; CULTURA E CULTURA AMAZÔNICA E MEIO AMBIENTE.....	34
<b>3.1.1 Meio Ambiente e Educação Ambiental</b> .....	34
3.1.1.1 Os eventos sobre a problemática ambiental.....	34
<b>3.1.2 A Educação Ambiental enquanto educação política: complexidade ambiental; representações sociais; a educação ambiental como educação política; as metodologias de EA</b> .....	39
3.1.2.1 Complexidade ambiental.....	39
3.1.2.2 Representações sociais.....	40
3.1.2.3 A Educação Ambiental como educação política.....	44
3.1.2.4 As metodologias de Educação Ambiental.....	46
3.2 CULTURA E CULTURA AMAZÔNICA.....	47
<b>3.2.1 O Boi Bumbá em Belém</b> .....	51
<b>3.2.2 Cultura amazônica: cultura cabocla</b> .....	54
<b>4 CONTEXTO DA PESQUISA</b> .....	60
4.1 O INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM: CONTEXTO DA PESQUISA E SEU DESENVOLVIMENTO.....	60
<b>4.1.1 O Instituto Arraial do Pavulagem e o território</b> .....	67
<b>4.1.2 Educação e Cultura nas Ruas: os arrastões do Instituto Arraial do Pavulagem</b> .....	73
4.1.2.1 Os arrastões do Cordão do Peixe Boi.....	81

4.1.2.1.1 Reuniões de planejamento das atividades (seminário e feira) constituintes da programação do Cordão de Peixe Boi .....	82
4.1.2.1.2 O seminário no Dia da Água.....	84
4.1.2.1.3 O Cordão do Peixe Boi e a Feira de Produtos Orgânicos.....	84
4.1.2.1.4 A dimensão ambiental associada à cultura local: a confecção de alegorias com material reciclável.....	99
4.1.2.1.5 Quanto ao processo do modo de trabalho: a organização das atividades do IAPAV.....	102
4.1.2.2 Os arrastões da quadra junina .....	106
4.1.2.3 O arrastão do Cordão da Cobra Grande.....	115
4.1.2.4 O Cordão do Gallo em Cachoeira do Arari: as ações socioeducativas preparatórias.....	121
<b>4.1.3 O Projeto Orube de Arte e Educação em Belém.....</b>	<b>141</b>
4.1.3.1 O II Encontro de Saberes de Ourém/Pará.....	147
4.1.3.2 As oficinas ; vídeos; palestras e dinâmica de grupo.....	151
4.1.3.3 O arrastão do Boi Orube.....	153
<b>5 RESULTADOS DO ENCONTRO ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CULTURA POPULAR NAS AÇÕES DO INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM.....</b>	<b>154</b>
5.1 O OLHAR DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	157
5.2 O OLHAR SOBRE OS PROCESSOS: O ENCONTRO ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CULTURA NAS AÇÕES DO IAPAV .....	161
<b>6 ALGUMAS CONCLUSÕES.....</b>	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>165</b>
<b>ANEXO - O ESTATUTO SOCIAL DO INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM....</b>	<b>171</b>

## 1 MEMORIAL

Para iniciar as discussões relativas ao objeto da presente dissertação, faremos a apresentação do memorial da autora com o objetivo de apresentar as motivações objetivas e subjetivas para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

Quando crianças, por volta de 1960, a autora e suas irmãs foram alfabetizadas pela professora do bairro, em sua modesta casa, onde também as crianças da vizinhança recebiam os ensinamentos dessa mestra diletante com muito carinho e dedicação. Em casa o reforço era dado pela tia, que apresentou as cartilhas de matemática, de português, onde a autora e suas irmãs decoravam as “contas de mais, de menos, de vezes e de dividir” e aprendiam a soletrar u-vê-a-vá que uma das irmãs respondia com entusiasmo: “fruta”!

O avô materno, por sua vez, um caboclo de Maracanã<sup>1</sup> que fugiu a cavalo com a avó, portuguesa de Barcelos<sup>2</sup>, para casar - porque o sogro não permitia a união - apaixonado por festas juninas, se encarregava de repassar aos netos, mesmo sem se dar conta, as primeiras noções de cultura, através de suas histórias sobre os “encantados”<sup>3</sup> da Ilha de Algodoal<sup>4</sup> e também por ser um talentoso construtor de brinquedos confeccionados com lixo reutilizável, como por exemplo, miniaturas de boi bumbá feitas de papelão, latas, restos de tecidos, etc. Outrora, o avô foi uma espécie de “produtor cultural” no bairro, realizando no quintal de sua

---

<sup>1</sup> O município de Maracanã pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e à Microrregião do Salgado. Para outros dados, ver em referências: Pará. Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental. Estatística Municipal- Maracanã (2011).

<sup>2</sup> Inserida na área da Costa Verde, Barcelos é uma cidade tranquila, situada no norte de Portugal, com cerca de 126.000 habitantes e está rodeada por uma bela paisagem que envolve o rio Cávado. A região é reconhecida pela sua gastronomia e artesanato, principalmente cerâmica. O galo, bem conhecido, de Barcelos, é um símbolo nacional de turismo, juntamente com a Lenda do Galo. Informações contidas em Welcome to IPCA- Instituto Politécnico do Cávado e da Ave (ver referências).

<sup>3</sup> Os mitos amazônicos, os “encantados” que habitam as “encantarias” (olimpo submerso nas águas dos rios da Amazônia), são compreendidos por sua aparência estetizada e por meio dela garantem a força abstrata de sua duração[...] Revelam-se como imagens de pura aparência ( Loureiro, 2007:26).

<sup>4</sup> A ilha de Maiandeuá, também conhecida como Ilha de Algodoal, localiza-se na parte mais extrema do arquipélago que fica ao Norte do município de Maracanã. Situa-se na Microrregião do Salgado, a 300 km de Belém e nela se encontram as vilas de Algodoal, Camboinha, Mocooca e Fortalezinha, distribuídas em uma área de 2.378 ha. Maiandeuá tem praias salgadas de areia muito branca, lagos de água doce, onde, segundo o imaginário local, num deles vive uma princesa que encanta todos que por lá passam. Para mais informações ver em referências: Figueiredo; Santana ( 2010).

casa, num terreno repleto de árvores frutíferas em frente a um quartel militar no Bairro de Nazaré<sup>5</sup> em Belém, festas juninas que primavam pela beleza, alegria e ordem, em que todos participavam voluntariamente da construção da festa.

O pai da autora, músico profissional (violinista) e desenhista de gráfica, conseguiu passar num concurso do Banco do Brasil e saiu com a família da casa dos avós maternos para morar de aluguel na casa vizinha. Aí, então, ganhando mais no banco, largou a música por um salário melhor e seguiu a carreira de bancário, além de entrar para escola de engenharia, graduando-se, embora pouco tenha exercido a profissão, continuando bancário até se aposentar.

O pai colocou a autora e irmãs para estudar numa escola suíço-brasileira, perto de casa, onde as diretoras suíças impunham uma educação onde a disciplina rígida e o respeito à autoridade eram questões de ordem e a violação às normas significava a ameaça de um castigo num “quarto escuro”, que vivia fechado. Lá a autora iniciou o francês, aprendeu a rezar a Ave Maria (em francês) e a cantar hinos patrióticos. Lá também aprendeu a competir, para ver quem fazia as tarefas das aulas de matemática com mais rapidez, e, principalmente, que tinha que “se conformar”, devido às circunstâncias, em ser um segundo, um terceiro ou até um último lugar, lembrança de frustração que a perseguiu durante muitos anos, pois jamais conseguiu fazer as contas matemáticas no tempo estipulado pela professora, além de ter como colega uma aluna invencível na matemática. Mas um fato que lhe chamou atenção no cotidiano dessa escola era a discriminação com as crianças oriundas de famílias humildes, o que era revelado pela benção e carinho da diretora aos mais privilegiados, filhos da elite local, quando de suas esporádicas visitas às salas de aula.

O pai formou-se em engenharia e começou a construção de uma casa em parte do terreno dado à sua mulher pelos pais dela. A autora terminou o ensino primário e passou no exame de admissão para uma escola estadual em 1967, porque o pai, ex-aluno de um antigo colégio estadual acreditava que a escola pública ainda tinha um ensino melhor. Ali conheceu os movimentos estudantis e futuros artistas regionais, com quem se envolveu numa relação de amizade artística e especialmente musical. Seus colegas, dessa vez, eram pessoas como ela própria,

---

<sup>5</sup> Bairro nobre em Belém, situado na parte Leste da cidade, onde está situada a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré

de origem humilde, e foi neste colégio - onde fez o ginásio e o científico até o segundo ano, saindo apenas para fazer o “combinado” (cursinho de vestibular e terceiro científico) num Colégio Marista, que viveu os anos mais agradáveis de sua vida estudantil. Teve aulas de inglês, francês, de canto, tocou na banda marcial da escola e participou de apresentações musicais no auditório do colégio e de canto orfeônico, em competições acirradas entre as escolas públicas da época.

Passou no vestibular em Arquitetura em 1974 para Universidade Federal do Pará (UFPA), e lá tomou contato mais próximo com a realidade política do país, participando do diretório estudantil e desenhando charges para o jornal do diretório, mas logo o medo da perseguição veio com força para quem não conhecesse ou entendesse o termo “cale-se” imposto pela ditadura militar (1964-1985). O jornal foi tirado de circulação e muitos colegas sofreram perseguições e até torturas por conta de seus posicionamentos contrários ao regime vigente. E assim foi até formar-se em 1979, na época da abertura política. De 1981 a 1983, foi estudar Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), curso do qual o coordenador era o arquiteto e urbanista José Geraldo da Cunha Camargo, que foi um dos projetistas do urbanismo rural planejado como estratégia de colonização da região Amazônica durante as décadas de 60 e 70 do século XX, e autor de algumas cidades às margens da Rodovia Transamazônica, a BR-230, como proposta do “desenvolvimento” pretendido para a região. Especializou-se em urbanismo, voltou para Belém, foi trabalhar com patrimônio cultural no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), fazendo então especialização nesta área.

No final da década de 80, teve a oportunidade de passar uma temporada de dois anos em uma cidade do Sul da França. Foi a primeira vez que a autora saiu do Brasil para outro continente, para um país com uma realidade distinta da sua e levando consigo hábitos de nativo amazônico brasileiro. Naquele momento, embora não faltasse a compreensão de que nada é para sempre, tinha a visão equivocada, ou um pensamento otimista, de que nosso planeta tinha natureza em abundância e que os recursos naturais nunca iriam faltar, tendo em vista que o meio ambiente onde vivia é rico de águas e florestas, com uma visão privilegiada de rios onde não se avista a outra margem. Quando lá chegou foi habitar num bairro onde um rio era muito importante para a população local, estreito, mas limpo e belo, ladeado de árvores, com uma ambiência agenciada para valorizá-lo. Essa imagem remeteu à

vista aérea dos rios amazônicos que serpenteiam entre a massa florestal, quando o avião vai aterrissar em Belém. Lembrou também os canais urbanos imundos, outrora belos rios ou igarapés que se tornaram esgotos a céu aberto. As diferentes maneiras de tratar o meio ambiente a fizeram refletir sobre o futuro do planeta: será que o cuidado pelo meio ambiente demonstrado por esse povo não decorreu de uma tentativa de resgate do que haviam perdido na história da evolução de sua cidade? Na França, a autora reproduziu alguns hábitos compatíveis ao seu lugar, de clima quente e úmido, como tomar o mesmo número de banhos que em Belém tomava por dia, em pleno inverno europeu, até quando recebeu a primeira conta de água, que lhe valeu vários meses de aperreios financeiros.

Nessa cidade havia reciclagem de lixo, o que passou a praticar sob a forte influência do meio, adaptando-se aos poucos a outra realidade. Longe do próprio país, teve noção do que é enxergar o meio ambiente em que vivemos como parte de um sistema maior, que é o nosso planeta, para que hoje nesse mundo globalizado possamos sobreviver.

Voltando ao Brasil, até hoje vem trabalhando com arquitetura e urbanismo na prefeitura da UFPA, cujo Campus Universitário é uma das janelas para o rio Guamá, uma cidade inserida em outra maior, um laboratório para a formação intelectual do homem amazônico, o espaço construído por este dentro do seu próprio contexto regional.

Neste memorial a autora procurou explicar o interesse em desenvolver uma pesquisa envolvendo Educação Ambiental (EA) e Cultura e recorda sua infância em um momento histórico de sua vida estudantil. Apesar de não pertencer à área da pedagogia, o mestrado profissional de cunho interdisciplinar permitiu enveredar em outro campo do conhecimento. Embora seu envolvimento com as áreas da tecnologia (pela formação profissional em arquitetura e urbanismo); do patrimônio cultural (pela especialização em patrimônio cultural) e da música (por diletantismo), teve uma história de vida que se passa também num momento de violência repressiva, privatização e reforma universitária.

Mesmo que alguns pesquisadores não acreditem que a escola forme cidadãos e cidadãs críticos, experiências realizadas pelo Brasil, inclusive na Amazônia, mostram o contrário. É certo que hoje se observa uma mudança a nível local de organização nos movimentos sociais, nas escolas, nas Ong's, etc, na busca

do entendimento da complexidade da vida planetária. Para Reigota (2010, p.24), a participação dos cidadãos e cidadãs, em nível individual ou em Ong's e movimentos, na construção de uma sociedade mais justa e ecologicamente sustentável, tem sido crescente e a sua importância é indiscutível.

Sobre a escola e a formação dos cidadãos e cidadãs plenos para um novo modelo de desenvolvimento, Reigota, em sua entrevista a HistoriaNews.Org (HN)<sup>6</sup> ressalta que não existe “um” modelo de escola, mas sim vários, citando como exemplo as do interior do Amapá (nas comunidades do Carvão e do Pacuí) que têm dado uma grande contribuição à sociedade, além dos professores e professoras de várias partes do Brasil que estão engajados nas mudanças sociais e que têm claro a dimensão política de sua atividade pedagógica, o que demonstra que a escola pode, sim, formar cidadãos e cidadãs críticos.

Um exemplo da importância da escola nas Amazônias é o trabalho na Amazônia acreana, evidenciando a realidade educacional, social e ambiental da comunidade ribeirinha do Miritizal, situada às margens do rio Juruá, no Município de Cruzeiro do Sul, no Acre, onde os professores na escola ribeirinha buscam incorporar a temática ambiental nos conteúdos programáticos de suas disciplinas e o desenvolvimento de projetos com temas relacionados à Educação Ambiental (Santos; Trein, 2010, p.181-200).

No contexto das relações entre homem e meio ambiente, nos anos de 1960, as agressões ao meio ambiente já eram assunto de discussões sobre crescimento econômico relacionado aos impactos ambientais, assunto nos grandes encontros sobre a questão ambiental. Desses destacam-se o Clube de Roma e a Conferência de Estocolmo (1972), onde o “crescimento zero” proposto pelos países desenvolvidos foi interpretado como inviável, pois limitava o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos. No Brasil, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento a Rio-92, evidenciou-se o agravamento da realidade do planeta e das perdas socio-ambientais. Durante muito tempo a diversidade e o valor intrínseco da capacidade humana foram ignorados, perdendo-se, assim, o processo transformador da sociedade e, em consequência, a educação não foi pensada com profundidade dentro e fora da escola.

---

<sup>6</sup> Entrevista exclusiva com o Professor Marcos Reigota em HistóriaNews.Org, em 14 de fevereiro de 2012. Para mais informações ver Referências.

Na década de 1980, o assunto importante no histórico das políticas de meio ambiente foi a definição de desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, em Belém, em 1987, no ano em que a autora partiu para a temporada na França, surge o grupo Arraial do Pavulagem, constituído por músicos e artistas locais, numa “brincadeira” que acontecia nos domingos da quadra junina, em frente ao Teatro Waldemar Henrique, na Praça da República, em Belém, inspirada num “boizinho na tala”, em reuniões musicais com repertório variado, incluindo, aí, o boi bumbá. Com o tempo, o Arraial foi ganhando muitos simpatizantes, vindo a se tornar uma vigorosa manifestação cultural na cidade.

Após 2000, em meio a um processo intenso de globalização, crescimento urbano exorbitante e preocupação com escassez de recursos naturais, surge, em 2003, o Instituto Arraial do Pavulagem (IAPAV) que, com suas ações socioeducativas e ambientais através das práticas culturais, alegria a cidade nos acontecimentos festivos durante o ano. O estudo que ora se propõe fazer é sobre as ações socioeducativas e ambientais deste Instituto em Belém e, também, no interior.

O tema para o desenvolvimento da pesquisa foi sugerido durante uma apresentação de projetos de EA, em 2010, do Grupo de Estudos de Educação, Cultura e Meio Ambiente (GEAM/ UFPA), em uma reunião de Planejamento e Avaliação, em 25 de Fevereiro de 2011, da qual a autora participou como mestranda do Programa de Pós Graduação em Recursos Naturais e Desenvolvimento Local (PPGDAM), onde novos projetos como “Educação, Cultura, Meio Ambiente e Direitos Humanos”, foram apresentados.

Nesta proposta, um dos temas a serem pesquisados pelo GEAM envolveu as práticas culturais e de EA do Instituto Arraial do Pavulagem<sup>7</sup>, na cidade de Belém do

---

<sup>7</sup> Pavulagem significa fanfarrão, conforme o Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda. Há uma explicação do termo usado em Belém: “é um jeito caboclo de falar, significa empáfia, uma certa frescura”, em Wordreference.com (ver nas referências). Também um neologismo originário de pavão, ave bonita e pomposa e que gosta de aparecer. Cita-se também Houaiss (um dicionário de língua portuguesa elaborado pelo lexicógrafo brasileiro Antônio Houaiss), que indica que “pavulagem ou pabulagem” significa confiança excessiva em si mesmo; fatuidade; presunção; atitude de quem conta bravatas; fanfarrice ou mentira artilosa. Conforme o entrevistado 1 desta pesquisa, Rui Baldez, já falecido, integrante e um dos criadores do grupo, foi ele quem trouxe este termo, no sentido da beleza, da formosura do pavão, embora nos ditos populares a palavra pavulagem signifique “metido a besta”. Para o grupo, segundo entrevistado 1, o significado adotado para o termo é mesmo o da beleza e da formosura atribuída à ave, de acordo com o pensamento do saudoso Rui Baldez.



Pará, no Conjunto Satélite<sup>8</sup>, o Projeto Orube de Arte e Educação (POAED) e em municípios como Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, e na Vila do Prata, em Igarapé Açu<sup>9</sup>, tema que interessou no sentido de conhecer e entender, a partir da pesquisa científica, o trabalho do Instituto, cujas manifestações culturais, usando como ferramentas a música, o canto, a dança, as artes plásticas e as artes cênicas, interessam ao cenário social, político e econômico do Estado. A proposta do Instituto é realizar a EA praticando a inclusão social, levando em conta um elo entre os seres humanos e a natureza, potencializando a importância da cultura amazônica, e incentivando a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental, pelo estímulo à construção de valores éticos, voltados à solidariedade.

O Grupo GEAM<sup>10</sup>, coordenado pela Professora Doutora Marilena Loureiro da Silva, possui atualmente quatorze anos de experiência na área da EA, demonstrando preocupação com as questões socioambientais amazônicas. Iniciou suas atividades em 1998, com proposta pautada na interdisciplinaridade como base para estudos e pesquisas na área de EA e desenvolvimento sustentável na Amazônia. O projeto pioneiro foi voltado para o ensino de graduação, Projeto Integrado de Educação Ambiental Universidade e Vida, inserindo a EA nos currículos de diversos cursos da Universidade Federal do Pará.

Em 1999 o GEAM instituiu o Núcleo Eletivo de EA nos Campi de Belém e interior. Estabeleceu discussões interinstitucionais com vários órgãos que tratam de questões educacionais e ambientais nos três níveis de governo e fez parceria internacional com a Universidade de Strhatyclide, da Escócia, a qual integrou o Fórum Paraense de EA, criado a partir de debates estabelecidos pela Universidade e órgãos ambientais e educacionais.

Em 2008, teve suas experiências discutidas na UFPA no I Encontro de Educação Ambiental na UFPA: os dez anos do GEAM e II Encontro de Educação

---

<sup>8</sup> Conjunto que possui uma história no desenvolvimento da cidade. O Conjunto Satélite, construído entre 1970 e 1984, foi um dos arranjos de habitação social no Município de Belém, na área da Rodovia Augusto Montenegro, promovidos pelo Governo do Estado do Pará para servidores civis. Para outras informações ver em Referências LIMA (2002).

<sup>9</sup> Vila do Prata, localidade do Município de Igarapé Açu, localizado no nordeste do Pará, na Micro-Região Bragantina

<sup>10</sup> Foram consultadas informações contidas no site do GEAM ([www.geam.com.br](http://www.geam.com.br)).

Ambiental em Belém, que tiveram como objetivo apresentar experiências em EA no contexto universitário em Belém e nos demais municípios sede dos *campi* da universidade, visando contribuir com a consolidação da trajetória teórico-prática da EA na Amazônia, assim como proporcionando articulação e diálogo entre essas experiências, tanto em âmbito da EA formal quanto da informal e na gestão ambiental.

A produção do grupo é significativa, realizando trabalhos com temáticas voltadas para a pesquisa, ensino e extensão, como: desenvolvimento de programas de EA na Amazônia sobre a lógica de cooperação internacional e suas consequências para sustentabilidade regional; incentivos às atividades de iniciação à docência por meio de ensino e pesquisa nas escolas públicas do Pará; concepção, estudos e práticas de EA e gestão ambiental no Terminal Miramar e entorno e ainda em Vila do Conde (Barcarena); desenvolvimento de estudos acerca de concepções e políticas curriculares de EA, sob o enfoque interdisciplinar para melhoria dessas práticas em duas escolas de Belém. Além disso, produz material didático (cartilhas); atua nas linhas de pesquisa em áreas das políticas públicas e da gestão ambiental; promove cursos de aperfeiçoamento em EA através da modalidade educação à distância; possui vários programas nas áreas de segurança e saúde, capacitação de mão de obra, comunicação social e educação ambiental.

Em 25 de abril de 2011 houve na UFPA um seminário promovido pelo grupo para troca de experiências em EA, que contou com a presença de um músico (entrevistado 1 deste trabalho) representando o IAPAV e do representante do Ministério da Cultura (MINC). Nesse evento foi ressaltada a importância do diálogo da EA com outros campos de estudo, no caso com a cultura, uma vez que é uma proposta nova para o grupo. Para o músico convidado (entrevistado 1) é fundamental o apoio da Universidade para o trabalho desenvolvido pelo Instituto, no sentido de respaldar as ações de EA praticadas através de seus projetos no âmbito da cultura no Pará.

## 2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO EDUCAÇÃO POLÍTICA

### 2.1 PROBLEMA

O problema que se coloca nesta pesquisa é o seguinte: de que forma as ações de Educação Ambiental (EA), realizadas por meio das práticas culturais promovidas pelo IAPAV se relacionam com princípios teóricos e metodológicos de EA, considerando a EA como uma educação política, capaz de despertar o cuidado com o meio ambiente e mudanças de postura nos sujeitos envolvidos, proporcionando a participação livre, consciente e democrática dos mesmos e satisfação e melhoria de qualidade de vida.

### 2.2 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

O objetivo geral da pesquisa é narrar, descrever e discutir à luz dos princípios teóricos e metodológicos de EA como educação política, as ações socioeducativas e ambientais existentes nas práticas culturais promovidas pelo IAPAV, as quais foram realizadas em Belém, em Ourém e em Cachoeira do Arari.

A EA como educação política significa, conforme Reigota (2009, p.13), considerar prioridade:

A análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza, e as relações entre os seres humanos, visando superar mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos.

A pesquisa tem como objetivos específicos: narrar as ações socioeducativas por meio de práticas culturais realizadas pelo IAPAV e suas relações com a problemática socioambiental; descrever os elementos constitutivos dessas ações; interpretar as percepções dos participantes; e analisar os principais resultados das mesmas para os sujeitos envolvidos.

Apesar da existência de trabalhos acadêmicos sobre o Arraial do Pavulagem, pouco dessa literatura ofereceu interpretações que considerassem a EA como dimensão de análise das ações do IAPAV, portanto este trabalho é mais uma contribuição para demonstrar a importância da discussão dessas ações, no sentido

de buscar fundamentação para uma perspectiva da prática pedagógica de realizar a EA através das práticas culturais.

A pesquisa é importante ainda no sentido de compreender e indicar novas perspectivas nas questões de cultura e meio ambiente, havendo inclusive a possibilidade de utilizar a trajetória da mesma para pesquisas em outras localidades do Pará, e particularmente para o IAPAV, fornecendo subsídios para uma reflexão sobre EA como educação política, tendo em vista o objetivo contido em seu estatuto que é de “contribuir e gerar desenvolvimento pleno as comunidades urbanas e rurais da Região Amazônica, nos aspectos social, cultural e ambiental; valorizando e fortalecendo organizações da sociedade civil e grupos minoritários ligados às manifestações populares amazônicas, prioritariamente em questões referentes à educação, produção e experimentação criativa e econômica, em concordância com seus objetivos e finalidades”<sup>11</sup>.

### 2.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA: AS AÇÕES DO INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM (IAPAV)

No contexto desta pesquisa serão estudadas as ações do IAPAV em Belém e no interior, em Cachoeira do Arari, município situado na Ilha do Marajó, onde ocorre ano a ano o Cordão do Gallo com a participação de crianças vinculadas ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), à banda João Vianna, à Escola de Música Padre Giovanni Gallo, ao grupo de sócios mirins do Museu do Marajó, a grupos folclóricos locais e de escolas públicas do município.

Em Belém o IAPAV promove as seguintes ações: o Cordão do Peixe Boi; os arrastões da quadra junina (Arrastão do Boi Pavulagem - Boi Azul) e o Arrastão da Cobra Grande, durante o Círio de Nazaré.

No Conjunto Satélite, no Bairro do Coqueiro, em Belém, o Projeto Orube de Arte e Educação (POAED), projeto de extensão do IAPAV, realiza um trabalho local com crianças e jovens moradores do conjunto e de outros conjuntos situados no entorno, com atividades próprias e em parceria com o IAPAV. Em Ourém, realiza

---

<sup>11</sup> Estatuto Social do Instituto Arraial do Pavulagem, Capítulo I, Artigo 2º, cedido gentilmente pelo Sr Rubens Stanislaw, integrante do Instituto Arraial do Pavulagem.

uma ação chamada “Encontro de Saberes” anualmente, em uma escola estadual localizada naquele município.

## 2.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta dissertação está estruturada em seis partes.

Na introdução, apresenta-se o memorial da autora procurando explicar o interesse em desenvolver o tema apresentado no seminário do Grupo de Estudos de Educação, Cultura e Meio Ambiente (GEAM/ UFPA), destacando-se a importância do trabalho desenvolvido por este grupo na UFPA. A segunda parte trata das motivações para o estudo das práticas culturais do IAPAV e suas articulações com a EA, vista como educação política, descrevendo o problema, os objetivos e justificativas, a delimitação e a estrutura da pesquisa, e a metodologia utilizada.

A parte seguinte trata do referencial teórico e seus inter cruzamentos, citando os autores consultados em cada tema abordado, como educação ambiental; cultura e cultura amazônica; e meio ambiente, construindo um resumo com base nos conceitos, justificativas e características pertinentes ao tema, com as fontes devidamente citadas. Nesta terceira parte, discorre-se sobre os eventos relacionados à problemática ambiental e a EA como educação política.

A seguir, aborda-se o contexto da pesquisa e seu desenvolvimento, cujos itens referem-se à educação e “cultura nas ruas”, fazendo o levantamento da situação relacionado às ações socioeducativas e ambientais do IAPAV; às relações do Instituto com o território; aos arrastões na cidade e nos interiores do Pará, como Cachoeira do Arari, no Marajó, e Ourém, através de seus respectivos projetos de cunho socioambiental nesses municípios.

A quinta parte apresenta os resultados da pesquisa realizada, ou seja, do encontro entre a EA e cultura nas ações do Instituto: o processo educativo associado à conservação das práticas artesanais. Na última parte são apresentadas algumas conclusões a partir do que se apreendeu dos resultados sobre o trabalho. Além disso, são apresentadas as referências bibliográficas e anexo.

## 2.5 METODOLOGIA

Este trabalho possui características de uma descrição etnográfica interpretativa. Para Geertz (2011, p.13), cujos conceitos são baseados na antropologia, uma boa interpretação de qualquer coisa - um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade - leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar. Optou-se pela metodologia qualitativa, por enfatizar as especificidades do fenômeno estudado, no caso o desdobramento do trabalho de um grupo musical que evoluiu para um Instituto o qual, com suas ações, mobiliza a sociedade em torno de uma proposta de unir cultura e educação ambiental, esclarecendo sobre sua origem e a razão de sua existência (HAGUETTE, 2005, p. 63).

No desenvolvimento da pesquisa, houve uma preocupação com o processo, onde o envolvimento com a situação possibilitou a apreensão da realidade a partir do olhar dos entrevistados. Assim procurou-se entender, por meio de informações preliminares obtidas nos meios de comunicação, as ações desenvolvidas e os pesquisados, para saber qual era o sentimento do grupo e dos participantes do processo, individualmente.

A pesquisa foi caracterizada como qualitativa, de natureza exploratória. Foi realizada pesquisa de documentos escritos e não foram encontrados muitos dados escritos (fontes primárias); foram então selecionados: o estatuto do IAPAV; um relatório do Projeto Orube de Arte e Educação e um trabalho de conclusão de curso sobre o Grupo Arraial do Pavulagem, embora exista um vasto conteúdo informativo de outra natureza, encontrado no meio virtual, na internet, em blogs e nos sites de relacionamento, assim como nos jornais locais, os quais, filtrados, forneceram importantes informações. O site do Instituto apresenta diversas notícias sobre os eventos, fartamente ilustradas com fotos e vídeos, entrevistas, assim como o blog do Projeto Orube de Arte e Educação, além das redes virtuais de relacionamento, onde há uma corrente permanente de informações dos seguidores e admiradores do grupo Arraial do Pavulagem.

Foram utilizadas nesta pesquisa as seguintes técnicas da metodologia qualitativa: levantamento de fontes documentais; pesquisa bibliográfica;

levantamento de documentação direta através da observação participante e das entrevistas.

Na pesquisa bibliográfica e documental, procurou-se entrar em contato direto com o que foi escrito, dito ou filmado, publicado ou gravado acerca do assunto, e assim foram pesquisados: informações sobre o tema na internet, livros, jornais, artigos e dissertações nas bibliotecas da UFPA.

Na obtenção da documentação direta, para o levantamento dos dados, partiu-se para os trabalhos de campo, narrando tudo que se poderia apreender na pesquisa, transcrevendo entrevistas, fatos, circunstâncias, numa tentativa de captar o máximo de informações que mostrassem de que modo essas pessoas envolvidas nas atividades do IAPAV vivem, se relacionam e interagem, verificando mudanças que possam se traduzir na qualidade de vida dessas pessoas.

Para Marconi e Lakatos (2010, p. 69) a pesquisa de campo objetiva conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

O envolvimento com os atores participantes das ações do Instituto, nos espaços onde elas acontecem, permitiu o encontro, a descoberta e a surpresa diante da criatividade e da solidariedade compartilhada por todos, sem distinção de raça, sexo ou nível cultural, todos unidos na busca da liberdade e com o propósito de construir algo positivo de mudança em suas vidas e em confraternização com a vida planetária.

Para Haguette (2005, p.58-59), o meio circundante de qualquer pessoa consiste unicamente dos objetos que essa pessoa reconhece. Para se compreender as ações das pessoas se faz necessária a identificação de seu mundo de objetos. Nesse sentido, “a vida em grupo representa um processo de formação, sustentação e transformação de objetos cujos sentidos se modificam através da interação, modificando conseqüentemente a vida dessas pessoas”.

Nesta pesquisa a participação foi elemento integrante da realidade estudada para observar e compreender a participação grupal nas atividades lúdicas. Dessa forma os ambientes das ações do IAPAV foram as fontes diretas dos dados.

Quanto à observação, esta se constitui na técnica fundamental da antropologia, usada para conseguir informações e utiliza os sentidos para obtenção

de determinados aspectos da realidade. Além de ver e ouvir; examina os fatos e fenômenos que se deseja estudar (Marconi e Lakatos, 2010, p.76).

A observação nessa pesquisa foi direta, intensiva e foi realizada pelas técnicas da observação participante e da entrevista. Decidindo impulsionar a pesquisa partiu-se, numa primeira instância, para as entrevistas com as lideranças do IAPAV e POAED: ex-presidente do IAPAV, hoje conselheiro, consultor cultural, músico, dentre outras atividades (entrevistado 1) e a coordenadora do Projeto Orube de Arte e Educação (entrevistado 2), respectivamente. A construção da realidade das ações do IAPAV foi baseada não só nessas entrevistas, mas em entrevistas com outros membros do grupo e observações no campo de pesquisa.

A observação participante<sup>12</sup> é uma técnica onde o pesquisador deve compartilhar nas atividades de vida e sentimentos dos sujeitos envolvidos. Para Haguette (2005, p.59), é o método por excelência dos estudos interacionistas, pois “a forma mais apta à captação da realidade é aquela que propicia ao pesquisador “assumir o papel do outro” e ver o mundo através dos olhos dos pesquisados”

Desde o início do ano de 2011, nas atividades preparatórias para uma das manifestações culturais trabalhadas pelo IAPAV, o Cordão do Peixe Boi, houve participação ativa nas atividades do Instituto Arraial do Pavulagem, observando, descrevendo, fotografando e filmando as diversas manifestações promovidas pelo Instituto, sendo esta maneira considerada a mais indicada para uma abordagem exploratória sobre o tema pesquisado.

O envolvimento com as ações socioeducativas do Instituto começou no Seminário de 23 de março de 2011, o qual antecede o arrastão do Cordão do Peixe Boi, que se chamou “Seminário Cultura e Meio Ambiente”, na sede do Instituto, onde foram tratados temas relacionados à água, em alusão ao Dia Mundial da Água (22 de Março). Este evento contou com um público significativo, diversificado, interessado e atuante. A música, como é de praxe nas ações do Instituto, constituiu o momento mais esperado, normalmente com uma surpresa, que neste evento foi a mostra de músicas sobre a temática da água, de compositores nacionais e locais.

A atividade de pesquisa foi iniciada por meio da observação participante com intenção de uma aproximação, de modo a aprofundar o conhecimento do processo

---

<sup>12</sup> Anotações de aula da disciplina Bases Metodológicas para pesquisa, diagnóstico e planejamento no Desenvolvimento Local.



da ação estudada. Inicialmente pretender-se-ia estudar as ações em Belém, porém pensou-se que seria enriquecedor não limitar as ações em Belém e sentir o trabalho do IAPAV nos interiores do Pará. Houve participação nos cortejos em Belém e no interior, em Cachoeira do Arari e em Ourém<sup>13</sup>.

No ano de 2012, participou-se das atividades que antecedem o arrastão do Cordão do Gallo, no Município de Cachoeira do Arari, começando ainda em dezembro de 2011, pelo show solidário III Noite do Cantagallo, realizado no Teatro Margarida Schivazzapa em 12 de dezembro de 2011, composto de educadores culturais, músicos, poetas, artistas plásticos, mestres de cultura popular, grupos de carimbó e parafolclóricos, para arrecadar brinquedos, roupas, agasalhos e alimentos não perecíveis para o Natal das crianças carentes das comunidades da Pedreirinha (Bairro do Guamá), Satélite (entorno do lago do Utinga) e para crianças e adolescentes do Município de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó ( trabalho voluntário promovido pelo Instituto Arraial do Pavulagem, em parceria com a Fundação Curro Velho, através do projeto Caixa de Boi Bumbá - Tecnologia e Saberes do Marajó).

No Seminário para o Cordão do Peixe Boi, em 22 de março de 2012, Dia da Água, em que a autora estava representando a UFPA através do GEAM, houve participação nas reuniões sobre o seminário e na feira de produtos orgânicos, uma vez que a universidade foi uma das parceiras nessas ações. A participação se estendeu ao arrastão do Cordão do Peixe Boi, realizado em 25 de março de 2012, o que finalizou o ciclo das pesquisas para a dissertação.

A entrevista é o encontro entre duas pessoas onde uma das partes busca obter do outro informações sobre determinada questão ou assunto. O entrevistado expõe seus conhecimentos e o entrevistador pode observar o comportamento da pessoa e a linguagem corporal pode ser utilizada pelo pesquisador para uma melhor compreensão das informações (MARCONI e LAKATOS, 2010, p.80-83).

Na pesquisa foram utilizadas as entrevistas do tipo despadronizadas e não dirigidas, para obter um perfil dos sujeitos participantes do IAPAV; obter informações gerais sobre o fenômeno pesquisado; determinar opiniões e percepções sobre as

---

<sup>13</sup> Houve participação no Cortejo do Cordão do Peixe Boi em 27 de março de 2011; nos cortejos (arrastões) do Grupo Arraial do Pavulagem, durante a quadra junina; no Arrastão do Cordão da Cobra Grande, durante o Círio de Nazaré; em 16 e 17 de dezembro de 2011- atividade do Projeto Orube; e no Projeto Cordão do Gallo - Tecnologias e Saberes do Marajó, em Cachoeira do Arari, de 12 de dezembro de 2011 a 18 de janeiro de 2012.

ações do IAPAV no âmbito da EA, cultura e meio ambiente. Quanto aos depoimentos e entrevistas:

- Foram filmados e transcritos três depoimentos com integrantes do Instituto Arraial do Pavulagem: um músico, compositor e um dos idealizadores do IAPAV (entrevistado 1); a coordenadora do Projeto Orube de Arte e Educação- POAED, (entrevistado 2); e um produtor cultural do Instituto (entrevistado 3)
- Foi entrevistado e filmado o artesão responsável pelas alegorias dos cortejos, principalmente o do Cordão do Peixe Boi, que respondeu sobre a reutilização de lixo reciclável como garrafas pet e outros materiais, (entrevistado 4).
- Foi entrevistado e filmado o responsável por oficinas de confecção de instrumentos de percussão no âmbito das ações do Instituto, que respondeu perguntas sobre a reutilização do lixo reciclável (caixas de pinho), usadas no Cordão do Gallo, em Cachoeira do Arari (entrevistado 5).
- Foram entrevistados através de um roteiro de perguntas, cinco colaboradores do Instituto Arraial do Pavulagem em Cachoeira do Arari, no Marajó, durante o Cordão do Gallo (entrevistados 6, 7, 8, 9, 10).
- Foram entrevistados oito integrantes do Projeto Orube durante o II Encontro de Saberes em Ourém (dos 34 jovens no encontro) que responderam um roteiro com perguntas, além da diretora (entrevistado 11); do coordenador da Fundação Cultural de Artes e Esportes “Mundico & Manôla” (FUNCARTEMM) e incentivador cultural (entrevistado 12), e de um professor da EEEM Socorro de Oliveira Rocha, colaborador do Projeto Orube (entrevistado 13), que teve seu depoimento filmado e transcrito.

Vale ressaltar que, durante a pesquisa, faleceu Evaldo Gomes Maciel, ainda com um roteiro desta pesquisa em seu poder. Perdeu-se assim o depoimento do tradicional criador e artesão do Boi Malhadinho e do Boi Pavulagem.

Foram realizadas ainda entrevistas e filmagens de mais participantes e colaboradores, alguns desde o início dos trabalhos do Instituto, que falaram de suas contribuições às ações abordadas nesta pesquisa. Assim forneceram seus depoimentos os demais colaboradores:

- O vice-presidente do IAPAV, (entrevistado 14).
- Uma integrante do grupo de percussionistas do Batalhão da Estrela (entrevistado 15) e sua mãe, ex-integrante do Batalhão da Estrela (entrevistado 16), que falou um pouco dos problemas relacionados à segurança nos cortejos. A integrante do Batalhão da Estrela é pedagoga, professora da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), ex-dançarina de carimbó do Grupo Sancari<sup>14</sup>, que falou com muito entusiasmo de sua participação nas ações do IAPAV e da “Moda Pavulagem”, da qual é uma das que mais se destaca, com criações materializadas pela habilidade da costura de sua mãe e de sua avó.
- A artesã, carnavalesca e viúva do Mestre Evaldo Gomes Maciel, que confecciona atualmente os bois Pavulagem e Malhadinho, que conta a história do entrosamento dos citados bois (entrevistado 17).
- A coordenadora do segmento das bandeiras, colaboradora nas ações desde o início das atividades do grupo (entrevistado 18).
- A coordenadora da equipe de cavalinhos e cabeçudos em 2010, que participa há muitos anos das manifestações desde quando ainda o grupo não tinha se tornado a expressão cultural de hoje (entrevistado 19).

Os resultados deste processo de pesquisa serão apresentados nos capítulos seguintes da presente dissertação.

---

<sup>14</sup> Grupo de danças (carimbó) de Belém do Pará.

### 3 OS REFERENCIAIS TEÓRICOS E SEUS INTERCRUZAMENTOS

#### 3.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CULTURA E CULTURA AMAZÔNICA E MEIO AMBIENTE.

Para a discussão das categorias teóricas: **Educação Ambiental, Cultura e Cultura Amazônica e Meio Ambiente**, tomaram-se como referência os seguintes autores: Marcos Reigota (2008; 2009; 2010); Marilena Loureiro da Silva (2010); João de Jesus Paes Loureiro (2000; 2005; 2007); Clifford Geertz (2011); Carlos W.P. Gonçalves (2010); Roque Laraia (2009) e Enrique Leff (2010). Para metodologia foram consultados Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2010), e Tereza Maria Frota Haguette (2005). Foram consultadas também contribuições de outros autores como: Mauro Guimarães (2005); Inês e Marcos Ayala (1995) e José do Espírito Santo Dias Junior (2010).

##### 3.1.1 Meio Ambiente e Educação Ambiental

###### 3.1.1.1 Os eventos sobre a problemática ambiental

Desde o final da década de 1960, o mundo voltou sua atenção para o meio ambiente, o que impulsionou a evolução das políticas de meio ambiente, motivadas pela percepção dos efeitos globais da ação humana no planeta. Dentre os vários eventos no mundo sobre a problemática ambiental e a EA, destacam-se o Clube de Roma, em 1968, e a Conferência de Estocolmo, em 1972, nos quais essa problemática foi analisada na dimensão planetária, incluindo, nessa discussão, a EA.

Na década de 1980 houve o reconhecimento da importância dos ecossistemas e a preocupação com a saúde planetária, em virtude da crise financeira mundial, emissão de gases tóxicos, mudanças climáticas negativas e o acidente nuclear de Chernobyl, dentre outros problemas na década. No Brasil, foi promulgada a Constituição Federal de 1988, com um capítulo sobre o meio ambiente, no inciso VI do seu artigo 225, no capítulo VI, assegurando-o como bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade defender e preservar o meio ambiente para gerações presentes e futuras.

A década de 1990 caracteriza-se pelas tentativas de implementação do desenvolvimento sustentável, motivado pelos novos acontecimentos mundiais relacionados ao meio ambiente. No Brasil, em 1992, aconteceu no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente Desenvolvimento (ECO 92), em que foram adotados: a declaração de princípios do Rio de Janeiro, estabelecendo a tese ecocentrista (o homem como um dos elementos do meio ambiente); o princípio do desenvolvimento sustentável x crescimento econômico; a projeção do meio ambiente como parte integrante do processo de desenvolvimento; e a erradicação da pobreza .

Nesse evento também se adotou a Agenda 21; a Convenção sobre a Diversidade Biológica; a Convenção-Quadro sobre Alterações Climáticas e a Declaração de Princípios sobre Florestas. Em todo o mundo vários eventos demonstraram a preocupação com o desenvolvimento sustentável através de convenções, conferências, tratados, reuniões etc. Desde 1995 que representantes dos países do quadro signatário das Nações Unidas sobre mudanças do clima (UNFCCC), reúnem-se em encontros chamados Conferências das partes (COPs), e discutem as mudanças climáticas e seus efeitos no planeta.

Ainda nos anos 1990, a Declaração Mundial sobre Educação Ambiental para Todos, com objetivo de satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, foi aprovada na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jontien, Tailândia, em 1990.

Em 1991, no Brasil, o Ministério de Educação e Cultura editou Portaria 678/91, na qual se determina que a educação escolar deve contemplar a EA, permeando todo currículo dos diferentes níveis e modalidades de ensino. A portaria 2421/91 - MEC, instituiu um grupo de trabalho permanente de EA, para definir com as Secretarias Estaduais de Educação as metas e estratégias para implementação de EA no país e elaborar proposta de atuação do Ministério da Educação (MEC) na área de educação formal e não formal para a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Na Conferência Rio 92, houve um *workshop* promovido pelo MEC com o objetivo de socializar resultados de experiências nacionais e internacionais; e no Fórum Paralelo à Conferência, realizou-se a I Jornada Internacional de Educação Ambiental, onde se elaborou o Tratado de EA para sociedades sustentáveis e de responsabilidade global, cujos princípios

auxiliaram na redefinição do papel para Educação Ambiental mundial, aproximando-a mais da dimensão crítica e dos interesses dos movimentos sociais e ambientais (SILVA, 2008, p.98).

Em 1994, no Brasil, foi criada a Câmara Técnica temporária de EA no Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) determinante para o fortalecimento da Educação Ambiental.

Em 1996, a Lei nº 9276/96, que estabeleceu o Plano Plurianual do Governo 1996/1999, definiu objetivos da área de meio ambiente e a promoção de EA por meio de informações sobre tecnologias de gestão sustentável dos recursos naturais, instituindo o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA).

Em 1997, foi realizada a I Conferência Nacional de Educação Ambiental objetivando um diagnóstico do estado da arte da Educação Ambiental no Brasil, cujos principais resultados indicaram que os métodos mais utilizados se relacionavam aos projetos de participação comunitária, projetos pedagógicos e diagnósticos participativos. Na Região Norte constatou-se que o destaque era dado aos projetos pedagógicos, evidenciando a metodologia científica e pedagógica relacionada às questões ambientais.

Ainda em 1997, foi realizada em Thessaloniki a Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade, que foi antecedida por vários encontros internacionais. O Brasil apresentou a Declaração de Brasília para Educação Ambiental, documento consolidado após a Conferência Nacional de Educação Ambiental, citada no parágrafo anterior.

Em 1999, no Brasil, a Lei nº 9795/99, instituiu a política nacional de EA, estabelecendo-a como uma prática educativa associada à melhor compreensão da complexidade das questões ambientais (SILVA, 2008, p.103 *apud* BRASIL,1999, p.2), sob os seguintes princípios:

- I- O enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II- A concepção de meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre meio natural, o sócio econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III- O pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, na perspectiva da interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade;

- IV- A vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V- A garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI- A permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII- A abordagem articulada das questões ambientais, locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII- O reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

No contexto paraense, em 1994 foi lançado o Programa de Educação Ambiental e Cidadania; em 1995, a Lei Ambiental do Estado do Pará (Lei nº 5887/95) em seu capítulo V, artigo 87, estabeleceu a necessidade de inclusão de ações de EA no âmbito da gestão ambiental de forma concomitante com as ações da Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA). Nesse ano foi lançado o Programa de Educação Ambiental e Cidadania (PEAC) pela Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC); em 1998, foi lançado o Programa de Educação Ambiental para as Escolas Públicas.

Em 1999, por meio do Decreto Estadual nº 3.632/99, foi constituída a Comissão Interinstitucional Nacional de Educação Ambiental (CINEA), composta por 24 instituições. À luz do que vinha ocorrendo nacionalmente, por conta da regulamentação da Lei da Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/99), o Decreto Estadual nº 1.638 de 08/06/2005 alterou o Decreto nº 3.632/99 passando a comissão a denominar-se Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental (CIEA). Então houve a rearticulação e consolidação das possibilidades de inserção da EA nos currículos escolares, bem como nas práticas de gestão de política ambiental do Estado.

A Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental (CIEA-PA)<sup>15</sup> consolidou-se como instrumento do Programa Estadual de Educação Ambiental (PEAM/2000), com princípios<sup>16</sup> adotados de EA no Pará tal como no Programa

---

<sup>15</sup> CIEA é um colegiado estadual que tem como missão propor diretrizes da política e do Programa Estadual de Educação Ambiental, coordenando e interligando as atividades relacionadas à EA no Pará, atuando em sintonia com a política e o Programa Nacional de Educação Ambiental. Ver mais informações em referências: Comissão Interinstitucional Estadual de Educação Ambiental do Estado do Pará.

<sup>16</sup> Os princípios falam de participação dos atores sociais nas três esferas de governo no processo de gestão ambiental; na descentralização para desenvolvimento da EA interdisciplinar e

Estadual de Educação Ambiental (PEAM) que, conforme Silva (2008, p.105) indicam preocupações com o caráter pontual dessa prática e a construção de um cenário onde se visualize a necessidade de instalação de ações interdisciplinares, com base no reconhecimento da pluralidade cultural do Estado; e participação dos atores sociais locais nos processos decisórios referentes à definição de políticas ambientais. Complementando, conforme Silva, na Amazônia, para construção de uma EA com bases sustentáveis, há necessidade de uma postura mais agressiva da educação, e práticas melhor dirigidas na formação de sujeitos históricos que possam perceber um saber ambiental.

Como exemplo de ações de EA no âmbito estadual do Pará, em dezembro de 2011, em Belém, a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) por meio das Coordenações de Educação Ambiental promoveu uma Feira de Talentos em EA, cujo objetivo foi o estímulo às reflexões críticas dos participantes sobre sua condição de interferir nos processos de geração e destinação de resíduos sólidos produzidos nos diversos espaços sociais.

A feira contou com palestras dos gestores das escolas, cujos temas foram: consumo sustentável; coleta seletiva nas escolas e fabricação de papel artesanal; e ainda palestra de Jonas de Jesus da Silva, do Movimento dos Catadores de Material Reciclável (MNRC). O evento concentrou suas ações na “área verde” da SEDUC, com mostra protagonizada pelos parceiros (Corpo de Bombeiros; Secretaria de Meio Ambiente, dentre outros), onde as ações foram acompanhadas de perto pelos alunos de algumas escolas que foram selecionadas para visita no local, por já desenvolverem ações de sustentabilidade em seus espaços, mantendo ação conjunta com sete cooperativas de Belém, conquistando o título de “Escolas Sustentáveis”<sup>17</sup>.

A seguir será abordada a complexidade ambiental, que deverá ser compreendida para o entendimento dos problemas ambientais que assolam o planeta.

---

interinstitucional; no reconhecimento da pluralidade e diversidade cultural e da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, com ênfase na complexidade dos problemas ambientais e ênfase na interação homem-natureza.

<sup>17</sup> Informações contidas em [martinsvianna.blogspot.com](http://martinsvianna.blogspot.com). Ver referências: Professores da rede pública apresentam experiências em educação ambiental.



### **3.1.2 A Educação Ambiental enquanto educação política: complexidade ambiental; representações sociais; a Educação Ambiental como educação política; as metodologias de Educação Ambiental**

#### **3.1.2.1 Complexidade ambiental**

Para Leff (2010, p.217), o maior desafio da EA é tornar-se uma educação para compreensão da complexidade ambiental, através de diálogos diversos. Conforme Leff, a crise ambiental não é crise ecológica, mas crise de razão. Os problemas ambientais são, fundamentalmente, problemas de conhecimento. Então a política ambiental deve passar por uma política do conhecimento, e também para a educação. Aprender a complexidade ambiental não constitui um problema de aprendizagem do meio e sim de compreensão do conhecimento sobre o meio.

Silva (2008, p.92), numa reflexão sobre o pensamento de Leff, coloca o seguinte:

A compreensão dessa vitalidade da tarefa educativa pela via da inserção da dimensão ambiental, tal como preconiza Leff (2001) implicaria uma necessária revisão da política educacional e de suas práticas, ainda orientadas pela lógica da ação puramente técnica-burocrática, e sua passagem para uma perspectiva de ação, dir-se-ia mais qualitativa, que pudesse considerar melhor as demandas da sociedade em termos educativos, desse modo, poder-se-ia pensar as contribuições da Educação Ambiental como uma dentre as várias respostas à percepção da crise ambiental contemporânea.

Segundo Leff (2010, p.218), a crise ambiental constitui um chamado à reconstrução social do mundo: a apreensão da complexidade ambiental. Apreendê-la significa a compreensão do conhecimento sobre o meio:

A Educação Ambiental é um processo no qual todos somos aprendizes e mestres. Os bons mestres sempre foram aprendizes até alcançarem a maestria de artes e ofícios. Mas esse processo de transmissão de saberes sempre se deu no âmbito de relações de poder daquele quem detém um saber; de relações de dominação professor-aluno; de relações de autoridade e de prestígio exercidas na busca de apropriação de saber codificado, certificado.

Leff (2010) indica princípios que guardam relação com o processo de profundas alterações na forma de pensar as relações entre a sociedade e natureza indicando redesenho para essas relações a luz da percepção da complexidade ambiental. Tais princípios referem-se a três ordens de necessidades (SILVA *apud* LEFF, 2008, p.95):

- Compreensão do próprio ambiente, com ampliação de seu conceito como algo produzido pelo encontro de várias subjetividades, pelo entrelaçamento de várias ordens físicas, naturais e culturais;
- Compreensão da complexidade ambiental: construir olhares múltiplos e não hierárquicos entre saberes próprios da ciência e os saberes populares;
- Apreender a complexidade ambiental através de processos de construção coletiva, adotando uma postura epistemológica atenta a sucessivos processos de construção e da construção de modelos de interpretação da realidade.

Para Silva (2008, p.93), a Amazônia, embora com suas experiências isoladas de EA nas cidades e florestas da região, ainda está distante de uma educação relacionada com a necessidade de um diálogo entre as sociedades e natureza, vista como rede de complexidades.

### 3.1.2.2 Representações sociais

Gutierrez (1999, p.15) coloca que depois de duas décadas de ativismo ambiental, no contexto dos anos 90, percebeu-se que houve um descompasso entre a prática e a teoria. e então, impulsionar novos espaços sociais que propiciem o nascimento de uma nova forma de fazer política, que desperte a coragem civil que leva cada indivíduo associar-se e a construir sua representação frente ao Estado e frente aos poderes econômicos, contribuiria para integração da América Latina, partindo de uma humanização de sua sociedade e de uma apropriação de sua soberania sobre o uso de seus recursos naturais e ambientais.

Conforme Reigota (2010, p.10), para o Brasil e América Latina a proposta de EA seria baseada na filosofia da ciência, da política e da educação, uma proposta

que visa a participação da sociedade nas discussões e decisões sobre a questão ambiental e a utilização racional dos recursos naturais.

Com as perspectivas desanimadoras do quadro da educação e do meio ambiente na América Latina, Reigota concluiu que é necessário que a EA enfrente desafios de mudança de mentalidade sobre as ideias de modelo de desenvolvimento, baseado na acumulação econômica, no autoritarismo político, no saque aos recursos naturais, no desprezo às culturas de grupos minoritários e aos direitos fundamentais do homem.

Então EA seria uma educação política fundamentada em uma filosofia política, da ciência e da educação antiautoritária, pacifista e utópica, no sentido de exigir e chegar aos princípios básicos de justiça social, buscando uma “nova aliança” (Prigogine e Stengers) com a natureza através de práticas dialógicas pedagógicas. (REIGOTA, 2010, P.63).

Para Reigota (2010, p.11), partindo do princípio de que a EA é uma proposta de uma educação que visa a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental, o que se deseja cumprir através dela está baseado no pensamento de Prigogine e Stengers para o estabelecimento de uma “nova aliança” entre a humanidade e a natureza; o estímulo à ética nas relações econômicas e sociais; uma EA baseada no diálogo entre gerações e culturas em busca de tripla cidadania local, continental e planetária e liberdade para uma sociedade mais justa mundialmente.

Então seria importante o estabelecimento de uma filosofia de EA que possibilitasse a realização de EA dentro de paradigmas contemporâneos da ciência, da política, da psicologia e da educação, analisando diferentes áreas de conhecimento. As bases educacionais pós-modernas foram relacionadas com teorias S. Moscovici (representações sociais e meio ambiente); Prigogine e Stengers (representações sociais e a Nova Aliança) e de J. Rawls (representações sociais e a justiça).

O entendimento de meio ambiente seria através das representações sociais que estão relacionadas com as pessoas que atuam fora da comunidade científica, mas podem estar presentes nela. Como não existe um consenso na comunidade científica sobre o que seja meio ambiente, a noção é que ele pode ser uma

representação social, que para Moscovici (1976) “é um senso comum que se tem sobre um determinado tema, onde se incluem os preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas” (REIGOTA *apud* MOSCOVICI, 2010, p.12).

A definição de meio ambiente para fundamentar a EA é a seguinte:

Um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. (REIGOTA; PRADO, 2008, p.181).

A definição acima é de 1988, e se aplica à experiência do IAPAV, porém, como enfatiza Reigota (2009, p.37):

O processo pedagógico da Educação Ambiental como educação política enfatiza a necessidade de se dialogar sobre e com as mais diversas definições existentes, para que o próprio grupo possa construir junto uma definição que seja a mais adequada para se abordar a problemática que se quer conhecer e , se possível , resolver.

Então a “nova aliança” é a contribuição da filosofia da ciência à EA, de Prigogine e Stengers, onde se discutem avanços científicos no mundo contemporâneo, pela via de uma comunicação com a natureza. A ciência contemporânea (ciência do complexo) relativiza o conhecimento e desestabiliza o poder “das verdades científicas”. Prigogine e Stengers estabelecem diálogos teóricos com a literatura, a poesia e o teatro sobre seus argumentos científicos. Eles dão importância aos sentidos e significados (sobre “escuta poética da natureza”). Concluindo, a compreensão das diferentes representações deve ser a base da busca de negociação e solução dos problemas ambientais (REIGOTA, 2010, p.16).

A utopia, autonomia, cidadania e justiça social são as contribuições da filosofia política à EA. Para Reigota, citando Mannheim (1986), as utopias sempre existiram na história, a prova disso é o pensamento ambientalista. Então as propostas ambientalistas que buscam a autonomia da sociedade civil frente ao

Estado e à realização de uma sociedade mais justa (não só pelos aspectos econômicos) são as que melhor podem contribuir para realização de EA (idem, p.21).

Para Reigota (2010, p.16), EA como educação política é crítica aos sistemas autoritários, tecnocráticos e populistas. A prática de EA se sustenta e justifica quando esta educação colabora na busca e construção de alternativas sociais baseadas em princípios ecológicos, éticos e de justiça para as gerações atuais e futuras. Quanto à contribuição da filosofia da educação à EA, precisa-se saber qual a concepção de meio ambiente para praticá-la, e conhecer as representações de meio ambiente das pessoas envolvidas no processo pedagógico para praticar a EA. A prática pedagógica teve origem nos trabalhos pioneiros de Paulo Freire (*ibidem* p.26).

No trabalho com os (as) extensionistas rurais no Amapá e com professores (as) da rede pública de educação do Rio Grande do Sul de 2000 a 2002, Reigota e Prado (2008, p.173) reconheceram que o conhecimento de lugares com culturas e meio ambiente diferenciados resultou no aprofundamento e na avaliação de noções, teorias e da definição de EA como educação política elaborada em 1988, havendo necessidade de enfatizar como as noções de cultura se relacionam com a problemática ecológica e em particular com a Educação Ambiental:

Consideramos que se referir à cultura(s) e dar a ela(s) devida importância exige a tomada de uma clara posição política e especificar o referencial adotado. A nossa opção política e teórica privilegia as expressões dos anônimos e procura trazê-las aos espaços públicos de discussão acadêmica de políticas e alternativas de intervenção cidadã que considera e reivindica como fundamental a validade das singularidades culturais que se manifestam no cotidiano e que são expressas e produzidas pelos anônimos, não como produto cultural a ser consumido, mas sim como expressão de uma forma de viver/estar/ser/intervir e se posicionar no mundo.

A respeito da noção de meio ambiente citada anteriormente (de 1988), afirma que tem procurado buscar as inconsistências e fragilidades diante das representações de meio ambiente que prevalecem no senso comum e de outras definições encontradas na produção teórica e científica sobre o tema. Neste sentido,

a noção de meio ambiente adotada nesta pesquisa corrobora o que afirmam Reigota e Prado (2008, p.181):

Corremos o risco de afirmar que a noção de MA que adotamos no nosso trabalho não esgotou suas possibilidades, quando encontramos similaridades nas noções dos/as extensionistas e professores/as e ao observarmos suas relações com as práticas pedagógicas e sociais.

No que se refere à dimensão política da utopia e práxis, a perspectiva política continuará sendo a descentralização do poder e das decisões e enfatizar a dimensão política da intervenção cotidiana dos cidadãos e cidadãs na construção de uma sociedade justa, democrática e sustentável.

Por fim, o trabalho com os extensionistas rurais indicou que o processo de formação em EA evidencia e torna público aspectos da Amazônia para além das fronteiras e limites dessas práticas cotidianas e pessoais (idem, p.181-187).

### 3.1.2.3 A Educação Ambiental como educação política

A Educação Ambiental está relacionada com o pensamento pedagógico de Paulo Freire, que enfatiza antes a questão “por que fazer” do que “como fazer”. Para Reigota (2009, p.14), a EA é uma educação política e relacionar-se com o pensamento de Paulo Freire significa que ela tende a “questionar as políticas atuais (mesmo as consideradas de “esquerda”) e a própria educação escolar e extraescolar, quando preocupadas em transmitir conteúdos científicos que terão utilidade apenas para concursos e exames”.

Ana Maria de Araújo Freire<sup>18</sup>, quando perguntada sobre se Paulo Freire desenvolveu um “método de alfabetização”, uma “concepção de educação” ou uma “teoria de conhecimento” esclareceu que Freire não criou apenas um método de alfabetização, mas sim “uma certa compreensão de educação”, nas palavras dele próprio. Uma compreensão teórica que foi testada na prática e voltou à teoria e foi

---

<sup>18</sup> Ana Maria de Araújo Freire (Nita), nasceu em Recife(PE) em 13 de novembro de 1933, filha de educadores. Casou-se com Paulo Freire em segundas núpcias. É mestre e doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ( PUC/São Paulo). Esta é uma das perguntas contidas na entrevista de Nita Freire, concedida à Márcia Aparecida Luna Rodrigues Germano, para sua dissertação de mestrado em Educação, na Pontifícia Universidade de Sorocaba. Para mais informações ver referências.

sempre fazendo esse movimento reflexivo para a prática e desta voltando à teoria, aperfeiçoando a sua compreensão de educação. Segundo Ana Maria ele criou uma teoria. Para ele, a palavra e sua representação escrita fazem parte do ser humano, da ontologia do homem e da mulher, na medida em que a palavra aumentou as nossas capacidades inteligentes e foi assim que nos fizemos seres humanos. Em consequência, é um direito que toda pessoa que nasceu tem: saber ler e escrever a palavra. Portanto, quando as sociedades se organizam intencionalmente deixando grande parte da população sem ler e escrever estão roubando um direito ontológico dessas pessoas. E Ana Maria conclui que Freire partiu para compor sua teoria, a sua compreensão da educação, vindo a descobrir com isso que era mais um político educador do que um educador político (GERMANO, 2006, p. 92).

Desconstruir a noção de antropocentrismo e fundar uma nova concepção de sujeitos educadores e sujeitos aprendentes em permanente diálogo com a sua realidade socioambiental é um dos princípios éticos da EA. Tendo em vista a importância dos conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas, a ética é colocada por Reigota (2009, p.15) como ocupando um papel importante na Educação Ambiental:

A Educação Ambiental como educação política é por princípio: questionadora das certezas absolutas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem, e podem ser apresentadas em descobertas e vivências; é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; e crítica, muito crítica, em relação aos discursos e às práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentes e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturais e sociais e da falta de ética.

Para Guimarães, citando Boff quanto à formação de uma consciência e pertencimento da vida planetária para uma EA de construção e exercício de cidadania, ressalta que qualquer antropocentrismo está fora do lugar:

Essa consciência planetária crescente nos faz cidadãos do mundo e não apenas deste ou daquele país. Vivemos uma comunidade de destino; da espécie humana está associado indissolivelmente ao destino do planeta e do cosmos. Qualquer antropocentrismo está fora do lugar. Na verdade nós

somos cosmos e Terra centrados. Precisamos nos situar no conjunto do sistema da vida e não simplesmente no concerto dos povos, das raças e das nações. Somos criaturas terrenais, expressão da parte consciente do planeta Terra, que devem conviver democraticamente com outros seres e repartir com equidade os meios de vida com eles (GUIMARÃES, 2005 apud BOFF, p.75).

Quanto à ética: para os educadores ambientais, a ética tem a ver com sua presença na vida cotidiana quando se enfatiza o respeito a todas as formas de vida, o respeito às diferenças étnicas, culturais e sexuais e ao posicionamento contrário à corrupção, privilégios e violência, principalmente quando, para isso, são utilizados dinheiro e espaços públicos como as escolas, universidades, instituições do governo, etc. A ética pode ser identificada pela sua ausência ou sua presença (REIGOTA, 2009, p.16).

As ações do IAPAV implicam em reações positivas e voluntárias de todos os que com elas se envolvem, o que se constata através das observações das ações nos locais onde foram praticadas, que indicaram que o trabalho do IAPAV tem o propósito de construir um processo pedagógico de EA inovador e autêntico, que tende a fortalecer a identidade cultural amazônica.

As discussões acima citadas fundamentaram o entendimento do que seria uma EA como educação política neste trabalho, onde se procurou contextualizar as ações do IAPAV. A seguir, tomando por base Reigota (2009), classificam-se as metodologias de EA, procurando situar IAPAV neste contexto.

#### 3.1.2.4 As metodologias de Educação Ambiental

Quanto às metodologias da EA, Reigota (2009, p. 67), enfatiza a metodologia participativa, que fala da EA estar ligada à interdisciplinaridade, e mostra outras metodologias adequadas para realização desta educação, como história de vida e a pedagogia do projeto:

A metodologia participativa pressupõe que o processo pedagógico seja aberto, democrático e dialógico entre os próprios alunos e alunas e entre os professores e as professoras e a administração da escola com a comunidade em que vivem, com a família e com a sociedade em geral.



A interdisciplinaridade ocorre quando professores de diferentes disciplinas realizam atividades comuns sobre um tema dando margem a diferentes interpretações sobre o assunto debatido e as possíveis contribuições específicas de cada disciplina.

A história de vida, segundo o autor, se aplica muito bem à EA. Originário da antropologia, este método é muito utilizado em estudos de psicologia, sociologia e educação e no caso da EA, consiste no levantamento e na descrição de histórias relacionadas a um tema ambiental e podem ser apresentadas de forma oral, escrita e visual.

A pedagogia do projeto é uma metodologia que em geral, segundo Reigota, sintetiza as demais metodologias anteriormente citadas, pois as decisões são compartilhadas por alunos e alunas. Ela busca alternativas e solução dos problemas como um processo de aprendizagem, utiliza conhecimento coletivo e individual, emprega a interdisciplinaridade e utiliza a comunidade como tema de aprendizagem.

As metodologias que mais se aproximam com as adotadas nos processos das ações socioeducativas realizados pelo IAPAV são a participativa e a pedagogia do projeto, considerando que nas ações do IAPAV está implícita a história de vida, ressaltando o acréscimo dos recursos didáticos como a música, o canto, a dança e as artes plásticas.

### 3.2 CULTURA E CULTURA AMAZÔNICA

Laraia (2009, p.24), sobre os conceitos de cultura desde a antiguidade, cita estudiosos de diversas ciências, como historiadores, filósofos e viajantes, religiosos e catequistas, que tentaram explicar diferenças de comportamento entre os homens a partir de variações de seus ambientes físicos e, também, a partir das diferenças presentes nos comportamentos do mundo civilizado e não civilizado. Ele conclui que as diferenças existentes entre os homens não podem ser explicadas a partir de limitações impostas por seus aparatos biológicos ou pelo seu meio ambiente.

No final do século XVIII, foi usado o termo germânico “Kultur” para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade. Eduard Tylor (1832-1917) sintetizou no vocábulo inglês “Culture”.

Em 1950, Laraia cita Kroeber (1876-1960), que escreveu que a ampliação e clarificação do conceito de cultura foi a maior realização da antropologia, em

“Antropollogy” publicado na revista Scientific American (LARAIA, 2009, p. 183). Porém esta ampliação foi contestada por Geertz, em 1973, propondo a diminuição da amplitude do conceito de cultura, transformando-o num instrumento mais especializado e poderoso teoricamente. Nesse sentido, o homem é o único possuidor de cultura, diferenciando-se dos demais animais por ter a seu dispor a possibilidade de comunicação oral e a fabricação de instrumentos capazes tornar mais eficiente o seu aparato biológico (idem 27- 28).

Para Laraia (2009, p.51), o que o homem faz aprendeu com seus semelhantes e não decorre de imposições originadas fora da cultura. A cultura é um processo acumulativo, onde a comunicação é um processo cultural e a linguagem é um produto da cultura.

Das várias ideias de antropólogos sobre a origem da cultura, Laraia cita: Claude Lévi Strauss, que diz que a cultura surgiu no momento em que o homem convencionou a primeira regra, a primeira norma (proibição do incesto); Leslie White, americano, que pensa a origem da cultura como consequência da geração de símbolos pelo cérebro humano. Laraia fala dos pensadores católicos que atribuem a origem da cultura no momento em que o homem recebeu de Deus uma alma imortal. Cita também Clifford Geertz (1966), que concluiu que a cultura desenvolveu-se no homem simultaneamente com o próprio equipamento biológico e é compreendida como uma das características da espécie, ao lado do bipedismo e um adequado volume cerebral (idem, p.56).

Nas modernas teorias sobre cultura, conforme Geertz (2011, p.33), a cultura pode ser vista como um instrumento de controle. A imagem exata do homem referente à cultura como mecanismo de controle implica em duas ideias: a primeira refere-se à cultura como um conjunto de mecanismos de controle (programas) - planos, receitas, regras e instruções - para ordenar seu comportamento. A segunda ideia é que o homem é o animal mais dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele:

De tais programas culturais, para ordenar seu comportamento, um dos fatos mais significativos a respeito pode ser, finalmente, que todos nós começamos com o equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma espécie.

Para Laraia (2009, p.80), a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada, ou seja, nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Na maioria das vezes a participação maior é dos homens e exemplifica:

Com exceção de algumas sociedades africanas, mulheres desempenham papéis importantes na vida ritual e econômica – a maior parte das sociedades humanas permite uma mais ampla participação na vida cultural aos elementos do sexo masculino.

Fazendo um parêntese, embora a coordenação do IAPAV seja predominantemente masculina, as mulheres tem um papel muito importante em todas as ações do Instituto e são maioria: elas que enfeitam os mastros, que são fincados no início e fim dos cortejos; e uma representante do sexo feminino sobe no mastro para retirada da bandeira no final do evento. Nos arrastões, mulheres também controlam os segmentos nos cortejos; mulheres promovem a moda estilo “Pavulagem”, (sobretudo as idosas, que criam costuram e bordam as próprias vestimentas e os bois dos cortejos); divulgam e organizam o evento, participando de todas as atividades que antes eram de domínio masculino, como tocando instrumentos de percussão e andando em pernas de pau.

Paes Loureiro (2000, p.57) ensina que na Amazônia podem-se reconhecer dois grandes espaços sociais tradicionais da cultura com características bem definidas e com articulação mútua, que se processa em decorrência de procedimentos próprios do desenvolvimento regional: o espaço da cultura urbana e o espaço da cultura rural. No espaço urbano, nas cidades, as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas. No ambiente rural, especialmente o ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores de sua história, onde a comunicação é oralizada e reflete a relação do homem com a natureza numa atmosfera em que o “imaginário” privilegia o sentido estético dessa realidade cultural.

Sobre cultura dita popular, folclore e para falar um pouco do boi bumbá no Pará, cita-se aqui alguns autores como Ayala & Ayala (1995), Bruno de Menezes (1975) e Dias Júnior (2009).

Ayala & Ayala (1995, p.17) chamaram atenção para as contribuições de Amadeu Amaral e Mário de Andrade para uma mudança de enfoque, no Brasil, sobre a cultura popular. O primeiro, até a década de 20, fez algumas observações sobre o “teorismo” e o “diletantismo erudito” considerado por ele dois males dos estudos brasileiros de folclore, insistindo numa documentação com maior rigor e objetividade, a partir de dados concretos. Mário de Andrade coloca em discussão o caráter tradicional como requisito para pesquisa folclórica em um país como o Brasil, nessa época, com escassez de documentação e a rapidez das transformações que dificultavam comprovar a secularidade das manifestações culturais populares (idem, p.24).

As ações de Mário de Andrade e Amadeu Amaral rompendo com a dicotomia rural/ urbano, e incluindo a produção urbana na cultura popular (idem, p.27), resultou, no Pará, numa política de manutenção dos folguedos juninos como expressões culturais paraenses. Assim, foi criada, em 1948, a Comissão do Folclore do Pará. No Brasil, a Carta de Folclore Brasileiro saída do I Congresso Brasileiro de Folclore, estabeleceu claramente o que deve ser considerado como folclore em 1951 (BRANDÃO, 2007, p.31).

Bruno de Menezes<sup>19</sup>, renomado folclorista, poeta e romancista paraense, escreveu em 1951 sobre a evolução do boi bumbá como forma de teatro popular, uma das contribuições que a Comissão de Folclore do Pará enviaria ao Primeiro Congresso de Folclore Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro. Como não foi publicado nos anais do congresso, foi divulgado com parecer incentivador em 21 de setembro de 1952 no suplemento literário “Letras e Artes” do jornal “A Província do Pará”. Em 1972, foi reeditado pelo Governo do Estado do Pará com o nome “Boi Bumbá - auto popular” em memória de Bruno de Menezes que contribuiu profundamente com a cultura na Região Amazônica, com um estudo fundamentado e detalhado sobre o folguedo.

---

<sup>19</sup> Para Menezes (1972), o folclore junino do Bumbá é considerado um teatro popular, um auto pastoril onde se misturam o patriarcalismo colonial, a catequese do índio, o curandeirismo africano, o primitivismo agrícola, a vida “chucra” nas fazendas de gado, as diversões permitidas nas senzalas. O auto popular no Pará tem sentido satírico e foi um divertimento coletivo que o colonizador facultou aos escravos, aos trabalhadores assalariados, como uma ironia aos duros serviços, com uma música nostálgica no desenrolar da peça. No Pará e Maranhão, os folguedos populares representativos do boi bumbá diferem de outras regiões do Norte e do Sul (MENEZES, 1972, p.24).

### 3.2.1 O Boi Bumbá em Belém

Fernandes (2007, p.81) citando Cascudo, refere-se ao bumba-meu-boi do extremo Norte do Brasil como uma exportação nordestina, em que a diferença mais visível é que “no Nordeste exhibe-se no ciclo das festas do Natal e o boi bumbá paraense, durante o São João”. Mário de Andrade, em seu livro “Danças dramáticas do Brasil, registra a presença de marchas e toadas de boi bumbá na cidade de Humaitá, no Estado do Amazonas, e em Belém do Pará, durante sua viagem de 1927 à região”.

Para Dias Junior (2009, p.101), a história do boi bumbá em Belém está dividida em três etapas: final do século XIX e início do século XX, o boi satírico, tradicional, ao ar livre e com confrontos entre si; a partir dos anos 1930, mudança e consequente adaptação do “boi de rua” com exibição controlada em terreiros nos subúrbios; e década de 1950, exibições de caráter teatral, com novos personagens, novos cenários específicos, os terreiros, os currais e teatros (mudanças em sua estética). Outra imagem do brinquedo foi construída através da introdução de representações mais leves, disciplinadas, identificado como manifestação folclórica.

A mudança sofrida nos bois paraenses desse período está relacionada à atenção dada ao folclore nos anos 1930 e 1940, de estudiosos das expressões culturais manifestadas no Brasil, interessados nas tradições folclóricas e pela origem de determinados laços e peças populares na Região Norte.

Nas décadas de 1960 a 1980, em Belém, ocorreram vários eventos oficiais de manifestações folclóricas organizadas por organismos culturais. No caso dos bois bumbás, eles deveriam seguir condições colocadas para realização do espetáculo que se diferenciavam dos moldes de como os bois eram no início do século XX, substituindo a “matança dos bois” pela “ferração”, mas houve a manutenção dos traços das expressões tradicionais (DIAS JUNIOR, 2009, p.104). As mudanças nos costumes e tradições do folguedo em função do envolvimento de um público diferenciado de populares foram enfraquecendo a expressão dos bois bumbás nas periferias.

Foi nos anos 1970 que os bois e os pássaros tradicionais começaram a perder espaço e popularidade em Belém devido a três fatores, conforme Dias Junior (2009, p.107):

- Perda de espaço do folclore para outros atrativos culturais e de entretenimento; a popularização na televisão dos terreiros de festas juninas e as aparelhagens responsáveis pela decadência dos folguedos.
- Interferência oficial nas práticas culturais.
- Caráter introspectivo dos folguedos juninos, que no seu cotidiano não estavam vinculados às exibições oficiais ou a espetáculos altruístas para um grande público.

Desde a década de 1980 até hoje o boi bumbá foi ganhando novas interpretações e mudanças e territorialidade. Hoje em Belém existem os bois tradicionais organizados pelos antigos mestres de boi bumbá, e uma representação contemporânea, representada pelo Arraial do Pavulagem.

Quando iniciou, o Boi Pavulagem tinha “ponto” (local de reunião) na Rua Pedreirinha, no Bairro do Guamá, na residência de Evaldo Maciel e sua esposa. Quem confeccionava o Boi Pavulagem era Evaldo, artesão e carnavalesco, que também confeccionava o Boi Malhadinho. Evaldo nunca tinha confeccionado um boi até que Nazareno Silva<sup>20</sup>, percussionista do Arraial do Pavulagem, que realizara um trabalho de resgate do Boi Malhadinho, do Bairro do Guamá, o incentivou a confeccionar o boi. Evaldo fez então a estrutura do boi em madeira, forrou o boi com veludo e sua esposa passou a fazer os bordados. Foi Nazareno Silva quem levou o casal de artesãos e a criançada da Pedreirinha para o Arraial do Pavulagem, isso logo na primeira formação do grupo, composto por Ronaldo Silva, Toni Soares, Junior Soares e Rui Baldez<sup>21</sup>. As reuniões eram na Praça da República. A artesã (entrevistado 17) conta como foi o início do fenômeno Arraial do Pavulagem.

Chegava umas doze horas e meia, a gente fazia um pequeno cortejo pela Praça da República, aí foi quando começou o Pavulagem e o Malhadinho a se entrosar. Aí passando o tempo a gente foi gostando, aí já veio pra cá para Pedreirinha. Começávamos a fazer pesquisa, como ele mesmo fala, o Ronaldo Silva, que veio pegar aqui na fonte do Boi- Bumbá, o Malhadinho, aí a gente foi se conhecendo, se entrosando, aí já mandaram fazer arrastões, já que fazia rodada de boi, aí começou a se entrosar aqui, os estandartes, as barricas, tudo guardado aqui na minha casa. Tenho assim uma honra de falar porque o início de tudo foi aqui, porque aqui acontecia tudo. Quando era pra ir

---

<sup>20</sup> Músico, percussionista do grupo Arraial do Pavulagem, pesquisador de ritmos amazônicos, responsável pelo Boi Malhadinho do Guamá. Nazareno Silva faleceu em 28 de setembro de 2009.

<sup>21</sup> Músicos, compositores e criadores do Grupo Arraial do Pavulagem.

para um arrastão, para um show, para Salinas<sup>22</sup>, Mosqueiro<sup>23</sup>, tudo acontecia na porta de casa. Toda concentração era aqui ( depoimento em 23 de agosto de 2012).

Hoje, com 25 anos de atividades, o Arraial do Pavulagem festeja a aquisição de sua sede na Praça dos Estivadores, pois segundo a percussionista do Batalhão da Estrela (entrevistado 15), não se tinha lugar para os ensaios, que eram feitos no Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR), depois no Instituto de Artes do Pará (IAP) O Arraial conseguiu a cessão de um casarão no conjunto de prédios tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (IPHAN), que fazem parte do Patrimônio Cultural da cidade, e nesse território e seu entorno estão se concentrando todas as atividades do IAPAV. Mais adiante será abordada a relação do IAPAV com o território.

Alguns dos integrantes do IAPAV se referem às suas práticas culturais como cultura popular, cujo conceito indica que se deve fazer uma reflexão, pois as diversas culturas hoje em dia não admitem essa adjetivação. O vice-presidente do IAPAV (entrevistado 14), procura explicar sua visão de cultura, ressaltando que se deve ter cuidado ao utilizar o termo “cultura popular”, pois hoje em dia em qualquer lugar do mundo as marcas mais fortes são as marcas de seu próprio chão, ou seja, suas origens, de suas raízes. Sobre cultura(s) no contexto das ações do Instituto:

Tudo aqui é de qualquer lugar, acho que tudo é um entroncamento de culturas, dos fazeres, dos vários fazeres artísticos, quando a gente olha os tambores a gente vai se projetando justamente para os locais de onde eles vieram. As barricas, as alfaias, não são daqui, o marabaixo vem de outra Amazônia que é o Amapá, enfim vários elementos que acabam somando e tornam um único fato que acontece aqui dentro do Arraial, em determinado momento do nosso calendário. É cultural! A gente é claro, tem traços que nos identificam como amazônicos, mas toda vida é assim, todo lugar do mundo tem pedaços de vários astros de várias estrelas explodidas lá atrás. (depoimento em 14 de agosto de 2012).

A seguir será discutida a cultura amazônica a partir das formulações teóricas de Paes Loureiro, como uma cultura de origem ou influência cabocla para situar a noção de cultura no entendimento desta pesquisa sobre as ações socioeducativas do IAPAV.

---

<sup>22</sup> Salinópolis ou Salinas é um balneário distante 220 km de Belém , do Nordeste paraense.

<sup>23</sup> Ilha do Mosqueiro, balneário da costa oriental do Rio Pará, em frente à Baía do Guajará, distante 70 km de Belém.

### 3.2.2 Cultura amazônica: cultura cabocla

Falar da cultura da Amazônia significa para Loureiro (2007, p.26), falar de cultura que tem sua origem ou está influenciada, em primeira instância pela cultura do caboclo. Na cultura amazônica a proposição da dominância estética que o imaginário amazônico contém revela e estimula:

Os mitos amazônicos, os encantados que habitam as encantarias (olimpico submerso nas águas dos rios da Amazônia) são compreendidos por sua aparência estetizada e por meio dela garantem a força abstrata de sua duração [...]. Revelam-se como imagem de pura aparência. Uma espécie de epifania. Atravessam as galerias do imaginário ribeirinho como iluminações, numa etno cenografia hierofônica, um puro deslizar de alegorias.

A cultura do ser humano amazônico, por Paes Loureiro, é a cultura de relação com a natureza povoando o imaginário. Para este autor, até os anos 1950, a Amazônia vivia num clima de isolamento e mistério. O sistema de vida e trabalho ribeirinho era integrado por pescadores; ou coletores de castanha; mateiros; extratores de seringa, de peles, de couros, de resina, de árvores, de ouro e de diamantes. E lavradores; os seringueiros; os vaqueiros e fazendeiros; os comerciantes; os empresários; os biscateiros e artesãos que viviam em função de floresta e do rio. Esse clima de isolamento e mistério ainda existe até hoje, apesar da rapidez de destruição do habitat amazônico com consequências negativas para a atividade de autosubsistência do caboclo amazônico. Essa subsistência vem daroça, da pesca, do extrativismo vegetal etc com aquisições modestas de bens industriais. O tempo que sobra do trabalho é ocupado com preparação de festas de santos, limpeza de igarapés e atividades semelhantes. Alguns lhe atribuem estereótipos como a preguiça, inadaptação ao trabalho, falta de aspiração social, etc. Por outro lado, as manifestações artísticas da cultura cabocla, seus ritmos, sua cultura, suas danças, não se confundem com o folclore, apenas coexistem com ele. No Brasil, em função da cultura europeia ter sido implantada nos grandes centros, estar longe da Europa significava estar num espaço primitivo. Então se entenderam as manifestações culturais das regiões mais distantes como ocorrendo no âmbito do folclore, confundindo-se com a cultura popular (LOUREIRO, 2000, p.31-32).

Outro fato que reforça esse estereótipo é a exploração da sociedade amazônica, que possui a especificidade da economia extrativista explorada por



empresários que oligopolizam as transações de compra e venda dos produtos oriundos da floresta, assim como as demais atividades, como pesca artesanal e a pequena agricultura, que não têm representatividade no mercado, pois dependem de intermediários que retiram grande parte da renda do caboclo amazônico. Mesmo assim, este mantém sua cultura, mesmo que esta seja considerada subcultura pelos poderes públicos (*Ibidem*, p.35).

Gonçalves (2010, p. 126-127) explica que, na sociedade ocidental, subjacentemente às relações sociais instituídas em meio a tensões, conflitos e lutas, elabora-se um conceito “determinista” de natureza que, fundamentalmente, dela desloca o ser humano e assim percebe-se por que no imaginário ocidental costumeiramente associa-se à natureza os segmentos ou classes sociais oprimidos e explorados, naturalizando essas condições. Diante de vários exemplos citados destaca-se: “os povos indígenas são selvagens, sendo da selva, da natureza, também são passíveis de dominação e discriminação”. Pelo elenco de segmentos e classes sociais instituídos e consagrados pela cultura ocidental, atualizado pela sociedade moderna, deduz-se o seu perfil dominante: uma sociedade branca, européia, machista e burguesa. Essa cultura destaca-se das outras por transformar as diferenças da natureza em hierarquia, superior e inferior, em dominante e dominado, justificando como obra da natureza aquilo que foi instituído ao longo de tensões e conflitos. E conclui:

As contradições dessa ideologia dominante, que torna naturais suas práticas de dominação, ficam evidentes quando é analisado o seu próprio discurso: sobre os negros e indígenas diz-se que são indolentes e preguiçosos. Ao mesmo tempo fala-se que são povos tecnicamente rudimentares e que por isso passam a maior parte do seu tempo procurando alimentos e, portanto trabalhando. Ora, das duas uma: ou eles passam o dia dormindo, dançando e não trabalhando, mostrando-se assim indolentes e preguiçosos ou passam o dia todo procurando alimentos, portanto trabalhando.

Loureiro (2000, p. 34-38) sobre caboclo amazônico como homem amazônico: o nativo da terra, além de ter criado e desenvolvido processos altamente criativos e eficazes de relação com a natureza, construiu um processo cultural dissonante dos cânones dominantes. O caboclo humanizou e colocou a natureza na

sua medida. O modo de viver e o trabalho do caboclo são considerados pelos segmentos mais abastados da população como primitivos, assemelhados aos dos indígenas e, por isso, inferiores, embora predominantes.

A propósito, o caboclo amazônico sofre e produz interdições nos âmbitos da cultura de origem européia e americana, consideradas superiores. A esse respeito, ressalta-se o descaso com os mestres da cultura dita “popular” no Pará, tomando como exemplo aqui Mestre Cardoso<sup>24</sup>, amo do Boi Ourofino, de Ourém, município do Pará. Embora com um importante trabalho no âmbito da cultura na Amazônia, e nordestino, só teve a chance de divulgar seu trabalho a partir da iniciativa inédita do maestro Mateus Araújo, em outubro de 2008, quando este maestro paulista conduziu a Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz (OSTP) em Belém. Ele escreveu, arranjou e regeu uma composição de Mestre Cardoso, com apresentação pela Orquestra Sinfônica do Teatro da Paz, com a participação do próprio mestre e sua banda de boi bumbá<sup>25</sup>.

Conforme Loureiro, na cidade grande, o caboclo amazônico, mesmo tendo que enfrentar estereótipos e rejeições, ainda mantém seus traços fundamentais, que perduram na memória social de seus descendentes, que transportam para a cidade seu modo de viver. E dessa forma tornou-se a maneira de expressão das camadas populares das cidades fundindo-se na cultura. Suas manifestações artísticas se fazem fora dos espaços culturais que o poder público constrói e destina para cultura não cabocla. (LOUREIRO, 2000: p.37). Isso se expressa nas ações do IAPAV, nos vários lugares onde faz seus cortejos de arrastões no interior ou na cidade, ou no mundo virtual, transmitindo para o mundo globalizado a realidade cultural amazônica. O IAPAV também traz para seus cortejos os mestres tradicionais do Boi Bumbá de Belém e interior do Pará, que perderam seus espaços originais de manifestação.

---

<sup>24</sup> José de Ribamar Cardoso nasceu na Parnaíba (Piauí) em 1933. Com 20 anos casou no Maranhão e teve quatorze filhos, dos quais seis sobreviveram. Em 1954, com 21 anos, mudou-se para Carutapera. Logo depois chegou no Pará, vindo morar em Viseu, Bragança e Capitão Poço, até ir para Ourém em 1993, estando lá até hoje. Mestre Cardoso considera-se um caboclo amazônico de coração e a Amazônia é tema de suas composições. Ver em Referências, MP.ORG: pesquisa catalogação e difusão da arte musical paraense em todas as épocas, ritmos e estilos.

<sup>25</sup> Evento realizado em homenagem a Mestre Cardoso, amo de boi da cidade de Ourém, Pará. Gravado ao vivo com a OSTP, no Teatro da Paz, nos dias 23 e 24 de Outubro de 2008, com regência do maestro paulista Mateus Araujo. Ver em Referências FGC Produções independentes.

O grupo do Arraial do Pavulagem procura manter-se em contato com o movimento da cultura brasileira e do mundo e o que leva a essa ligação com o planeta, segundo um dos criadores do grupo (entrevistado 1), é o tempo:

O ano inteiro o Arraial do Pavulagem sai. Sai em junho, sai no começo do ano, em outubro, sai num cortejo entra noutro, mas não estamos isolados, a gente tá o tempo inteiro, de certa forma linkado com todo esse movimento da cultura no Brasil inteiro e no mundo também. A gente se sente linkado com isso e o que linka a gente na verdade, venho descobrindo isso nos últimos anos com esse brinquedo que é o Cordão do Peixe Boi, é o tempo. Esse tempo pode ser visto como o tempo do capital, do lucro, mas também o tempo da natureza. Eu tô querendo falar desse tempo da natureza, ele linka com qualquer pessoa que esteja fazendo qualquer coisa no planeta (depoimento em 06 de Abril de 2011).

As atividades do Arraial do Pavulagem procuram também resgatar as brincadeiras e tradições da quadra junina<sup>26</sup> que aos poucos vão desaparecendo, como uma forma de aprofundar o olhar para a cultura que alguns integrantes classificam como “cultura popular”, levando à comunidade, sobretudo às crianças, aos jovens e aos idosos essa memória para uma descoberta de sua identidade cultural. Sobre o resgate da identidade cultural através das ações do IAPV, lembrando o desaparecimento das brincadeiras juninas, o entrevistado 1 explica:

Ela, a cultura popular é passada através da oralidade, então a gente precisava ter percebido que nós paramos de contar histórias na minha casa, nós quebramos um vínculo fundamental de orientação, de condução do conhecimento, do preparo dessa criança pra vida e eu me assustei mais ainda quando isso chegou, não tem, historicamente falando, foi ontem, dez ou nove anos pra cá que eu vi desaparecendo as brincadeiras juninas. Elas desapareceram! Talvez não tenha nenhum lugar com uma memória dessas brincadeiras. A quantidade delas é muito grande, mas elas desapareceram quase de uma vez, porque o espaço das crianças desapareceu, e elas desapareceram, foram sendo esvaziadas. (idem).

---

<sup>26</sup> O mês de junho, quando ocorrem as festas juninas. Junho é o mês do Sagrado Coração e dos três santos juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro.

Para Dias Junior (2009, p.26), os debates acadêmicos sobre cultura popular são muitos e com várias interpretações, mas o conceito de cultura popular, quando chega ao campo das realizações, ganha novos aspectos, pois o povo recebe e reelabora os significados e sentidos atribuídos aos conceitos eruditos, a partir das múltiplas experiências compartilhadas no jogo de relações interculturais, principalmente, quando se trata da organização de seus eventos lúdicos, nos quais são atribuídos sentidos específicos que possibilitam novas dimensões semânticas.

Essas discussões têm o sentido de definir qual a noção de cultura que mais se adequa ao caso desta pesquisa, que é a seguinte:

A noção de "cultura" como a "expressão de ideias, sentimentos e experiências", na qual são enfatizadas as relações sociais, afetivas e profissionais no cotidiano e como essas relações alteram trajetórias, provocam deslocamentos, produzem conhecimentos, intervenções, encontros e desencontros com o "outro" (diferente, antagônico e vizinho) que caracterizam uma época, um espaço, ávida de alguém ou de um grupo. (REIGOTA; PRADO, 2008, p.174).

É predominante nas ações do IAPAV a valorização da cultura cabocla da Amazônia, embora as influências da cultura nordestina, a qual foi resignificada nas ações do Instituto. Então o conceito de cultura que mais se aplica ao trabalho que o IAPAV realiza na cidade no entender desta pesquisa é o de cultura amazônica de Paes Loureiro, como uma cultura cabocla.

Nas ações do IAPAV há interesse de se relacionar anteriormente com os sujeitos que deverão ser envolvidos na ação a ocorrer no município ou local, para que seja bem sucedida. Há uma interação forte com alguns sujeitos da comunidade, que fazem as articulações devidas para que todas as etapas sejam vencidas. Nesse aspecto os moradores do lugar não medem esforços para que as ações do IAPAV aconteçam e sejam bem sucedidas.

No que se refere às práticas culturais, o IAPAV pretende realizar um trabalho voltado principalmente para o fortalecimento das identidades culturais amazônicas através dos vários aspectos das identidades paraenses, que começou com o grupo atuando na quadra junina, mas durante os anos passou a se enveredar em outras manifestações culturais, como o Círio, por exemplo. Além disso, tem

papel importante no cenário político, social e econômico na cidade, pelo poder de mobilização na sociedade paraense, por envolver vários segmentos da sociedade em seus cortejos, sobretudo famílias, artesãos, músicos, etc que movimentam a produção de instrumentos, roupas, figurinos em geral e artesanatos, além de envolver instituições públicas e privadas nas ações; e ainda por manifestar-se no campo da inclusão social e da formação musical e cultural, ressaltando o direito dos cidadãos, e favorecendo a construção de valores éticos voltados, sobretudo à solidariedade.

## 4 CONTEXTO DA PESQUISA

### 4.1 O INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM: O CONTEXTO DA PESQUISA

Desde 1987 que artistas da terra desenvolvem em Belém e em alguns municípios do Pará (principalmente em Cachoeira do Arari, Igarapé Açu e Ourém) um trabalho musical que evoluiu para uma proposta de reflexão sobre as questões relacionadas à educação ambiental e a cultura.

A criação do Instituto Arraial do Pavulagem, em 2003, resultou em projetos que envolvem discussões sobre o meio ambiente, a educação, a cultura e os problemas de cunho social. Este processo se desenvolveu de forma inovadora e o problema maior encontrado pelo grupo se relaciona com a viabilidade econômica de realização dos eventos socioculturais.

A aquisição do espaço físico, a sede do Instituto, em 2009, foi providencial para a administração das atividades. A dificuldade financeira é um fato contornado pela solidariedade dos integrantes, por meio da disponibilização de auxílios que vão desde o uso pessoal de cheques ou cartão de crédito, ou uma palavra. O trabalho conta com o apoio comunitário, numa relação complexa que envolve todos que dele participam onde a solidariedade une os sujeitos envolvidos. As pessoas comprometidas com a confecção do boi, dos adereços e estandartes, cumprem seu trabalho mesmo que recebam depois pelos serviços.

A coordenadora dos cabeçudos e cavalinhos (entrevistado 19), em entrevista de 23 de agosto de 2012, descreve o trabalho voluntário que sua equipe de vinte pessoas realiza nos cortejos do IAPAV:

A nossa equipe é de vinte pessoas, homens e mulheres, todos envolvidos com cultura, pessoas ligadas às escolas de samba, ligadas a projetos de polos de bairros, escolas, etc.; em todos os sentidos, tem sempre alguém ligado a alguma coisa cultural, e a nossa equipe é completamente independente da infraestrutura do IAPAV. É uma equipe voluntária. Todo início de cortejo, antes de sair, a gente se reúne e é feito um lanche para as crianças, porque nós percebemos que eram crianças muito humildes e que não tinham nem café para tomar em casa. Às vezes algumas passavam mal com o calor, com fome, porque não tinham café em casa [...] A despesa no início era dividida entre a equipe, agora tem outras pessoas que colaboram, umas que nunca saíram (nos cortejos), fornecendo sucos, água, bombons,

pirulitos, balões, vários brinquedos, pulseirinhas, coisas que as crianças gostam. Tudo é dado! Nós não temos nenhuma ligação à nível de infraestrutura de equipe com o IAPAV (depoimento em 23 de agosto de 2012).

O Instituto Arraial do Pavulagem se tornou um Ponto de Cultura a partir de 2005, com projeto aprovado pelo Ministério da Cultura (MINC)<sup>27</sup>. O produtor cultural do IAPAV (entrevistado 3), em seu depoimento, revela a dificuldade do Instituto com os trâmites burocráticos:

Eles viram (o MINC) que a gente era “Ponto de Cultura”, no fundo tínhamos sido aprovados, fomos contemplados, mas não tínhamos assinado o convênio e já no apagar das luzes do governo Lula, nós, o secretário de educação dos projetos e programas do MINC, quando nos encontrávamos nos seminários, nos eventos, era citado o Arraial como sendo ponto de cultura e nós acabamos assinando, mas recebemos até então duas parcelas, faltam mais três parcelas... Mudou os técnicos, o ministro, o governo... Então as coisas são demoradas e a sociedade que está com o serviço tem uma velocidade muito maior. O serviço da sociedade tem um ritmo incessante, devido à dinâmica do dia a dia que o governo não acompanha porque ele é “pesado”, não anda! (depoimento em 22 de julho de 2011)

Desde 2009, as atividades são potencializadas pelo Governo Federal com o Ponto de Cultura Arraial do Saber, projeto do Instituto em parceria com o Ministério da Cultura, através do Programa Cultura Viva.

Conforme depoimento, em abril de 2011, do músico e um dos idealizadores do Arraial do Pavulagem (entrevistado 1), o grupo teve um período de onze anos para amadurecer, organizando-se para alcançar metas idealizadas como um processo de aprendizado sobre a “cultura popular”, enxergando este projeto com outro olhar, que no discurso do entrevistado 1 é chamado de um olhar “pedagógico”, pois houve a necessidade de aprendizado sobre o folguedo.

---

<sup>27</sup> “ Ponto de Cultura”, é a ação principal de um programa do Ministério da Cultura, chamado Cultura Viva, concebido como uma rede orgânica de gestão, agitação e criação cultural. Para mais informações ver Referências Ponto de cultura (2009).

No início era o “Boizinho na Tala”<sup>28</sup>, depois o nome escolhido foi “Boi Pavulagem do Teu Coração” e, num momento de crise que o grupo estava passando, descobriu-se o trabalho das oficinas de artes e ofícios da Fundação Curro Velho, em Belém do Pará, o que proporcionou a realização do sonho coletivo de montar um trabalho nas ruas, de grande alcance popular. No Curro Velho foram realizadas de sete a oito oficinas que, no final, teve como resultado um boi montado, e ainda trinta a quarenta barricas (tambores), e começou-se a tocar, a fazer rodas de boi nos quintais das casas dos amigos, nas vilas, nas praças, onde não se cobrava cachês, mas sim barricas.

A gente precisava dos instrumentos, precisava aprender a tocar esses instrumentos, a gente precisava, como meta, aprender a tocar, a cantar e dançar e mais que isso, conhecer mais o boi bumbá, e aí também foi a época, porque o começo da brincadeira era mesmo o Boi Pavulagem do Teu Coração. Esse nome foi dito várias vezes, e a gente acaba gostando mesmo dele: Pavulagem do Teu Coração! Talvez o nome correto fosse Pavulagem do Nosso Coração (depoimento em 06 de abril de 2011).

A integrante do Batalhão da Estrela (entrevistado 15) que participa dos cortejos desde menina, fala com entusiasmo de quando se encantou com o Arraial do Pavulagem:

Participo do Arraial do Pavulagem desde seis para sete anos de idade, fui convidada a conhecê-los através da minha mãe que já curtia os arrastões da Praça de República [...] fiquei abraçada na mamãe na porta do Teatro Waldemar Henrique, que na época era de onde eles saiam simplesmente para dar uma volta na praça. Muito barulho de tambores, maracas e eis que abre a porta do teatro e a mamãe falou: “olha o boi ali, Lu” e eu abraçada nela com medo, quando eu olho comecei a rir, era um boizinho num cabo de vassoura que era o Boi Pavulagem na época, e aquilo me encantou, os ritmos, os tambores o boizinho que encantava qualquer pessoa, crianças principalmente e desde então não saio do Arraial do Pavulagem, que é um amor, amor inexplicável mesmo (depoimento em 17 de agosto de 2012).

A coordenadora dos cabeçudos e cavalinhos (entrevistado 19), fala de seu amor incondicional, das reuniões nas casas de amigos para conseguir dinheiro

---

<sup>28</sup> Brinquedo representativo de um pequeno boi bumbá enfiado num suporte denominado popularmente de tala.



para botar o boizinho nas ruas. Vários desses amigos trabalhavam na Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL). Para conseguir o dinheiro, segundo ela, eles tiveram a ideia de amarrar nas fitas de um boi o dinheiro arrecadado na reunião, como se fosse uma “simpatia”, ou seja, um ritual para se conseguir realizar um desejo (como por exemplo, amarrar um nó nas fitas de santos para a realização desse desejo), relatando um fato para ela marcante; e fala também da participação das mulheres nas ações do IAPAV:

É um amor que não tem tamanho, incondicional, a equipe que eu formei, não são pessoas constantes, não que não gostem, mas por outros afazeres. E essas pessoas que trabalham comigo tem essa paixão pelo folclore, pela cultura que é tudo que eu tento transmitir [...] A gente reunia um grupo de amigos para botar o boizinho na rua. Aí a gente botava uma caixa de som, um microfone, e aumentava o som devagarinho pra não perturbar a vizinhança, e aí convidava os namorados, as namoradas, os maridos e o pessoal envolvido com a cultura e assim a gente arrecadava o dinheiro para botar o boizinho na rua [...] Há um fato muito engraçado nessa história que pra mim é marcante. Quando a gente tinha um boizinho um pouco maior, a gente encheu ele de fitas. Quando tinha mais dinheiros amarrados, a gente tirava o nosso dinheirinho que era pra poder voltar pra casa de ônibus, pois a maioria era estudante [...] O importante era que se fizesse em casas, pois o barulho que a gente fazia, não dava pra ser em prédio [...] Em relação às mulheres é uma coisa muito presente, muito constante. Eu coordeno uma equipe de 20 pessoas, que trabalham com as crianças, que vão na frente, depois dos estandartes, dessas pessoas 12 são mulheres. Hoje a gente tem pessoas que participaram, mães que levavam os filhos, e agora participam tanto as mães quanto os filhos. Tem crianças que já passaram comigo e hoje em dia já fazem parte de outro contexto do arrastão (depoimento em 23 de agosto de 2012).

Conforme o entrevistado 1, no início usava-se o termo “esmolação”. Considerado mal empregado para ação desenvolvida pelo grupo foi substituído por “rodas de boi bumbá”, por sugestão de um músico da terra, amigo do grupo:

Como a gente não tinha grana, começou a tocar em rodas de boi, que a gente chamou primeiro de esmolação; aí, o Antônio Carlos Maranhão<sup>29</sup> puxou a minha orelha: “ cara, é legal construir isso com coisas positivas, falar em esmolação é muito humilhante para o artista, te inspira nas coisas

---

<sup>29</sup> Compositor paraense falecido em 2003.

das festas religiosas, vai na esmolação, nas comidas e tal, mas põe um nome melhor (depoimento em 06 de abril de 2011).

Resolvida a questão do nome do boi, o trabalho foi evoluindo e então, junto com o sucesso, o grupo teve que enfrentar outros problemas relacionados ao cotidiano das ruas. A trajetória do grupo passou por vários percalços até chegar a reunir um público significativo que a cada ano aumenta mais e, junto, vieram os problemas relacionados ao uso abusivo de bebidas alcoólicas e à violência nos arrastões. Segundo o entrevistado 1:

Aí a gente colocou as rodas de boi, as rodas de boi bumbá, enfim, só que o tempo passou, as pessoas aprenderam a tocar, as pessoas cantam, a gente retomou a brincadeira, recuperamos da crise e houve um período que a gente escutava as pessoas do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar, que faziam um cálculo de trinta a quarenta mil pessoas na Praça da República. Isso aí é uma coisa assim bastante gratificante pra qualquer pessoa que tá batalhando, que tá na rua, que quer fortalecer a cultura, fortalecer a identidade cultural da cidade. Isso tudo legal, mas junto com todas essas pessoas chegaram também os problemas, esses problemas não são problemas exclusivos do Arraial do Pavulagem, esses problemas são os problemas do cotidiano das ruas (idem).

Então foi criado o Cordão do Peixe Boi e houve a aproximação com instituições públicas e privadas que tratam da questão do meio ambiente. Na Amazônia, em Belém, o Cordão do Peixe Boi, é um dos eventos relacionados ao meio ambiente mais importantes do ano na cidade, o qual pretende levantar o estandarte da cultura em defesa do meio ambiente. O trabalho teve que contar com a colaboração dos meios de comunicação, na base da amizade, e eles se depararam também com problema do lixo, levantando a necessidade de parcerias de instituições públicas e privadas, para poder controlar a situação formada pelo fenômeno cultural que se tornaram os cortejos.

Criamos um brinquedo, que é o mais recente: o Cordão do Peixe Boi... Enfim, essa coisa do lixo, nós nos aproximamos, por exemplo, dos catadores de resíduos sólidos, nós tentamos nos aproximar da Secretaria do Meio Ambiente do Município, da Secretaria do Meio Ambiente do Estado,

de entidades que trabalham desenvolvendo atividades na orla de Belém, nos centros comunitários, então a gente foi caminhando, descobrindo que tem um monte de gente bacana preocupada com o planeta (idem).

Sobre a preocupação com o meio ambiente, a percussionista do Batalhão da Estrela (entrevistado 15), na sua visão das questões socioambientais tratadas nas ações do Instituto, fala que se procura transformar o que muitos pensam ser lixo em adereços e instrumentos musicais.

Um dos maiores exemplos dessa transformação do que seria considerado lixo para adereços, isso tudo pode ser visto no Cordão do Peixe Boi, no qual garrafas pet, que poderiam ser jogadas fora, são transformadas em adereços que embelezam por onde passam. A preocupação deles com o meio ambiente pode ser vista dessa forma (depoimento em 17 de agosto de 2012)

O entrevistado 1 repassa uma ideia sobre a preocupação com o meio ambiente e da dimensão que se tornou na prática os “arrastões” do grupo Arraial do Pavulagem durante o ano, uma vez que, junto com a alegria contagiante do público que acompanha os cortejos, vieram os problemas ambientais e, conseqüentemente, mudanças. A criação do Cordão do Peixe Boi, em 2003, veio a reboque dos problemas decorrentes da dimensão que tomaram as ações do IAPAV.

Quando os seres humanos se encontram dificilmente não se tem esses tipos de problemas, a violência do assalto, a violência está rondando, e às vezes fica evidente, porque a violência é muito sutil... Então todas as distorções sociais, os reflexos dos problemas econômicos eles, numa maior ou menor escala, aparecem o tempo inteiro na nossa frente [...] Nós acabamos com essa rede trazendo pra nossa frente, pra frente do palco, pro nosso olhar, essas contribuições e fomos percebendo uma série de outros problemas: o lixo! Então a gente começou a perceber assim no decorrer desses anos todos que a gente precisava levantar os problemas do lixo (depoimento em 06 de abril de 2011).

Sobre a questão da segurança nos cortejos, a colaboradora e ex-integrante do Batalhão da Estrela como percussionista (entrevistado 16), deu seu depoimento

recordando o início, quando o grupo era pequeno e não havia os problemas relacionados à violência:

Antes quando a gente começou a participar do Pavulagem era assim uma coisa pequena mas era muito bom. Agora está bem mas só que cresceu, tipo assim fugiu do controle. Não tá aquela coisa que a gente se sintia bem, segura [...], Antes pra gente falar de Pavulagem, precisava explicar, então o bom disso é que a gente não precisa explicar pra ninguém o que é o Pavulagem, todo mundo conhece [...] é um orgulho mas ao mesmo tempo a gente fica assim triste do que se transformou, não assim pelas pessoas que organizam, mas tipo tem roubo dentro do cortejo, agora as pessoas estão tirando máquina, aí os organizadores já ficam atentos porque as pessoas estão tocando. Vira assim motivo de preocupação. Só que eles estão tentando no Cordão do Peixe Boi melhorar a segurança de quem está dentro, só que o progresso dificulta mais a vida da pessoa. Tudo que progride sai do controle (depoimento em 17 de agosto de 2012).

A inquietação e preocupação com a questão ambiental nas ações do IAPAV é revelada nas letras das músicas tocadas nos cortejos, como a letra, a seguir, de música cantada no Cordão do Gallo:

**Não jogue lixo no chão** (Vital Farias)

Não jogue lixo no chão, o chão é pra plantar semente  
 Pra dar o bendito fruto pra alimentação da gente  
 O peixe que sai do rio o amor que sai do peito  
 Água limpa da fonte, um sentimento perfeito  
 A terra que tudo cria não pede nada demais  
 Ser tratada com carinho pra vigorar a paz  
 Não jogue lixo no chão nem rios, lagos e mares  
 A terra é nossa morada onde habitam nossos pares  
 A natureza é quem cria o amor  
 Milagre que faz a vida, bendito fruto do ventre  
 Se queres sabedoria,  
 Aprenda isto de cor  
 A terra é a mãe da vida, útero, ventre maior.

A seguir será abordada a relação do IAPAV com o território, considerando-se aqui os espaços com os quais o grupo se relaciona para realizar suas ações

socioeducativas, delimitando esses espaços como uma dimensão simbólica na cidade.

#### **4.1.1 O Instituto Arraial do Pavulagem e o território**

O IAPAV tem sua sede localizada na Praça dos Estivadores (Foto 1), entre a Avenida Presidente Vargas, o Boulevard Castilhos França e a Rua Primeiro de Março, no bairro do Comércio, na cidade de Belém.

O local se chama Praça dos Estivadores por ter sido o território dos trabalhadores da área portuária, pela proximidade com o porto de Belém. Por volta de 1835, segundo o historiador José Valente, quando foi aterrada a frente da Travessa dos Mirandas, atual Avenida Presidente Vargas, até o Mercado de Peixe, no Ver-o-Peso, restou um espaço entre os prédios e as ruas. A transformação desse amplo terreno deu-se poucos anos após a conclusão das obras do porto, já no início do século XX. Porém só no governo de Magalhães Barata foi construída ali uma praça. O uso no local nesse tempo era feito por pensões, hotéis e bares, que eram frequentados pelos trabalhadores do porto e tripulantes de embarcações que ficavam no local, principalmente em busca de lazer. Inclusive, era nesse local que eram selecionados os estivadores para os serviços no porto.

Por volta de 1946, com a redução do trabalho dos portuários pelo baixo fluxo de navios no porto de Belém, os estivadores fizeram uma promessa a Nossa Senhora de Nazaré para revitalizar o porto e, como a situação foi revertida, a promessa foi cumprida e até hoje eles homenageiam a santa durante o Círio de Nazaré, na passagem da berlinda, com pétalas de rosas no início, e depois com fogos de artifício, até hoje<sup>30</sup>.

No local encontram-se alguns monumentos, como um busto do ex-governador do Pará, Magalhães Barata, um obelisco em concreto com datas de acontecimentos históricos como a Independência do Brasil, o Primeiro Congresso Eucarístico de Pescadores do Pará (1925) e a Primeira Guerra Mundial. O piso

---

<sup>30</sup> Foi consultada reportagem publicada no jornal Diário do Pará em 25 de maio de 2006, assinada por Carla Lima. Para mais informações ver Referências, Praça dos Estivadores (2006).

externo da Praça é revestido de ladrilhos hidráulicos, com ilhas gramadas e ajardinadas, com árvores e palmeiras. Há uma atividade comercial de ambulantes que vendem alimentos. A praça passou por revitalização feita pela Prefeitura com data de 10 de outubro de 2002. Foi construída uma plataforma e um espaço cênico, e implantado de um projeto de drenagem e de gramado no local.

Foto 1 - Praça dos estivadores



Foto: Google imagens,skyscrapercity.com. Acesso em 13 out 2012.

Atualmente, no centro histórico de Belém, aos poucos, está havendo um processo de agenciamento na área da Praça dos Estivadores, com revitalização de fachadas e mudança de usos, além de ter sido a praça apropriada pelas atividades do Instituto, como um espaço de sociabilidade e de consumo cultural. A revitalização já se vê em alguns prédios como o da atual sede do IAPAV, o Point do Açáí, a sede do Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil (SINDIFISCO) e da dependência cultural do Serviço Social do Comércio (SESC Boulevard), mudando o aspecto do lugar, que se encontrava bastante degradado.

O Instituto Arraial do Pavulagem delimitou seu território como dimensão simbólica na cidade de Belém, marcando sua territorialidade nas Praças da República e na dos Estivadores, garantida ela em todos os cortejos, mesmo que

itinerantes, exercendo e marcando influências, extrapolando os limites das praças na cidade e entrando em outros locais, até nos interiores do Estado. Nesse sentido, citando Haesbart (2001, p.121):

O território envolve sempre, ao mesmo tempo [...], uma dimensão simbólica-cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico do espaço onde vivem (podendo ser, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político disciplinar: apropriação e ordenamento do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos [...] Assim, associar o controle físico ou a dominação “objetiva” do espaço a uma apropriação simbólica, mais subjetiva, implica em discutir o território enquanto espaço simultaneamente dominado e apropriado, ou seja, sobre qual se constrói não apenas um controle físico, mas também laços de identidade social.

A pertinência da ação coletiva do IAPAV em função do contexto territorial se dá também em função da importância que tem a Região Amazônica para o planeta. O IAPAV toma como base, em seu trabalho socioeducativo, a simbologia amazônica expressa na sua condição única, por ser, como bem exemplifica Loureiro (2005, p.7), rica em biodiversidade:

A Amazônia, a maior bacia hidrográfica do mundo, é o último grande patrimônio de reserva biológica da humanidade, com espécies ainda não identificadas cientificamente; encerra uma imensa reserva de recursos minerais, alguns dos quais em fase de rápida extinção; é o habitat das derradeiras ou isoladas tribos indígenas com autonomia cultural, sobreviventes no Brasil; representa uma fonte de recursos e espaço de sobrevivência de milhões de brasileiros que nela tem sua morada de origem, obtendo do solo, dos rios e da floresta o seu sustento.

A Praça dos Estivadores é o local que o Instituto se utiliza como ponto de encontro da sociedade nos eventos do grupo, fazendo parte de sua ambiência um conjunto histórico tombado pelo IPHAN, casario de época, onde um deles foi cedido pela Fundação Santa Casa de Misericórdia ao Instituto, para abrigar sua sede. O entrevistado 1, em seu depoimento, ressalta a importância da utilização do espaço público:

A gente começou a perceber que na rua a utilização do espaço público precisa urgentemente acontecer e acho que isso já vem ocorrendo, já tem pessoas que estão incomodadas, ou estão se desacomodando, estão tomando iniciativas para discutir e eu acho que isto tem que ser uma tarefa comum a todos, discutir no coletivo a utilização do espaço público (depoimento em 06 de abril de 2011).

O IAPAV possui na vizinhança alguns parceiros importantes, como o SINDIFISCO, cuja sede é usada para atividades e reuniões do Instituto e atualmente o SESC Boulevard, que sediou o Seminário que antecede o Cordão do Peixe Boi em 2012, para discussão do mesmo e da feira de produtos orgânicos. Nas reuniões sobre as atividades do evento, levantou-se a possibilidade de adoção da praça, para futura apropriação do espaço para eventos em que a preocupação com o meio ambiente e a qualidade de vida sejam o foco principal. O entrevistado 1, falando sobre a feira, ressalta a busca do conhecimento através das universidades para melhor fundamentação das ações do IAPAV, no que se refere o processo de Educação Ambiental.

A ideia da feira é a de uma rede solidária que daqui pra frente vai lutar para adotar essa praça (Praça dos Estivadores), para que a gente possa estar se desdobrando nos processos ao longo do ano, tanto internamente aqui em Belém, como nas comunidades, no caso o Satélite, o Guamá do Malhadinho, pra que a gente possa a partir daí, contar com as pessoas especializadas, pra gente casar junto, já que a gente já tem um know-how pra trabalhar construindo esse brinquedo (do Peixe Boi), essa relação com a cultura, e que a gente possa a partir daí, de verdade, a partir de um planejamento, de uma orientação mesmo científica, a gente ter a experiência de desenvolver o processo de educação ambiental. (depoimento em 06 de março de 2012).

Os arrastões do grupo Arraial do Pavulagem, como todos os eventos de importância no calendário local, assim como o Círio de Nazaré, culminam na Praça da República, um local onde grupos alternativos buscam espaços para expressar sua identidade, numa tentativa de resgatá-la, recuperando assim a solidariedade perdida nas mudanças globais. Para o entrevistado 1, reativar as vivências significa garantir a identidade cultural perdida nas mudanças e no tempo. Para ele a questão



ambiental tem servido para perceber e aprofundar o olhar para cultura popular e também levantar a qualidade da problemática ambiental do espaço público, numa tentativa de garantir a presença das crianças, jovens e idosos nas atividades do IAPAV, experimentando essa vivência para garantir a própria identidade.

A Praça da República<sup>31</sup> (Foto 2), conhecida originalmente como Largo da Pólvora, é um local escolhido pela população para seus encontros nos finais de semana, por ser uma referência de lazer, em que o domingo é o dia de maior concentração de pessoas de diversas classes e níveis socioculturais. Tombada pelo IPHAN, se tornou, desde meados do século XIX, uma forte referência para a organização urbana da cidade e um marco simbólico de um período promissor da capital paraense. Essa área passou por significativas transformações em seu espaço físico, sendo a principal sob o governo do intendente Antônio José Lemos, entre 1897 e 1912. Atribui-se a autoria do projeto da Praça a Eduardo Hass, braço direito na Diretoria de Parques e Jardins da Cidade, na administração do intendente Antônio Lemos.

A praça tem como características morfológicas três espaços distintos, tendo como limite a Avenida Presidente Vargas. Possui arborização periférica; alamedas e vias de passeio; jardins e elementos de mobiliário urbano nela edificadas; um passeio periférico; uma elipse com caminhos impermeabilizados; grandes gramados; canteiros e, ocasionalmente, a presença de recantos pitorescos (com fontes, espelhos d'água, pavilhões, coretos etc.). O padrão estilístico se reporta aos modelos dos jardins italianos, franceses ou ingleses. O bar do Parque, bar da praça, é ponto de encontro de artistas, intelectuais e boêmios.

Entre o mobiliário existente se destacam os monumentos esculpidos em ferro ou bronze, os pavilhões, as pontes, os postes de ferro e as áreas específicas de estar, com seus bancos, pergolados, espelhos d'água com fontes e esguichos. A proposta de arborização urbana é um ponto alto do projeto da praça, tanto no período do intendente, como hoje. Além dos gramados, que conferem à área um espaço livre não edificado, deve-se, ainda, observar as áreas livres pavimentadas, favoráveis à apropriação dos espaços existentes, para múltiplos usos.

---

<sup>31</sup> Para mais informações sobre a Praça da República ver referência: Paisagem e meio ambiente. A Praça da República e seus aspectos morfológicos no desenho da paisagem de Belém.

Foto 2 - Praça da República



Foto: Google imagens,skyscrapercity.com. Acesso em 13 out 2012

A praça atende ao aspecto recreativo mais frequentemente nos fins de semana, quando a presença maciça do público infanto-juvenil ocupa os grandes gramados de forma lúdica. O público adulto ou da terceira idade se apropria do espaço para caminhadas ou mesmo realizando reuniões, inclusive, nos gramados. A praça é o local de manifestações culturais diversas, e foi escolhida pelo IAPAV para finalizar o cortejo e realizar o ritual dos mastros na quadra junina.

A respeito das formas de apresentação dos bois-bumbás, Dias Junior (2009, p.106), ao referir-se à sua territorialidade, indica que nos últimos trinta anos esse folguedo vem ganhando novas interpretações dinamizadoras da cultura popular na cidade. Ele cita o Arraial do Pavulagem, dizendo que foi na década de oitenta (do século XX) que novas formas de apresentação da peça misturaram-se às versões antigas, criando algumas alterações na brincadeira, resultando em variações no boi bumbá que geraram significativas mudanças nos sentidos das manifestações folclóricas, fazendo com que a territorialidade do boi, identificada com as periferias, se estendesse para outros espaços de atuação no centro da cidade, como teatros e praças, que passaram a ser utilizados pelos grupos folclóricos. Então um grupo diversificado começou a apreciar a brincadeira do boi bumbá, que deixou de ser domínio exclusivo das classes populares, residentes nos subúrbios, e passou a atrair outros segmentos sociais simpáticos ao folclore regional.

A seguir será narrada e descrita a trajetória do grupo Arraial do Pavulagem, o processo de construção dos cortejos e suas relações com a geração das ações socioeducativas inerentes aos cortejos.

#### **4.1.2 Educação e Cultura nas Ruas: os arrastões do Instituto Arraial do Pavulagem.**

Começou com Rui Baldez a construção do que seria o Grupo Arraial do Pavulagem. Baldez, maranhense radicado em Belém, foi um dos idealizadores que, junto com o entrevistado 1, participava da manifestação que, aos domingos do mês de junho, com um boizinho trazido de São Luís do Maranhão, levava este brinquedo para as reuniões musicais em frente ao Teatro Waldemar Henrique, na Praça da República.

Com o tempo, essas reuniões ganharam muitos simpatizantes, começando assim os cortejos em torno da referida praça. Com a proibição, pela polícia, das reuniões em frente ao teatro, o grupo passou a fazer reuniões dentro do teatro, o que, com o tempo, não foi mais permitido pela direção do mesmo. Então se decidiu realizar cortejos em torno da praça, os quais a cada saída ficavam maiores. Conforme depoimento de Rejane Sobral (coordenadora da equipe de cavalinhos e cabeçudos) em entrevista de 24 de março de 2010 para “Arraial do Pavulagem na cultura belenense”:

No início, a reunião era na casa de amigos (encontros musicais). Depois, nos finais de semana, ia para Praça Waldemar Henrique, que foi proibida pela polícia. Passaram as reuniões para dentro do Teatro Waldemar Henrique (Praça da República), houve nova proibição. Aí foram para fora do teatro e passaram a “entornar” a praça com o boizinho na tala, alguns instrumentos e simpatizantes acompanhando (CARDOSO, RAAD, SILVA, 2010, p.38).

A entrevistada 15 diz que um dos fatos para ela marcantes na trajetória do Arraial do Pavulagem, foi quando um gestor da cidade proibiu o grupo de dançar na Praça da República, porque a praça havia sofrido reforma e fora mudada a grama dos jardins. Segundo ela, foi a partir daí que se originaram os arrastões: “Ah, então não querem que eu dance aqui, então vamos dar volta na praça!”, aí surgiu a música

que diz assim: “A polícia não quer que eu dance aqui, não dance ali, dance acolá...”Esta música se chama “Rodopiou”, cuja letra remete à situação narrada pela entrevistada 9 e cita os mestres do carimbó do Pará, como Pinduca<sup>32</sup> e Verequete<sup>33</sup>:

Caiu flores no salão  
 Embarquei na tua dança  
 Entreguei meu coração  
 Vem pra Belém conhecer o carimbó  
 Fui no baile do Pinduca, Verequete,  
 Olha o maçã, olha o macaco,  
 Tem Pinduca na capital  
 Chama Verequete, olé, olé  
 Chama Verequete, olá , olá  
 Ié, ié, ié  
 A polícia não quer que eu dance aqui  
 A polícia não quer que eu dance ali  
 A polícia não quer que eu dance acolá.

O entrevistado 1 aprofundou a amizade com Rui Baldez nos festivais de música da cidade. Inicialmente, Rui Baldez propôs fazer uma rodada de carimbó; depois surgiu a idéia de colocar um boi na rua. Porém, com a intenção de fazer um trabalho sério, havia necessidade do conhecimento desta manifestação artística popular, cujas características diferem no Brasil, de acordo com o lugar. Então o grupo solicitou permissão para realizar shows aos domingos pela manhã. Começavam percorrendo a praça, depois entravam no teatro para o show, com repertório composto por ritmos populares variados, como boi bumbá, xote, toada, merengue etc.

---

<sup>32</sup> Pinduca , cantor e compositor paraense, conhecido como “Rei do Carimbó”, é natural de Igarapé Miri.

<sup>33</sup> Mestre Verequete, Augusto Gomes Rodrigues, nasceu em Bragança em 26 de agosto de 1926, e faleceu em 03 de novembro de 2009.

No depoimento de Ronaldo Silva, do IAPAV, em “Arraial do Pavulagem na cultura belenense”, ele ressaltou que não queria trabalhar no sentido convencional do boi bumbá, primeiro porque não vivia no contexto de mestre Fabico<sup>34</sup>, mestre Oitenta, mas sim no contexto urbano. Silva também queria um público participativo, fazendo festa em espetáculo onde todos participam e não só espectador ou contemplativo, como no boi tradicional (CARDOSO, RAAD, SILVA, 2010, p.41).

Neste sentido, Dias Junior (2009, p,105) cita mestre Fabico, que compôs uma toada de provocação ao Boi Pavulagem:

Mestre Fabico, por sua vez, referenda que seu boi “não tem pavulagem” por ser um “boi de rua” que pratica a cultura popular sem o cerimonial e a estrutura que cerca os movimentos recentes de bumbá em Belém [...] “Ser diferente” era um dos motes inspiradores das toadas cantadas pelos “amos” de boi do Guamá, que num discurso consensual, elegiam-se como os “guardiões” da cultura originária do boi bumbá.

A toada diz assim<sup>35</sup> :

Vim trazer Flor Todo Ano, para o povo apreciar,  
ele é um boi de rua, dança em qualquer lugar,  
ele é um boi de bamba é chamado para o interior,  
brinca em qualquer cidade porque tem muito valor,  
não é boi de Pindaré, nem é boi do Axixá,  
ele não tem Pavulagem, nem é boi de Cametá  
não é boi do Maranhão e nem é boi do Mangangá  
ele é um boi paraense que nasceu lá no Guamá.

---

<sup>34</sup> Mestre Fabico nasceu em Belém, no ano de 1928. Em 1948, mudou-se para a passagem Santa Fé, local de residência e curral de seu boi bumbá. O universo dos folguedos populares foi o seu primeiro contato com a música, aos sete anos. De acordo com entrevista concedida ao pesquisador José do Espírito Santo Dias Junior, reunida em sua tese de mestrado na Universidade Federal do Pará, em 2009, Fabico trabalhou como feirante, sapateiro, pedreiro, gari e servidor público na prefeitura de Belém, por onde se aposentou. Paralelo a isso, sempre teve amor e dedicação pelo folclore, foi cantor no boi “Malhadinho” e boi “Tira Fama”. Resolveu fundar o seu próprio boi bumbá, o “Flor de Todo Ano” em junho de 1985 (Notícia no Diário do Pará.com.br, em 23 de janeiro de 2012). Para mais informações ver Referências.

<sup>35</sup> Texto contido em: Cultura e Política. A prática cultural do Boi Bumbá na cidade de Belém. Ver Referências para mais informações.

Em homenagem ao mestre Fabico, o Arraial do Pavulagem dedicou-lhe a toada “Flor de todo ano” :

Eu vim de longe  
 vim na estrada de chão  
 trago comigo  
 flores no meu coração.  
 Senhora dona da casa,  
 peço licença pra entrar  
 por onde andei  
 deixei pétalas no chão.

O meu boi tem flor, ei flor  
 flor de todo ano, ei flor  
 trago comigo flores no meu coração.  
 Quando ele passar, ei flor  
 me dê um sorriso, ei flor  
 peço licença pra florir seu coração.

O boi na tala era um bozinho espetado num espeto de churrasco<sup>36</sup>, que ia de mão em mão aos cortejos. Depois, os integrantes ganharam um boi maior, porém nele mal cabia uma criança. Tocavam em residências e em conjuntos residenciais. e então, um dia, encontraram funcionários da Fundação Curro Velho numa reunião em um conjunto residencial, e conseguiram um trabalho de realização de oficinas. No final, o grupo ganhou um boi feito por um funcionário da Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL), com uma indumentária com florezinhas, que foi logo apelidado de “Boi Boiola” pelos participantes do Boi “Malhadinho”, do Guamá (CARDOSO, RAAD, SILVA, 2010, p.43).

Com o falecimento do autor do boi, o Boi Pavulagem passou a ser feito por Evaldo Gomes Maciel, que construiu os bois e galos dos eventos do IAPAV e o Boi Malhadinho, até falecer, em 2012.

Neste 2012, estão sendo comemorados os vinte e cinco anos de atividades culturais do grupo Arraial do Pavulagem<sup>37</sup>. O grupo desenvolve a

<sup>36</sup> Outros antigos integrantes do IAPAV dizem que era num cabo de vassoura.

<sup>37</sup> Durante esses anos houve várias formações e foram produzidos sete trabalhos musicais: Gente da Nossa Terra (1995); Sotaque de Reggae Boi (1996); Arrastão do Pavulagem (2001); Folias do Marajó

construção de cortejos realizados ao longo do ano na cidade, que finalizam com shows da banda, e hoje conta com os músicos pioneiros e novos integrantes. Para os cortejos nas ruas são realizadas oficinas, ensaios de dança, percussão, canto popular e artes cênicas, além de ofícios participativos com atividades feitas por artífices e brincantes, que produzem os objetos cênicos dos arrastões.

O IAPAV, cujos componentes são os mesmos do grupo Arraial do Pavulagem, se relaciona o calendário festivo da cidade para transmitir as questões socioambientais e políticas; e as inquietações da sociedade paraense, utilizando como símbolos animais característicos da região como o peixe boi (no Cordão do Peixe Boi, que antes saía na época do carnaval); os brinquedos de miriti, no Cordão da Cobra Grande, em outubro durante o Círio de Nazaré; e os santos, nos arrastões durante a quadra junina.

Nos cortejos há uma diversidade de manifestações de cunho político e social. Os brincantes aproveitam para manifestar seus descontentamentos com a situação do país e com o comportamento dos políticos. A introdução de adereços de mão foi ideia do músico entrevistado 1, inspirado nos desenhos que alunos de um colégio onde ministrou palestras fizeram sobre as impressões que eles tinham do Arraial do Pavulagem.

As bandeiras, conforme a ex-coordenadora do segmento das bandeiras, que depois assumiu a coordenação dos cavalinhos e cabeçudos (entrevistado 18), têm o mesmo objetivo, de fazer com que o público se integre aos cortejos. Elas apenas dão colorido ao cortejo, sem nenhuma alusão a símbolos nacionais.

Nos cortejos sempre há presença de convidados, como os mestres de Ourém, os bois bumbás de outros municípios do Estado, mas o convidado mais ilustre é sempre o Boi Malhadinho, da Rua Pedreirinha, do Bairro do Guamá, resgatado pelo músico e percussionista do grupo Nazareno Silva, falecido em setembro de 2009, que realizou uma pesquisa sobre bois bumbás.

Mestre Evaldo, que confeccionava os bois, participou desde os primeiros arrastões na praça. De sua casa na Pedreirinha saía todo material dos arrastões, desde quando os percursos iam da escadinha da Estação das Docas até a Praça da

---

(2002) e Rota da Estrela (2003). Participaram, ainda, do projeto Sonora Brasil, promovido pelo SESC em 2006.

República. Na foto (Foto 3), o músico Ronaldo Silva, a artesã Doralice Soares e mestre Evaldo, amo do Boi Malhadinho, se confraternizam antes da saída do cortejo, no interior da sede do Instituto, em 2011.

Foto 3 - Músico Ronaldo Silva com Dora e Evaldo, do Boi Malhadinho



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

A introdução dos mastros nos cortejos juninos foi ideia de Seu Lucas, do Grupo de Carimbó Sancari, que todos os anos é o convidado especial para animar a viagem, no trajeto fluvial que abre o primeiro arrastão de junho. Seu Lucas Bragança<sup>38</sup> participa todos os anos da festa de São Sebastião, em Cachoeira do Arari e trouxe o ritual dessa festa para os cortejos do IAPAV.

Em Cachoeira, há três tipos de mastro: um dos homens, outro das mulheres e um dos adolescentes. Em 2000 foi introduzido no Arraial um, carregado só pelos homens, mas, depois, por reivindicação das mulheres, foi introduzido o mastro das mulheres. O ritual dos mastros consiste na retirada, da mata de várzea, de duas estirpes de açaí, que são levadas para a Praça Princesa Izabel, onde são ornamentados. Posteriormente, são levados, juntamente com o Boi Pavulagem e os Bois convidados, para uma embarcação, que os transporta pelo Rio Guamá e Baía do Guajará, até o cais, próximo à Estação das Docas, onde são recebidos no show

<sup>38</sup> O Grupo de Carimbó Sancari nasceu de uma brincadeira de rua na passagem Álvaro Adolfo, no bairro da Pedreira, em 1996, em Belém, feita por músicos que tocavam vários estilos, principalmente samba carimbó e boi bumbá. Com o tempo, se decidiram pelo carimbó de raiz. A atual formação do Sancari conta com treze integrantes de diferentes cidades e localidades do Pará, como Cachoeira do Arari, Cafezal, Bragança, Belém, Curuçá e Cametá. Compõem o grupo Felipe Souza, Thiago Bragança, Lucas Bragança, Lucas Damasceno, Zé Américo, Marciney Costa, Jason Leão, Júnior Amaral, Plácido Leão, Diego Bragança e Luiz Eugênio, os quais tocam instrumentos diversos e cantam. Informação em Portal ORM, ver Referências.



“Brilho da Aurora” e onde ocorre a queima de fogos, significando o despertar de São João.

No final do arrastão, os mastros, cada um deles com uma bandeira, são erguidos na Praça da República ao fim do cortejo. No último domingo da quadra junina é feita a derrubada deles: um homem e uma mulher sobem nos respectivos mastros para retirar as bandeira, remetendo ao gesto de um caboclo subindo, com a peçonha<sup>39</sup>, as palmeiras amazônicas para a colheita do fruto.

Os cabeçudos e cavalinhos foram inspirados nos bois de São Caetano de Odivelas. A intenção foi facilitar a participação das crianças nos cortejos. Elas desfilam protegidas por uma corda, depois de várias tentativas, que não funcionaram, de protegê-las com um cordão humano. A entrevistada 18, citada anteriormente, uma das antigas coordenadoras dos cavalinhos e cabeçudos, fala da dificuldade que enfrentou com as crianças, quando os cortejos saíam da Rua Pedreirinha, no Guamá:

Quando a gente chegava na praça, pegava o material, os cavalinhos, por exemplo, aí esperava a garotada, porque a garotada toda queria ir e nem tinha cavalinho suficiente pra todo mundo, aí fazia revezamento, pegava um tanto de criança e botava no cavalinho, ia até a metade do caminho, depois trocava, mesmo assim a garotada ficava chorando, porque não queria sair do cavalinho. Tanto os cavalinhos quanto os cabeçudos era a mesma coisa, apesar dos cabeçudos serem calorentos, a garotada queria ir dentro (depoimento em 23 de agosto de 2012).

Os arrastões do IAPAV são os seguintes: o Cordão do Peixe Boi; os arrastões da quadra junina; e o arrastão da Cobra Grande (durante o Círio), todos com a participação do Projeto Orube de Arte e Educação. O vice-presidente do IAPAV (entrevistado 14) fala dessas ações durante o ano:

Então, ao longo do ano inteiro, cada ano a gente tem uma estrutura, um tripé que é num primeiro momento, em março, uma semana antes do carnaval, o Cordão do Peixe-Boi, que tem o foco de relacionar Cultura e Meio Ambiente. Nada mais do que o peixe-boi ser o nosso grande símbolo. No momento da

---

<sup>39</sup> No dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, peçonha vem do tupi - peko, laço de corda ou de embira (qualquer casca ou cipó usado para amarrar) preso ao tronco das árvores sem ramos, para nele se colocarem os pés a fim de subir.

quadra junina, aí são quatro cortejos: três no mês de junho e um no mês de julho, e o final sempre em outubro, antes do Círio de Nazaré. De qualquer modo são momentos diferentes, mas a gente acaba sempre beijando na fonte sendo parceiros de música e de ritmo, então bacana porque fica fácil de navegar porque a gente já vivencia isso há muito tempo (depoimento em 14 de agosto de 2012).

O trabalho no interior foi também comentado pelo entrevistado 14, que se referiu à importância do sentido do coletivo relacionado ao espaço de atuação do IAPAV, que não se resume na cidade, mas sim em outros pontos do Estado como Bragança, Ourém, Cachoeira do Arari, Igarapé Açu, dentre outros:

Que eu me lembro fui varar lá em Bragança, perto do Natal nas festividades de São Benedito. Minha primeira atividade fora do Arraial foi uma experiência muito legal. Tu estás acostumado a fazer a brincadeira aqui, chegas só uma semana num outro lugar, conhecendo novas pessoas, vê que todo mundo tá a fim, aberto a brincar, e aí a brincadeira sempre dá certo. Depois disso a gente foi pra Ourém, aí veio uma grande amizade com os mestres de lá (Cardoso, Faustino...) [...] Aí depois teve a vivência muito especial lá em Cachoeira do Arari, no Marajó, lugar especial, iluminado, é muito interessante, porque tem uma cultura muito forte ligada a São Sebastião. E a gente vara lá desde 2008, 2009, no Cordão do Gallo, uma homenagem ao padre Giovanni Gallo, grande ativista cultural, social, enfim a gente foi pra lá por conta daquela demanda do IPHAN de ver lá na brincadeira dos grandes, a molecada também voltada para o uso da bebida chamada “leite de onça”, que é uma mistura de álcool doméstico com o leite da búfala, então eles convocaram na altura, o Estado, a Fundação Curro Velho, que emitiu seu grande representante que foi o Ronaldo Silva<sup>40</sup>, por conta dessa vivência, a mais bacana das ideias por intermédio da arte e também com viés de entender seu ambiente de entorno [...] Aí fomos umas duas vezes na Colônia do Prata (Igarapé Açu), já com um namoro que a gente teve da Universidade (UFPA) e o Arraial, então de casar a expertise da questão ambiental lá pelo GEAM e a nossa prática natural mesmo teórica a respeito das relações cultura e meio ambiente, acho mesmo de coração até porque nós somos seres da floresta, mesmo morando na cidade, aqui é floresta também... (idem).

---

<sup>40</sup> Nesse tempo trabalhava na Fundação Curro Velho.

A seguir serão apresentadas as ações, inclusive descrevendo e discutindo o processo de construção das alegorias feitas com material reciclável no cortejo do Cordão do Peixe Boi; e descrevendo e discutindo duas ações no interior do Pará: em Cachoeira do Arari, o processo de construção do Cordão do Gallo e a dimensão ambiental associada à cultura local: as oficinas e os plantios; e descrevendo e discutindo o processo de construção de uma ação do Projeto Orube de Arte e Educação em Ourém, no II Encontro de Saberes, em uma escola estadual daquele município.

#### 4.1.2.1 Os arrastões do Cordão do Peixe Boi

O Cordão do Peixe Boi, no ano 2011, ocorreu na Praça dos Estivadores, em frente à sede do Instituto, depois de cumprir seu percurso. O Cordão do Peixe Boi é o primeiro cortejo do ano, um cortejo de rua realizado pelo IAPAV desde 2003, com uma proposta pautada na reflexão sobre o papel do ser humano e da cultura diante da natureza. Um exercício de cidadania cultural e ambiental na Amazônia, que ganha vida na figura do peixe boi; um brinquedo construído para simbolizar a preocupação com o meio ambiente.

Em parceria com a Associação de Produtores Orgânicos do Estado do Pará – Pará Orgânico, o Instituto Arraial do Pavulagem realizou uma Feira de Produtos Orgânicos, com venda de hortaliças, frutas regionais, flores tropicais, plantas medicinais e ornamentais e produtos fitoterápicos, trazidos de vários municípios do Estado, como Irituia, Benevides e Santo Antônio do Tauá.

Além da feira, o Instituto promoveu doação de mudas de plantas de espécies frutíferas (andiroba, ingá, açaí, fruta-pão e jatobá) por meio do Instituto Amigos da Floresta Amazônica (ASFLORA)<sup>41</sup> que trouxe para o cortejo outra ação que desenvolve no Estado: o “Teatro de Floresta”, com personagens como o “curupira”, a “mãe natureza”, a “matinta perera”,<sup>42</sup> no intuito de fomentar o diálogo sobre a proteção da natureza e a melhor forma de conviver com ela, com temas sobre a

---

<sup>41</sup> Entidade civil sem fins lucrativos, criada em 2000 que tem como missão educar, preservar, reflorestar e promover o intercâmbio, a partir do princípio do desenvolvimento sustentável da região amazônica em suas dimensões ambiental, cultural, social e econômica.

<sup>42</sup> Personagens do folclore amazônico.

flora, fauna, dispersão de sementes, reflorestamento, manejo florestal, desenvolvimento sustentável, queimadas e contaminação de recursos hídricos.

O Projeto Orube de Arte e Educação participou do cortejo na ala de percussão do Batalhão da Estrela – comunidade de tocadores de percussão, pernas-de-pau e dançarinos que participam das oficinas e ensaios promovidos pelo Instituto Arraial do Pavulagem - que garante os cortejos. A seguir serão narradas as atividades preparatórias para o Cordão do Peixe Boi em 2012.

Para o Cordão do Peixe Boi, em 2012, as atividades foram: as oficinas de canto, dança, percussão e treinamento dos pernas-de-pau; reuniões de planejamento das atividades constituintes da programação para preparação do seminário “Cultura e natureza, uma relação vital” e feira; e laboratório de confecção das alegorias de garrafas pet. As atividades para o Cordão do Peixe Boi foram realizadas no período de 03 a 23 de março. No dia 22 de março foi realizado o Seminário “Cultura e Natureza: uma relação vital”, e o cortejo e a feira ocorreram no dia 25 de Março.

#### 4.1.2.1.1 Reuniões de planejamento das atividades constituintes da programação do Cordão do Peixe Boi (Seminário e Feira).

Nessas reuniões de planejamento, em fevereiro de 2012, os colaboradores (a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER); a Federação das Associações de Apicultura do Estado do Pará (FAPIC); o Grupo de Pesquisas em Educação, Cultura e Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará (GEAM/UFGPA) e a Secretaria de Agricultura do Estado do Pará (SAGRI)), levaram suas propostas para feira e seminário, como: montar uma “Casa de Farinha”; elaborar mapa urbanístico para projeto do espaço do evento; realizar uma oficina, ou um *workshop* sobre hortas urbanas, como parte da programação do Seminário; “Casa do Mel” dentre outras.

O GEAM propôs a participação das crianças e professores de escolas que possuem trabalhos sobre Educação Ambiental, sobre o que representante do IAPAV, Entrevistado 1, ressaltou a importância de priorizar o aspecto pedagógico, em que crianças e professores devem ser envolvidos. As componentes da Associação Brasileira do Alzheimer participariam com material sobre o assunto e

discussão e relatos de experiências positivas da inserção da música (cultura regional, música e memória) para o tratamento dos pacientes. A importância desta associação na construção desta ação se dá em função do interesse do Instituto na presença dos idosos nos cortejos.

A segunda reunião iniciou com a palavra do entrevistado 1 que informou aos presentes sobre o processo de idealização da feira, que é de estabelecer uma rede solidária para adotar a Praça dos Estivadores para desdobramento das ações durante o ano em Belém, através de um trabalho que possa contar com o apoio de pessoas especializadas, de um seminário e uma feira, com um planejamento que desencadeie um processo de Educação Ambiental.

Nas palavras dele, o caminho para atingir esse objetivo seria trabalhar a cultura como parte de um processo de relação com a natureza. No ano de 2012, o IAPAV pretendia dar um passo maior, e este passo seria a realização de seminários e feiras durante o ano, uma vez que se dispõe do espaço da praça, faltando apenas escolher o tempo certo para se fazer a ação, cumprindo a missão de trazer palestras com esta temática (cultura e natureza) para apresentar à cidade. Na foto 4, imagem da reunião de planejamento realizada na sede do SINDIFISCO, situada ao lado da sede do Instituto, na Praça dos Estivadores.

Foto 4 - Planejamento das atividades do Cordão do Peixe Boi



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

#### 4.1.2.1.2 O Seminário no Dia da Água

Com o tema “Cultura e natureza, uma relação vital”, o seminário foi realizado no dia 22 de março, Dia da Água, no auditório do SESC Boulevard, localizado no Boulevard Castilhos França, no conjunto de casarios tombado pelo IPHAN.

Na abertura do seminário houve a apresentação dos trabalhos e breve histórico sobre o Instituto. Logo depois se abriu o painel interinstitucional “Natureza, sustentabilidade e valorização da vida: cultura, educação e vida amazônica”, com cinco palestras seguidas de debate e shows musicais, encerrados com degustação de açaí com charque, no hall do auditório. A seguir, todos se retiraram para uma segunda degustação de produtos regionais no restaurante localizado em prédio vizinho à sede do Instituto<sup>43</sup>.

Após o debate realizou-se apresentação musical de crianças do Projeto Orube de Arte e Educação e de um músico da terra, que com instrumentos de percussão artesanais- regionais apresentou um trabalho de música orgânica com elementos da floresta, simulando sons de elementos da natureza (pássaros, rios, pedras, etc), instigando o imaginário do público presente quanto aos mistérios da floresta.

#### 4.1.2.1.3 O Cordão do Peixe Boi e a feira de produtos orgânicos

O Cordão do Peixe Boi iniciou suas atividades no dia 25 de março de 2012, bem cedo, em três lugares: na escadinha da Estação das Docas, onde o brinquedo estava sendo aguardado; na Praça Princesa Izabel, de onde partiu a embarcação levando o brinquedo; e na Praça dos Estivadores, onde se montava- a Feira de Produtos Orgânicos. Na programação, o ritual dos cortejos do IAPAV, composto por Brilho da Aurora, Roda Cantada, e o cortejo propriamente dito.

---

<sup>43</sup> O evento teve apoio da Associação Brasileira de Alzheimer- Regional Pará( ABRAZ); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER-PA); Federação das Associações de Apicultura do Estado do Pará (FAPIC); Restaurante Point do Açaí; grupo de Pesquisas em Educação, Cultura e Meio Ambiente (GEAM) da Universidade Federal do Pará (UFPA); e Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Os títulos das palestras foram: “Cultura e Natureza e Alzheimer”, ministrada por Graça Nascimento, da ABRAZ; “Abelhas e a sustentabilidade do planeta”, por Gerson de Moraes, da FAPIC; “A extensão rural e a sustentabilidade dos agrossistemas” por Raimundo Ribeiro, da EMATER; “Cultura e natureza: animais na vida ribeirinha amazônica”, por Dora Palha, da UFRA; e “Diálogos entre cultura e natureza, o lugar da Educação Ambiental”, por Marilena Loureiro da Silva, da UFPA.

O Brilho da Aurora existe desde 2011, quando o IAPAV incluiu este momento na programação. Foi inspirado nas alvoradas das festividades dos santos do interior do Pará, representando o instante de celebrar o amanhecer e a vida. Tem como objetivo repensar horários mais saudáveis para a prática cultural em espaços públicos. A simbologia é a esperança, a renovação e o despertar da cidade junto com a natureza.

A Roda Cantada é realizada durante concentração para a saída do cortejo, quando os brincantes aguardam a chegada do barco trazendo o símbolo da festa o Peixe Boi, nas águas da Baía do Guajará, vindo da Praça Princesa Izabel às margens do Rio Guamá.

O cortejo começa a ser formado na área da escadinha da Estação das Docas e tem como trajeto os arredores da Praça dos Estivadores e o Mercado do Ver-o-Peso, com chegada na Praça dos Estivadores, onde ocorre a Feira de Produtos Orgânicos. Chegando nesta praça, um grande círculo se forma, para a Roda Ancestral, quando o público entoia cantos e executa ritmos e movimentações de danças tradicionais da cultura amazônica. O objetivo da Roda Ancestral é garantir a transmissão dos saberes da cultura amazônica para as novas gerações.

Embora o horário inicial da programação do Cordão do Peixe Boi tenha sido cinco horas da manhã, somente às seis horas e vinte minutos a feira estava começando a ser montada. Nas fotos 5 e 6, as montagens dos estandes da Feira de Produtos Orgânicos. Na foto 6, a participação da UFPA, por meio do GEAM, que levou as crianças de escolas vinculadas aos projetos de Educação Ambiental desenvolvidos nos municípios de Belém, Barcarena e Igarapé Açu para participarem do evento.

Foto 5 - Montagem das barracas



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Foto 6- Estande da UFPA/GEAM



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Aos poucos, a feira começou a tomar forma, com as barracas organizadas estrategicamente, conforme a disponibilidade de espaço e o tipo de produto a ser comercializado (Foto 7). Houve, na feira, distribuição de plantas; espaço criança; venda de açaí e distribuição de mudas do Point do Açaí; Casa do Mel. O Espaço Criança (Foto 8) contou com as crianças participando de oficinas de artes plásticas, coordenadas por integrantes do Instituto.

Foto 7 – Organização de estandes na praça



Foto: Joana Barretto jun 2012.

Foto 8 - Oficina de artes plásticas



Foto: Kate Titan, mar 2012.

Foram distribuídos folders e comercializados produtos artesanais, como miniaturas de peixe boi, bijouterias e camisas de eventos do IPAV. As bebidas alcoólicas foram proibidas neste evento, pois ele é direcionado principalmente para as crianças e os idosos.



Na atividade de observação participante, a autora chegou à sede do IPAV no horário estabelecido pelo programa, às 5:15 da manhã. Nesse horário foi servido um café da manhã, á base principalmente de sucos, pães e frutos para os coordenadores, participantes e colaboradores do evento (Foto 9). Para os organizadores, os horários estabelecidos para a programação são fundamentais, pois o seu cumprimento facilita a presença das famílias, como foi dito anteriormente. Neste ano houve dificuldade com os horários, com atrasos referentes ao trajeto fluvial, contrariando os horários estabelecidos inicialmente.

Foto 9 - Café na sede do IPAV



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Simultaneamente, no Brilho da Aurora, um músico do Grupo Arraial do Pavulagem apresentou-se em frente à escadinha da Estação das Docas, com show de voz e violão (Foto 10). Aos poucos os brincantes foram chegando e apreciando a apresentação do músico enquanto aguardavam a chegada do símbolo da festa.

Foto 10 - O Brilho da Aurora



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

A “Moda Pavulagem” ou “Moda Pavuleira” (Foto 11) coloriu o lugar com muita criatividade nas saias, chapéus, bolsas, cintos e demais acessórios usados pelos participantes do evento. Neste sentido não foi bem visto pelos coordenadores do evento pessoas que aproveitaram para comercializar roupas e acessórios inspirados no cortejo, utilizando a marca Pavulagem, na feira de produtos orgânicos.

Foto 11- Moda Pavulagem



Foto: Joana Barretto, mar 2012

No que se refere à Moda Pavulagem, a percussionista do Batalhão da Estrela (entrevistado 15), procura explicar o processo de composição de suas vestimentas nos cortejos: as camisas, as saias e os acessórios, sobretudo os acabamentos que já fazem parte do processo criativo do vestuário usados nos cortejos do Arraial do Pavulagem, que são principalmente as flores e as fitas.

No que se refere à moda, é muito interessante ver as mulheres de saias, flores no cabelo, a customização das camisas, eu me preocupo assim bem antes, em pedir uma saia nova pra mãe, pra avó, vou lá, vou compro o material, aí a mamãe pensa na saia que eu vou fazer pra mim pra vovó concretizar as saias com as costuras. A camisa eu já penso, pego a camisa “PP”<sup>44</sup>, já penso: “não! Ainda vai ficar grande”, então vou lá, vou pedir pra mãe cortar, fazer diferente mesmo, pra ficar bonita na hora. A saia sempre é pra hora do carimbó poder embelezar os olhos de quem vê. Flor no cabelo

<sup>44</sup> Essa abreviação é usada para indicar medidas de roupas de pequeno tamanho no Brasil. Nos EUA é XS (extra small) e na França TP (très petit).

faz referência ao carimbó. As mulheres colocam as flores nos cabelos. Pelo menos eu utilizo com referência ao carimbó, mas também se tornou um dos acessórios das mulheres pavuleiras. A flor nos cabelos está na maioria das mulheres (depoimento em 17 de agosto de 2012).

Godart, *apud* Dick Hebdrige<sup>45</sup> (1977), discute que a identidade é concebida, de início, como um fenômeno coletivo que se vincula às culturas específicas, que por sua vez é um conjunto de práticas e de representações que distinguem um grupo de indivíduos de outro, cujas facetas são reconhecíveis como: roupas reconhecíveis e gostos musicais específicos, mas também de idéias políticas mais ou menos estruturadas e de uma maneira particular de se expressar (Godart, 2010, p. 32). Isto poderia ser aplicado ao fenômeno Arraial do Pavulagem com sua “Moda Pavulagem” ou “Moda Pavuleira” com vestuário colorido e adornos de caráter personalizado, que têm como inspiração a diversidade da cultura amazônica.

Por outro lado, Godart, sobre a “profissão” de criador da moda<sup>46</sup>, referindo-se, porém aos grandes estilistas mundiais, diz que os criadores e criadoras de moda são figuras centrais da moda da maneira como ela se manifesta nos dias de hoje, provocando fenômenos de “estrelato” (transformação de indivíduos em “estrelas”) que são encontrados tanto nos Estados Unidos como na Europa, estando esses criadores atualmente muito presentes na mídia e na cultura (Godart, 2010, p.92).

A moda pavulagem, pelo impressionante repertório de modelos de vestuário em cada ala de brincantes, já se torna um espetáculo à parte e tem a peculiaridade de compor um conjunto equilibrado de estilos e cores. Cada indivíduo é o criador de sua própria “fantasia”, e isso acontece no contexto amazônico, de transformar cada brincante, criador de seu vestuário, numa “estrela” que brilha nos cortejos, disseminando a criatividade dessa moda nas ruas da cidade e no mundo virtual, principalmente nas redes sociais, onde as ações do IAPAV têm muita divulgação.

---

<sup>45</sup> Sociólogo inglês, um dos fundadores dos “*cultural studies*”, corrente intelectual que considera a cultura de um ponto de vista interdisciplinar, sendo a identidade uma questão de estilo.

<sup>46</sup> A “moda” vem do latim “modus”, e designa a maneira de fazer, compartilhando o mesmo sentido do termo “*fashion*” que por sua vez deriva do francês “façon” (feito). A moda então é a maneira de fazer alguma coisa e em particular de vestir-se, comer, falar, etc. O que vem em primeiro lugar no conceito de moda é a diversidade das práticas e das representações, das maneiras ou formas de fazer e de ver. Compreender a moda implica em compreender a mudança social. A moda é um elemento essencial na construção identitária dos indivíduos ou grupos sociais (GODART, 2010, pgs.29-32).

Manifestações políticas também foram observadas, como distribuição de folders: por exemplo, um manifesto do Fórum de Cultura de Belém-Pará, reivindicando uma política cultural para cidade, por meio da criação do Sistema Municipal de Cultura.

Os poetas Mestre Apollo, de Caratateua (Foto 12) e Juracy Siqueira (Foto 13), declamaram poesias. Juracy, sociólogo, declamou poesia de sua autoria no portal de flores e fitas erguido na escadinha da Estação das Docas, local onde há um monumento em homenagem a Getúlio Vargas. Além de Juracy, outras atrações se apresentaram como a dupla de músicos Ronaldo Silva e Allan Carvalho.

Foto 12- Mestre Apollo de Caratateua



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Foto 13 - Poeta Juracy Siqueira



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

A poesia de Juracy Siqueira, chamada “Alvorada Amazônica”, foi composta especialmente para o evento:

Nada tem maior encanto  
que uma alvorada amazônica!  
Nenhuma orquestra sinfônica  
tem sons com tanto quebranto!  
Tampouco existe, eu garanto,  
tons que retrate a alegria  
com mais beleza e poesia!  
E, nesse quadro tão belo,  
O sol é um cravo amarelo  
Nas mãos rosadas do dia!

Alvorada! Deus sorrindo,  
abre a porteira do céu  
e se vê, nesse painel,  
um leque de luz se abrindo  
e um grande clarão surgindo!  
E então, na loura avenida,  
chega o sol, guardião da vida,  
que, em favor da humanidade,  
vem roubar a castidade  
da manhã recém-nascida!

Tudo é magia e beleza  
quando finda a madrugada  
e o canto da passarada  
engravidada a natureza  
que expressa toda a grandeza  
quando o sol, com galhardia  
a loira crina arrepia  
e Deus, Pai Onipotente,  
com suas mãos, docemente,  
abre a porteira do dia!

Morre a noite, nasce a aurora  
Com seu brilho radiante  
E nesse preciso instante  
Em que vão embora  
Surge no céu, sem demora,  
Para cumprir seu afã  
Com sua mão tecelã,

O sol, rendeiro celeste,  
E, com véu dourado, veste  
Os seios nus da manhã!

Muge o boi, canta o socó,  
tudo se veste de encanto  
quando o sol estende o manto  
nos campos do Marajó!  
O rio, a mata, o igapó,  
a praia... Tudo reluz  
na alvorada e me seduz  
ver, nessa incrível aquarela,  
que o olhar de Deus se revela  
entre cascatas de luz!

Logo depois, a roda cantada (Foto 14) iniciou suas atividades musicais em outro ponto da praça da escadinha. Enquanto isso, a Praça dos Estivadores às seis horas e meia ainda não estava arrumada com as barracas para a feira; a guarda municipal não havia chegado e camelôs procuravam um espaço na praça para vender seus produtos, aproveitando o evento, o que não foi permitido pelos organizadores da feira. O aparato policial começou a chegar e se posicionar para segurança do cortejo. O artesão das alegorias de garrafas pet (Foto 15) chegou com seus brinquedos e começou a arrumá-los, apoiados à parede de um galpão das docas, atraindo muitos brincantes encantados com a beleza e colorido dos mesmos, aproveitando para fotografá-las.

Foto 14 - A roda cantada



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Foto 15 - O artesão e seus brinquedos



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Quando o barco surgiu nas águas da Baía do Guajará com o Peixe Boi sobre o barco (Fotos 16- 17), o público se aglomerou no guarda corpo da praça para saudá-lo com fogos, e o Batalhão da Estrela e convidados continuaram a tocar e cantar e os brincantes a dançar. Rapidamente houve uma mobilização de pessoas para equilibrar o brinquedo Peixe-Boi.

Foto 16 - Chegada do barco



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Foto 17- O Peixe Boi sobre o barco



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

O cortejo do Peixe Boi, que sai da Praça Princesa Izabel e chega à escadinha da Estação das Docas, começa com uma forma diferente, sem a ornamentação de mastros, como nos cortejos juninos. O Peixe Boi vem amarrado na parte superior da embarcação. No trajeto fluvial até a Estação das Docas, o Grupo Sancari, de carimbó, anima os viajantes.. O Peixe Boi é recebido com fogos de artifício pelos componentes do cortejo e Batalhão da Estrela, é retirado do barco e erguido por barras de ferro (Fotos 18 e 19), sendo levado para o centro do cortejo pelos brincantes que entoam gritos como “Vai Peixe Boi! Vai Peixe Boi!” repetidas vezes, acompanhados pelos sons ritmados dos instrumentos de percussão do Batalhão da Estrela e canções criadas por compositores e músicos do Instituto.



Foto 18 - Montagem do Peixe Boi



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Foto 19 - O brinquedo simbólico



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Dentre os músicos do Batalhão da Estrela estão as crianças, jovens e adultos, participantes das oficinas de canto, dança, percussão e artes cênicas que antecedem o cortejo (Foto 20).

O grupo dos bonecos de pernas de pau (Foto 21) é composto por jovens aprendizes das oficinas preparatórias e são importantes para a organização do cortejo, com suas bandeiras coloridas ou flores, de sinalização.

Foto 20 - O Batalhão da Estrela



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Foto 21 - Pernas de pau



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

As alas do Cordão do Peixe Boi são compostas de: estandartes; os brincantes que portam alegorias feitas com material reciclável (garrafas pet); o Peixe Boi (símbolo da festa); o Batalhão da Estrela; os pernas de pau e as bandeiras (Foto 22). Neste ano participaram três personagens do Teatro da Floresta: o curupira, a mãe natureza e a matinta perera (Foto 23).

Foto 22 - O cortejo no Mercado do Ver-o-Peso



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

Foto 23 - O Teatro da Floresta



Foto: Joana Barretto, mar 2012.

O cortejo neste 2012 seguiu pelo Boulevard Castilhos França até o Mercado de Peixe do Ver-o-Peso , retornando daí direto para a Praça dos Estivadores, com o carro som que vai acompanhando e fazendo a divulgação das ações sócio educativas do evento (Figura 1). O cortejo finalizou com a Roda Ancestral, na Praça dos Estivadores (Foto 24).

Figura 1- Mapa oficial do cortejo do Cordão do Peixe Boi



Fonte: Arraial do Saber blogspot<sup>47</sup>. Acesso em 22 de março de 2012.

Foto 24 - Roda Ancestral na Praça dos Estivadores



Foto: Kate Titan, mar 2012.

---

<sup>47</sup> Para mais informações ver Referências, Arraial do Saber.

#### 4.1.2.1.4 A dimensão ambiental associada à cultura local: a confecção das alegorias com material reciclável: garrafas pets e outros

Para Loureiro (2007, p.18), o ser humano simboliza, ele cria apoiado em uma herança cultural e universal, e não simboliza para si mesmo, nem a partir de si mesmo. Não há real não imaginado. Assim, a relação das pessoas com a cultura é o sentido de conhecer numa visão integradora, uma vez que a cultura é o englobante contextual lúdico dessas relações culturais. A criação artística, como a história demonstra, está socialmente presente em toda cultura e não apenas reservada a membros deste ou daquele grupo social. “Neste sentido, a história da arte pode ser assim compreendida como um imenso painel de conversões semióticas, isto é da produção de materiais e procedimentos não artísticos em arte”.

Para Loureiro (2007, p.11 *apud* LOUREIRO, 2001, p.51), o conceito de conversão semiótica é o seguinte:

Conversão semiótica é o movimento de passagem pelo qual as funções se reordenam e se exprimem numa outra situação cultural. A conversão semiótica significa o quiasma de mudança de qualidade simbólica em uma relação cultural, no momento em que ocorre essa transfiguração.

Considerando este conceito, pode-se tomar como exemplo a construção de caixas de boi bumbá marajoaras a partir da reutilização de caixotes de pinho, para acondicionar produtos hortifrutícolas jogados no lixo; ou a reutilização de garrafas pet para construir adereços para os cortejos do IAPAV. Então, a criação de móveis e adereços com garrafa pet significa outro conceito de arte, pois despertam o prazer ou uma nova modalidade de arte contemporânea, por que “o processo de conversão semiótica se mantém incólume, pois significa mudança na qualidade do signo, independente de épocas ou tendências, sendo válido no passado e no presente”. (LOUREIRO, 2007, p.21).

O artesão que cria e confecciona as alegorias do IAPAV (entrevistado 4), é estudante do sexto semestre de pedagogia em Belém e acredita que entrou na pedagogia estimulado pela experiência no IAPAV. Seu talento estava guardado e foi aflorado na convivência com o trabalho do Instituto. Não desenha e tem ajuda da esposa, que é enfermeira, mas sabe desenhar. O artesão ministra oficinas em

escolas, creches etc, e cobra pelo serviço dependendo de quem o solicita. Seu trabalho ainda não é procurado por lojas de decoração de festas mas, ao contrário, ele as procura para pedir material para os adereços dos cortejos.

Ressalta a importância que tem para o turismo na cidade as ações do IAPAV, pois percebe que os turistas, sobretudo do sudeste do Brasil e até estrangeiros se interessam pela festa, percebem a importância das ações e se aproximam por curiosidade e perplexidade com a dimensão do acontecimento. Alguns aproximam-se com interesse de adquirir as alegorias. O artesão tem como vitrine de seu trabalho os cortejos com suas alegorias, pois seu nome é divulgado no livro do Arraial do Pavulagem como autor. Ainda não possui um blog na internet, e pesquisando sobre quem mais realizava trabalho semelhante no Brasil descobriu a foto de uma arara feita com material reciclável:

Então outro dia eu estava procurando araras de garrafa pet, aí eu queria ver outras. Aí quando vejo, aparecem as minhas araras, aí só que não tava ninguém dizendo quem foi a pessoa que fez: tiraram foto e botaram só uma foto. Aí eu disse: “fui eu que fiz!” Então eu já tô marcando tôca, porque era pra estar com meu blog vinculado, eu produzindo, eu aparecendo, eu fazendo pra poder estar no site também (depoimento em 09 de fevereiro de 2012).

Ele participa há doze anos do Instituto através da música, começando nas oficinas de percussão. Com o tempo começou a participar das oficinas de adereços. Participou de um grupo de brincantes, um fã clube que acompanhava os cortejos sempre. Atualmente é diretor de patrimônio do Instituto, diretoria criada em 2012, na ocasião em que o Instituto não estava em um bom momento de articulação entre seus membros. Por esse motivo, cada colaborador assumiu uma parte das atividades da Instituição conforme suas afinidades com as tarefas rotineiras. A aproximação com os músicos coordenadores resultou num trabalho que se consolida até hoje. Ele começou tomando conta dos instrumentos de percussão, passando por cuidar de todos os elementos simbólicos até ficar com a guarda de todo material.

Nesse tempo o grupo precisava de apoio, de pessoas para trabalhar e de um espaço físico para as oficinas de confecção de adereços e cabeções, e o

entrevistado 4 ofereceu sua própria casa para essas atividades, um casarão antigo no Bairro do Umarizal, em Belém.

Aí eu disse: tem minha casa! Ofereci pra eles e eles não conheciam aquele cara assim: “égua, a casa dele?” Aí eu convidei pra eles virem aqui conhecer. Chegaram aqui e passaram uns dez anos aqui dentro (risos) até conseguirem a sede (idem).

Para o Projeto Orube, já ministrou algumas oficinas. Quanto à perspectiva de alcançar o objetivo de realizar EA através da cultura, na sugestão do artesão é conseguir um espaço maior para receber crianças e jovens até dezoito anos para ministrar oficinas onde pudesse ser repassado um trabalho nesse sentido para o público dessas idades. O artesão comenta que é mais fácil conscientizar através dos agentes multiplicadores e que o povo que acompanha os arrastões está mais interessado na festa. Durante a pesquisa, a autora conversou com vários participantes sobre a apreensão das mensagens socioeducativas nos cortejos, e percebeu que, como comentou o artesão, muitos participavam dos cortejos mais pela festa, não se dando conta das mensagens transmitidas. Porém ressalta a autora que a festa em si já se configura num processo educativo. As mudanças implementadas no Cordão do Peixe Boi em 2011 e 2012 foram positivas no sentido de reforçar os objetivos pretendidos. Perceberam-se mudanças significativas no sentido da participação de crianças, idosos e famílias inteiras nas atividades e no arrastão.

Os que fazem parte efetivamente do cortejo, do Batalhão da Estrela, dança, de percussão, o pessoal tem mais essa consciência, já consegue e a gente acha que eles são multiplicadores, daí deles a gente vai conseguindo multiplicar a ideia. E o grande povo é muito mais difícil de comandar, a gente vai levando vinte mil pessoas, mas a gente não tem domínio sobre eles. A gente tá indicando, falando, mas nem todos estão ali para participar dessa parte consciente, estão pela festa, estão pela alegria, então é um pouquinho mais difícil, mas a gente percebe que já está havendo aquele despertar, principalmente com esses projetos de extensão, o Orube, o Gallo, a gente consegue estar mexendo com os pequenos para poder ter essa evolução para quando estiverem maiores estarem com a consciência formada. Mas eu acho assim que se a gente conseguir um espaço melhorado, abrir as portas e ministrar oficinas de manhã e de tarde, atender

a população, aí acho que a gente vai estar conseguindo muito mais o objetivo. Acho que é por aí! (idem).

#### 4.1.2.1.5 Quanto ao processo do modo de trabalho, a organização das atividades do IAPAV

Antes, todo material dos cortejos saía da casa do artesão. Contratava-se um caminhão baú e toda equipe trabalhava junto para transportar os instrumentos, as alegorias, etc. Hoje existe uma equipe de mais de vinte rapazes que, além de transportar esse material, ficam controlando o movimento do público que porta as alegorias, para que as devolvam, por que serão reaproveitadas em outros cortejos, em outras ocasiões.

Não é de dar, é de distribuir para ajeitar a festa, depois a gente guarda para um num outro momento utilizar novamente. Então a gente prepara tudinho até a véspera, às vezes na véspera é que está terminando, que nem escola de samba (idem).

Essas pessoas que colaboram nos arrastões nem sempre são remuneradas e trabalham na maioria das vezes voluntaria e solidariamente. São remuneradas somente quando há patrocínio, mas mesmo que não haja, os participantes que estão no IAPAV desde o início e os que estão chegando colaboram da mesma maneira.

Geralmente quando a gente tem patrocínio, apoio, a gente paga o serviço deles, mas quando não tem, diz: “O Instituto dessa vez não vai ter dinheiro pra fazer a atividade. Quem topa fazer, participar?” Inclusive ano passado teve um Peixe Boi que foi assim. Aí, “Não tem nada de dinheiro, gente! Quem é que vai topa fazer? (idem).

- **A distribuição das tarefas**

No IAPAV não há delegação de obrigações, os colaboradores vão conquistando espaços, conforme suas capacidades e voluntarismo. O artesão começou cuidando dos instrumentos, evoluindo para diretor de patrimônio e artista plástico do Instituto.



Aí quando eu comecei a tomar conta dos instrumentos, separar, contar, conferir, ajeitar, e aí dos instrumentos passou para os elementos simbólicos todos, então eu fiquei tipo na guarda de todo material que saía, tomava conta do material que voltava, ajeitava, porque tinha que separar o que tinha que ajeitar e tudo mais e agora eles fizeram uma diretoria de patrimônio e me colocaram pra tomar conta de todo esse material que a gente tem, e tá dando pra fazer compras pra renovar todo esse material, conhecer esse material todo então além de ministrar oficinas, produzir esse material. Também tomo conta de toda parte alegórica, de tudo que aparece, de toda a parte plástica (idem).

- **O material para confecção de adereços**

O artesão fabrica os adereços de materiais reutilizáveis (Foto 25) como garrafas pet, usados no Cordão do Peixe-boi. Inicialmente tinha outro instrutor e ele pedia para as empresas de refrigerante as garrafas descartadas. Depois a coleta passou a ser nas ruas da cidade. Para outros materiais (papelão, paneiros, tubos plásticos, etc) também foi usado o mesmo procedimento. Todos os materiais são importantes. Atualmente há dificuldades na obtenção dos paneiros para confeccionar os cabeções (Foto 26), que compõem os arrastões de junho. Na feira são encontrados os paneiros, mas não os grandes, que foram substituídos por caixas plásticas. O artesão foi convidado pelo produtor cultural do IAPAV e trabalha incansavelmente na coleta de materiais recicláveis na cidade.

A idéia é tirar da rua, então a gente não vai pedir pra ninguém. Aí era eu e mais dois amigos. A gente ia pra rua à noite, a partir das seis ou sete horas da noite, com sacolas, dava uma volta em Belém, pelo menos no Bairro do Umarizal, aí a gente saía catando, catando, não aguentava mais carregar, vinha, ajeitava, aí se percebesse que ainda tinha muitos, a gente deixava e voltava, aí a gente fazia até a meia noite até uma hora, pra não ficar perigoso. Aí a gente voltava pra casa. Então daí a gente começou a catar mesmo as garrafas, tirar da rua, aí foi assim. Os outros materiais também, a confecção de roque-roque com tubos de papel, tubos plásticos que a gente pega na rua em lojas de tecido, loja de plásticos, então retiro também muitos papéis que eu aproveito pra fazer o machê de outros trabalhos; paneiros, tudo retirado das ruas mesmo (idem).

Foto 25 - Material reciclável para confecção de alegorias



Foto: Joana Barretto, fev 2012.

Foto 26 - Os cabeçudos de paneiro



Foto: Joana Barretto, fev 2012.

- **As parcerias com cooperativas de catadores de lixo**

Aos poucos está havendo aproximação das cooperativas. A primeira foi a Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis (CONCAVES), que foi substituída por outra que vende as garrafas com um preço mais acessível e entrega a domicílio.

Depois se achou outra cooperativa que vende as garrafas com um custo baixo. Quando são completadas quinhentas garrafas, eles vêm trazer em casa já lavadas. A gente contrata eles para eles estarem catando, pra depois de nossos cortejos não deixarem sujeira na cidade, e aos poucos a gente está conversando com elas (cooperativas). Então a gente não tem

uma parceria, mas tá chegando, primeiramente eu posso comprar, depois posso estar conversando e aí ver qual é a possibilidade de melhorar a parceria (idem).

- **Confecção das alegorias**

A confecção das alegorias é feita na própria residência do artesão (Foto 27) e está dividida em cinco etapas: coleta, lavagem, criação, confecção e montagem. Primeiramente convocam-se os participantes para doarem material para confecção das alegorias; depois se recolhe as garrafas e os outros materiais nas ruas; faz-se a lavagem do material; faz-se o corte das peças para montagem dos brinquedos em formato de animais e flores (araras, tucanos, beija-flores, urubus, etc) observando fotos dos modelos.

Foto 27 - Residência do artesão - seu local de trabalho



Foto: Cleyderson Freire, fev 2012.

Depois se confeccionam, montam-se as peças e se realiza a pintura (Foto 28) - que antes era feita com spray e agora passou para tinta esmalte aplicada com compressor - passando para o processo de secagem (Foto 29).

Foto 28 - Pintura em spray nos adereços

Foto: Cleyderson Freire, fev 2012.

Foto 29 - Secagem das peças

Foto : Clayderson Freire, fev 2012.

A inspiração para suas criações vem da natureza:

O peixe boi, a temática é a questão da preservação do meio ambiente, a questão do animal estar ameaçado de extinção desde quando a gente começou a fazer o peixe boi, tinha essa visão . Aí o que é que agente usa? Faz flores, faz animal, arara, urubu e o urubu é feio, mas ele é muito importante para o meio ambiente, então vamos fazer o urubu que é representação nossa, daqui também, a gente busca estar fazendo , englobando aqui a cultura amazônica, mas também o que tem na música que a gente está aproveitando o que tem nas letras e o que pode também estar sendo feito (idem).

Quanto ao cuidado com o meio ambiente e melhoria da qualidade de vida a partir das ações do IAPAV, para o artesão o processo pedagógico se faz a partir das mensagens através da música, dos adereços e nas falas dos integrantes do IAPAV, que contratam um carro (Rádio Margarida) que vem transmitindo as mensagens educativas. Os participantes efetivos dos cortejos já são elementos multiplicadores da proposta de realizar a partir da cultura.

#### 4.1.2.2 Os arrastões da quadra junina

Os arrastões do mês de junho são antecedidos pelas tradicionais oficinas ainda no mês de maio, seguidas dos ensaios nas ruas até junho e um ensaio geral. O Instituto Arraial do Pavulagem iniciou o processo de construção dos cortejos da quadra junina 2011 com as oficinas de canto, dança, percussão e artes circenses

para quem ainda não fazia parte do Batalhão da Estrela, ou seja, para os iniciantes, divulgadas no site do Instituto, para as inscrições. Para os veteranos, estes só precisam participar dos ensaios e fazer inscrições para confirmar presença nos cortejos do ano. As oficinas e ensaios ocorreram na sede do Instituto e nas ruas da praça.

O primeiro arrastão do ano de 2011 foi no Dia dos Namorados, 12 de junho. A concentração ocorreu na Praça Princesa Izabel, no Bairro do Guamá, em Belém, por volta de seis horas e meia de domingo. Aos poucos, brincantes foram chegando, vestidos a caráter. Os mastros de São João, que depois seriam fincados na Praça da República para festejar o início da quadra junina, foram arrumados por mulheres e crianças que amarraram fitas coloridas em toda extensão (Foto 30). O Boi Orube (Foto 31), foi um dos convidados do cortejo, trazido pelos brincantes do Conjunto Satélite.

Foto 30 - Decoração dos mastros na Praça Princesa Izabel



Foto: Joana Barretto, jun, 2011.

Foto 31 - O Boi Orube



Foto: Joana Barretto, jun, 2011.

Na embarcação que levou os bois Pavulagem, Malhadinho e Orube (Foto 32), e os mastros até a escadinha da Estação das Docas, houve apresentação de banda musical e grupo de danças regionais. Enquanto isso o povo se aglomerava e se contagiava com a roda cantada na Estação das Docas, onde a banda do músico Allan Carvalho e integrantes do Batalhão da Estrela tocavam e dançavam ao som de ritmos diferenciados como carimbó, xote, boi bumbá e quadrilha, enquanto aguardavam o barco com os bois e os mastros para saída rumo à Praça da República.

Foto 32 - Bois Malhadinho, Pavulagem e Orube



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

Para suportar o calor intenso da cidade, as sombrinhas e os guardassóis (Foto 33) fazem parte do colorido do Arraial do Pavulagem, enfeitadas com imagens dos santos da quadra junina.

Foto 33 - Guardassol com imagens de santos



Foto: Nelson André Santos, jun 2011.

O cortejo com comitiva de aproximadamente quinhentas pessoas foi composto de orquestra de metais, bonecos cabeçudos, crianças em cavalinhos (Foto 34), senhoras com estandartes e bandeiras dos santos juninos, percussionistas, dançarinos, pernas de pau (Foto 35), músicos do Arraial do Pavulagem e crianças e jovens do Projeto Orube de Arte e Educação.

Foto 34 – Cavalinhos e crianças aguardando o cortejo



Foto: Lohana Schalken, jun 2011.

Foto 35 - Descanso da perna de pau



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

A concentração (Foto 36) foi em frente à sede do IAPAV onde, dentro, os brincantes finalizavam seus preparativos (Foto 37). Para esse dia foi convidado o Boi Malhadinho que, junto com o Boi Pavulagem, símbolo da festa, fizeram apresentações. Os mastros de São João foram carregados por homens e mulheres do Grupo Musical Sancari e fincados na Praça da República, onde o grupo Arraial do Pavulagem e convidados realizaram o tradicional show. Próxima ao palco, a barraca de venda das camisas dos arrastões.

Foto 36 - Concentração em frente à sede



Foto: Lohana Schalken, jun 2011.



Foto 37 - Preparativos para o cortejo



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

No segundo domingo de junho, reuniram-se cerca de quatro mil pessoas que se juntaram ao cortejo e aos tradicionais convidados como os bois Malhadinho, do Guamá e Moleque, do Município de Ponta de Pedras (Foto 38). Nesse dia o convidado ilustre foi o Mestre Cardoso, guardião do Boi Ouro Fino, que prestigiou e participou do show da banda Arraial do Pavulagem, cantando toadas de boi.

Foto 38 - Boi Moleque, convidado



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

No terceiro domingo, o público aumentou, segundo avaliação da Guarda Municipal, que estimou quinze mil brincantes, e o cortejo finalizou com o show da banda e participação de Lucas, menino cantor, participante do Boi Malhadinho do Guamá. Outra atração foi o Mestre Apollo, de Caratateua, poeta de Outeiro<sup>48</sup>.

Nos cortejos semanais observaram-se várias situações, como a concentração dos brincantes em frente a sede; a roda cantada antes do cortejo; o movimento dos catadores de lixo do Programa de Coleta Seletiva (Foto 39); manifestações estudantis; manifestações populares (Foto 40); a participação do Projeto Orube com os brincantes portando chapéus de palha com a cuia, símbolo do Orube.

Foto 39 - Movimento dos catadores de lixo



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

Foto 40 - Manifestações populares



Foto: Lohana Schalken, jun 2011.

Divulgando campanhas educativas junto aos brincantes e orientando a multidão para garantir a segurança no evento, o IAPAV conta com o apoio da Rádio Margarida (Foto 41).

---

<sup>48</sup> Ilha de Belém, no distrito de Icoaraci.

Foto 41 - Rádio Margarida



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

Foto 42 - O comércio informal



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

Nos cortejos acontece o comércio informal (Foto 42) praticado por pessoas de níveis diferenciados de renda, que aproveitam a oportunidade para apresentar suas produções, seja na moda, seja na venda de alimentos e bebidas, seja no artesanato; o público que acompanha e que assiste das janelas e sacadas das edificações; a presença dos órgãos públicos situados na avenida; a presença dos órgãos de segurança pública. Mas o que difere e encanta é a alegria e orgulho da entusiasmada turma de idosas (Foto 43) portando os estandartes, na frente do cortejo.

Foto 43 - Participação dos idosos



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

Na Praça da República, muitas pessoas aguardavam a chegada do cortejo. No show do grupo, participações especiais de músicos da terra alegravam os participantes que jogavam seus chapéus de palha com fitas para o alto. Os mastros são fincados na praça (Fotos 44 e 45) como parte do ritual que acontece durante quatro domingos.

Foto 44 - O processo de fincamento dos mastros na praça



Foto: Joana Barretto, jun 2011

Foto 45 - Os mastros fincados na Praça da República



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

O último domingo da programação dos arrastões, em dois de julho, foi dia do encerramento da quadra junina. O arrastão saiu depois que o Batalhão da Estrela aqueceu os tambores na roda cantada na concentração do folguedo na Praça dos Estivadores. O encerramento contou com o show da banda e músicos convidados e os mastros foram “derrubados” (Fotos 46 e 47), simbolizando o final do período junino.

Fotos 46 e 47 - A derrubada dos mastros no último arrastão junino

Masculino



Foto: Joana Barretto, jun 2011.

Feminino

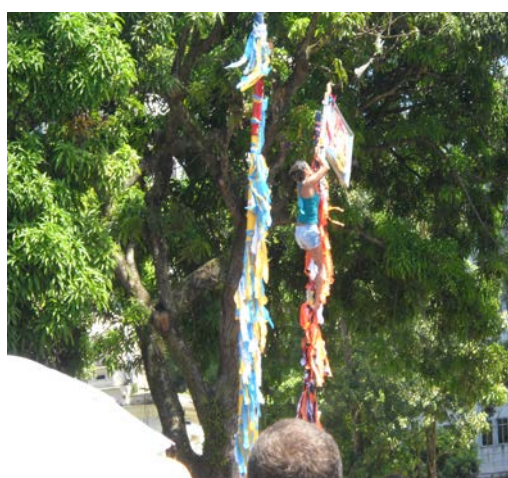


Foto: Joana Barretto, jun 2011.

#### 4.1.2.3 O Arrastão do Cordão da Cobra Grande

O Cordão da Cobra Grande (Foto 48) é realizado na época do Círio de Nazaré, desde o ano 2000, após o translado fluvial constante da programação da festa, que acontece um dia antes do domingo do Círio de Nazaré. Mais do que prestar a devida homenagem para Nossa Senhora, o evento celebra a cultura amazônica, destacando o trabalho dos artesãos com os brinquedos de miriti, tendo uma cobra feita desse material como símbolo da festa em alusão à corda do Círio de Nazaré e à fé dos romeiros.

O Arrastão só começa quando a imagem de Nazaré aporta, marcando o fim da Romaria Fluvial. No momento da passagem da santa para percorrer a Avenida Presidente Vargas, a comitiva do Batalhão da Estrela executa o hino oficial do Círio de Nazaré, “Vós Sois o Lírio Mimoso”. A santa segue para o colégio Gentil Bittencourt e o Batalhão dá meia volta, rumo à Praça do Carmo, na Cidade Velha,

no Centro Histórico de Belém, onde se realiza um show com o grupo Arraial do Pavulagem.

Foto 48 - Formação do Cordão da Cobra Grande



Foto: Joana Barretto, out 2011.

A construção deste cortejo é semelhante à dos demais cortejos do Instituto, (com a diferença de não apresentar os cabeções): primeiramente vêm os estandartes (do IAPAV; do Arraial do Saber e dos brinquedos feitos com miriti) (Foto 49); depois as crianças nos cavaleiros e tatus (Foto 50); seguidos pelos convidados (Foto 51, 52, 53 e 54), como o Boi Pai do Campo, de Ourém (Foto 55); depois o Boi Pavulagem, que tem como convidado tradicional o Boi Malhadinho; após vem o Batalhão da Estrela; os brincantes com adereços de mão e finalizando, as bandeiras.

Foto 49 – Estandartes



Foto: Joana Barretto, out 2011.

Foto 50 - Crianças nos cavalinhos



Foto: Joana Barretto, out 2011

Vestidos de branco, com a imagem da santa no peito, os integrantes do Projeto Orube participaram do cortejo no Batalhão da Estrela. Em 2011, os convidados foram os mestres de Ourém com seus bois bumbás completos, os mascarados e seus brincantes, todos com chapéus cobertos de flores e fitas coloridas.

Foto 51 - Mestre Cardoso (de chapéu azul)



Foto: Joana Barretto, out 2011.

Foto 52 - Mascarados de Ourém



Foto: Joana Barretto, out 2011.

Neste ano (2011), a cobra de miriti foi substituída por cinquenta girândolas espalhadas pelo cortejo nas mãos dos brincantes para apresentar a cultura produzida na região, as sonoridades como o pássaro, o carimbó, o boi e a mazurca, os ritmos tocados pelo Batalhão da Estrela no Arrastão do Círio.

Foto 53 - Músico do Boi Ouro Fino

Foto: Joana Barretto, out 2011.

Foto 54 - O cavalinho do Boi de Ourém

Foto: Joana Barretto, out 2011.

Foto 55 - Boi de Ourém, convidado

Foto: Joana Barretto, out 2011.

Quando o Arrastão chega na Praça do Carmo tem início a “Valsa dos Roque-Roques”. Faz-se silêncio no local, permitindo ecoar apenas o som do brinquedo. “Ele é um brinquedo sonoro, nascido com a tradição, no berço lúdico da criação humana. Tem o papel de comunicar a existência dos demais brinquedos. É o brinquedo que atrai e mobiliza crianças e adultos, diante do fascínio de brincar, festejar e celebrar! Se trouxe essa voz uníssona do brinquedo para despertar nas pessoas maior atenção e cuidado diante das coisas, significa que devemos estar atentos com o local e o todo. É o som que não quer calar, ecoa da floresta para minar o mundo com novas boas maneiras”, explica Walter Figueiredo, produtor cultural do Instituto Arraial do Pavulagem. Logo após a Valsa, a banda Arraial do Pavulagem e convidados encerram o evento com um show no palco montado na Praça do Carmo.<sup>49</sup>

<sup>49</sup> Notícia de 08 de outubro de 2011 contida em Diário do Pará.com.br. “Arraial do Pavulagem: um batalhão para a virgem”. Para mais informações ver Referências.



A simbologia presente através dos materiais de confecção dos elementos do cortejo e dos próprios elementos alusivos ao Círio é uma reverência à festa tradicional dos paraenses. No ano de 2011, a décima segunda edição do cordão, por questões financeiras, conforme informação de Entrevistado 1, na construção do cortejo não constaram os brinquedos de miriti e nem os tatus, modificando um pouco a visualidade do cortejo. Porém a porta estandarte do Projeto Orube portou uma peneira com fitas alusivas às fitas de cetim coloridas em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré (Foto 56) e muitos brincantes levavam na cintura os tradicionais roque-roques, brinquedos há muito esquecidos nas festas juninas.

Foto 56 - Peneira com fitas coloridas do Círio



Foto: Joana Barretto, out 2011.

Os brinquedos de miriti são uma forma de artesanato artístico estilizado, de caráter individual e original, característico da cidade de Abaetetuba, fabricados com a polpa ou bucha do miriti<sup>50</sup> (palmeira comum no município e comum nas áreas de várzea na Amazônia) pela habilidade manual dos artesãos.

Acredita-se em Abaetetuba que as crianças começaram a utilizar o miriti para pequenos brinquedos por ser um material bom para entalhe e para flutuar nas águas dos rios lagos e igarapés, poças de água das chuvas etc. Associa-se ao Círio<sup>51</sup> o início da comercialização desses brinquedos, pois desde 1793, data do

---

<sup>50</sup> O miritizeiro (*mauritia flexuosa*) é uma árvore cultural da região. Fornece material de uso diversificado usado pelos índios e caboclos para construção de habitações, para cestarias ( talas) e os brinquedos (Loureiro, 2000: 368).

<sup>51</sup> O Círio de Nazaré é uma procissão religiosa realizada todos os anos no segundo domingo de outubro, consagrada à padroeira dos paraenses, Nossa Senhora de Nazaré.

primeiro círio já havia este comércio. O caráter cíclico e periódico dos brinquedos justifica a vinculação dos brinquedos à festa tradicional, tida como uma arte representativa de uma festa de cunho religioso (LOUREIRO, 2000, p.367).

A “fauna” de miriti é composta por uma variedade de objetos como: montaria (canoa ou igarité indígena, pintada ou não); cobra que se move (articulada, permite o movimento do réptil); o tatu (incorpora movimento com uma tala enfiada numa das laterais, a cabeça e o rabo são moveis, oscilam, feito o movimento por meio de uma bolinha de argila pendente em um fio sob o casco do tatu); soca–soca (dois homens trabalhando com piladores, triturando uma substância imaginária e pintados com cores fortes); pombinhas (bicando alimentos em uma vasilha); dançarinos (casal dançando que balançam com o vento (Foto 57) e que usam (ou não) roupas de pano, diferentes dos demais brinquedos). (LOUREIRO, 2000,p.378).

Foto 57 - Dançarinos de miriti



Foto: Joana Barretto, jun 2012.

A exposição dos brinquedos é feita através de girândolas<sup>52</sup>, suporte para exposição dos mesmos. A estrutura é em forma de cruz de braço duplo, dois metros na vertical e um metro na horizontal.

Quando o IAPAV coloca em suas ações a homenagem ao Círio de Nazaré, através dos mitos (a cobra grande, ou boiuna) e dos brinquedos de miriti, chama atenção da sociedade para a cultura amazônica no sentido de memória coletiva, ou seja, desperta a coletividade para sua memória sem idade, suas origens, através da representação simbólica de seus mitos através das festas, dos ritmos e dos

---

<sup>52</sup> O conceito de girândola é de um buquê, conjunto de fogos de artifício, travessão em que se reúnem certo número de foguetes que sobem e estouram simultaneamente (Loureiro, 2000, p.379).

brinquedos e incentiva o mercado de venda de brinquedos de miriti como um marketing.

#### 4.1.2.4 O Cordão do Gallo em Cachoeira do Arari: as ações socioeducativas preparatórias

Em Cachoeira do Arari, o Instituto Arraial do Pavulagem desenvolve, desde 2009, com o apoio da Fundação Curro Velho, o projeto “Caixa de Boi Bumbá, Tecnologias e Saberes do Marajó”, por meio de oficinas de confecção e manutenção de instrumentos musicais, de adereços e alegorias, de percussão, canto e dança; mostra de vídeos e de cinema (com temas relacionados ao meio ambiente); ensaios com a banda local, “João Vianna”, e um cortejo pelas ruas da cidade.

Foi nesse contexto de fortalecimento da identidade cultural do município que surgiu o Cordão do Gallo, um brinquedo lúdico inspirado na história tradicional e contemporânea de Cachoeira do Arari. O nome do brinquedo é uma homenagem à obra do padre italiano, naturalizado brasileiro, Giovanni Gallo, que em 1972 fundou o Museu do Marajó, no Pará, reunindo um valioso acervo sobre a cultura do homem marajoara, a partir de suas pesquisas como arqueólogo e fotógrafo. Ronaldo Silva, idealizador do projeto explica:

O Cordão foi concebido para que pudesse ser um brinquedo inclusivo e mobilizado para refletir sobre questões como meio ambiente, educação, cultura, prostituição e trabalho infantil. A idéia era criar um brinquedo que conseguisse reunir a galera da cultura popular num mesmo espaço, que pudesse ser agregador e de fortalecimento da identidade cultural da cidade (Ronaldo Silva).<sup>53</sup>

O Cordão do Gallo tem como objetivo a inclusão sócio-cultural das crianças e adolescentes de Cachoeira. Todo mês de janeiro se torna um grande cortejo que sai pelas ruas do município celebrando a cultura. No ano de 2012, acrescentou-se o plantio de árvores em extinção (mudas de samaumeira) durante o trajeto do cortejo, uma proposta de Ronaldo Silva para abraçar a idéia da consciência ambiental. A

---

<sup>53</sup> Notícia contida em Guiart.com.br, intitulada “Natal solidário do Cordão do Gallo promove show beneficente”. Para mais informações ver Referências.

maior parte das crianças que participam, conforme o músico, está vinculada ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), à banda João Vianna, à Escola de Música Padre Giovanni Gallo, ao grupo de sócios mirins do Museu do Marajó e a grupos folclóricos locais.

No ano de 2012, o Projeto Caixas de Boi–Bumbá – Tecnologias e Saberes do Marajó: o Cordão do Gallo, teve o patrocínio do Instituto e parcerias locais (Prefeitura, Museu do Marajó e Irmandade do Glorioso São Sebastião) e outras, como o Grupo de Estudos em Educação, Cultura e Meio Ambiente, o GEAM/ UFPA, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, Fundação de Radiodifusão do Pará (FUNTELPA), de Ná Figueiredo, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia (FIDESA).

A seguir serão discutidos temas referentes especialmente aos processos das oficinas de confecção e manutenção de instrumentos musicais, as caixas do Marajó, e os plantios, como representativos da dimensão ambiental associada à cultura local.

- **O município de Cachoeira do Arari**

O Município de Cachoeira do Arari possui esta denominação por fazer referência ao desnível do leito do rio Arari, o qual, no verão, provoca uma precipitação de água em cachoeira. Etimologicamente, a expressão “Arari” tem origem na língua tupi, significando “rio das araras”. Luiza Bastos, em matéria sobre Cachoeira do Arari, conta que originalmente era habitada pelos índios Aruãs, conhecidos também como Neengaíbas<sup>54</sup> identificados por historiadores como Homens do Pacoval, por terem sido encontrados na localidade de Pacoval, onde os vestígios mais significativos dessas aldeias. Ainda há resquícios dos Aruãs em terrenos espalhados pelo município que está localizado no centro da área de maior concentração de sítios arqueológicos do Marajó. A falta de conhecimento sobre a importância das

---

<sup>54</sup> Neengaíbas, do Arquipélago do Marajó. Neengaíbas e Tucujus desenvolviam intensas atividades de comércio com os invasores holandeses, franceses e ingleses, que permutavam seus produtos com mercadorias da Europa. Esse foi um dos motivos que levaram os governantes portugueses a iniciar o extermínio desses povos do Marajó e Tocantins, já no século XVII, iniciado pelo Capitão-Mór do Pará Baltazar Rodrigues de Melo. Informação contida em Blog do Professor Ademir Rocha, em “Índios do Pará 2”, de 28/082011.

cerâmicas e o medo da população de morar às proximidades de cidades e cemitérios antigos facilitou o tráfico e a depredação da maior parte desse

O município foi fundado pelo capitão-mor André Fernandes Gavinho, com a denominação de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, na dependência da Vila do Marajó e possui um importante patrimônio cultural material, imaterial e natural, notadamente um patrimônio imaterial reconhecido, no se refere a eventos culturais relacionados a música, com forte potencial para o turismo. Os principais eventos acontecem em dezembro e janeiro. Em dezembro ocorre o Círio de Nossa Senhora da Conceição cuja igreja data do século XVIII. Em janeiro ocorre a Festividade de São Sebastião, declarada como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial pela Lei nº 7377 de 06 de Janeiro de 2010<sup>55</sup>. Outras manifestações religiosas a destacar são as Festividades do Círio de São Pedro e do Glorioso Santo Antônio.

O Museu do Marajó é o espaço cultural mais significativo. Foi fundado pelo padre Giovanni Gallo em 1972, onde ali a cultura marajoara está retratada numa exposição permanente e interativa. Neste museu há também uma coleção arqueológica de peças em cerâmica, típicas da região. Livros e CDs produzidos pelo Museu estão à disposição, além de artesanato e demais atividades culturais.

Hoje se encontra em mau estado de conservação. O Museu do Marajó possuía um laboratório de informática e uma Escola de Música que estão desativados e o laboratório é hoje espaço de ensaios da Banda João Vianna. Segundo a secretaria do museu, este, por um período de dois anos ficou abandonado, e, então, em julho de 2010, a Associação do Museu do Marajó, entidade sem fins lucrativos, resolveu assumi-lo para contornar a situação em que se encontrava junto com os anexos, espaços das oficinas que se localizam no entorno do Museu.

- **A construção do Cordão do Gallo**

O primeiro contato significativo com a paisagem bucólica das margens ribeirinhas de Cachoeira do Arari se deu com a visão do Bairro do Choque, cuja

---

<sup>55</sup> O Decreto nº 1852 de 25 de Agosto de 2009, instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural paraense e cria o Programa Estadual do Patrimônio Imaterial. No artigo 2º define o que se entende por bem de natureza imaterial como sendo as criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social.

ponte de acesso é um inseguro trapiche de madeira (Foto 58), onde se teve o sentimento de procurar observar para “enxergar” o modo de vida dessa comunidade, bairro onde se concentra a população carente. A pesquisa visou a descoberta, tendo como ponto de partida contatos com as pessoas envolvidas no processo de construção do Cordão do Gallo. A observação participante propiciou compreender as ações das pessoas desta comunidade através do compartilhamento nas atividades preparatórias do Cordão do Gallo, observando seus interesses e sentimentos a respeito da proposta, interagindo e participando das atividades, procurando vivenciar a ação junto com os participantes entrevistados.

Foto 58 - Bairro do Choque



Foto: Joana Barretto, jan 2012.

Após a visita ao Bairro do Choque, a parada no Museu do Marajó (Foto 59) foi permeada por surpresas como as das mudanças ocorridas depois do falecimento do Padre Giovani Gallo, uma vez que se teve a oportunidade de conhecer o museu quando do seu criador em vida, sobretudo quanto ao mau estado de conservação dos objetos da cultura marajoara retratada numa exposição permanente e interativa.

Foto 59 - Ensaio em frente ao Museu do Marajó



Foto: Allan Carvalho, jan 2012.

O Museu passa por dificuldades, porém abre todos os dias e possui atualmente um quadro de sete funcionários e três voluntários. O Museu do Marajó recebe apoio da Prefeitura local, e emprega quatro funcionários que fazem a limpeza e o atendimento. Os prédios do entorno, que outrora funcionaram como Escola de Música e Laboratório de Informática hoje abrigam novas atividades, como moradia de uma funcionária do museu na administração passada e espaço de ensaios da Banda João Vianna<sup>56</sup>, respectivamente. A prefeitura remunera os dois monitores da banda, Inaldo Alves (flauta doce) e Luís dos Santos (violão) este último responsável por um grupo de folia de São Sebastião, com quarenta e dois integrantes, e um dos convidados para o cortejo de 2012.

O presidente da banda é artesão, músico, lutier das caixas do Marajó, e colaborador do IAPAV. No museu, se encontrava o lutier responsável pelas oficinas de confecção e manutenção de instrumentos musicais, com motivos marajoaras. Dois instrutores das oficinas de percussão o auxiliavam no ensinamento às crianças que iam chegando aos poucos no local. Os representantes do IAPAV lamentavam o mau estado de conservação das alegorias e dos brinquedos - do boi e do galo e instrumentos musicais usados no ano anterior e guardados numa espécie de depósito no Museu do Marajó, e que deveriam ser aproveitados em 2012.

---

<sup>56</sup> Os instrumentos da banda são cedidos pelo Museu do Marajó na maioria (saxes, trombones, flautas, clarinetes e de percussão). Hoje tais instrumentos encontram-se sem manutenção.

O grupo de trabalho do Instituto já conhecia as pessoas com quem se queria conversar, facilitando o trabalho de pesquisa. Os contatos foram evoluindo devagar, até a chegada das crianças e adolescentes, que aos poucos foram se unindo ao grupo de instrutores. As apresentações foram feitas e houve a oportunidade de indagar sobre o modo de vida da comunidade.

Conforme a secretária do museu (entrevistado 6), que participa do Projeto há dois anos como “incentivadora cultural”, não se percebem mudanças significativas no que se refere à educação ambiental, cuidados com o meio ambiente e melhoria de qualidade de vida. Na sua opinião, acrescentaria mais palestras e vídeos educativos para crianças, para mostrar que cultura se faz com responsabilidade, sem agredir o meio ambiente, pois “apesar de brincadeira, é trabalho importante”. Para ela, a festividade de São Sebastião e o Cordão do Gallo são uma mistura de fé, cultura e religiosidade e onde se configura o profano: “é uma coisa muito forte que envolve a todos que dela participam, e é muito difícil dizer o que se sente ou o que se acha porque é uma sensação única, onde todos se envolvem com o objetivo de louvar São Sebastião <sup>57</sup> de alguma forma”.

O entrevistado 7 (Foto 60) é artesão e tem muito orgulho de ter nascido em Cachoeira do Arari e ser morador do lugar. Começou a participar do projeto há alguns anos, junto com o mestre Piticaia, mestre de boi bumbá de Cachoeira, ensinando as crianças a construírem caixas de boi bumbá. É de opinião de que deveria haver uma ocupação, um incentivo que possa retirar os jovens do lugar da marginalidade, o que vem ocorrendo com frequência. “Hoje estamos perdendo os nossos jovens para o tráfico de drogas e por falta de escolas e empregos”. Considera importantes as oficinas de artesanato, de caixas marajoaras, de serigrafia e pintura para crianças e jovens. Lamenta o descaso das autoridades com a cultura e de um modo geral a falta de atenção ao trabalho socioambiental desenvolvido pelo projeto. Ressalta que a Festividade de São Sebastião sem a bebida alcoólica seria

---

<sup>57</sup> São Sebastião é considerado o padroeiro dos vaqueiros e fazendeiros da região, venerado pela população, que cumpre uma tradição de mais de cem anos. Essa tradição mistura o religioso e o profano, a exemplo de quase todas as festas religiosas que ocorrem no interior do Pará.



bem melhor. Quanto ao Cordão do Gallo<sup>58</sup>, deveria ser mais preservado porque “hoje somos nós, amanhã serão as crianças à frente do trabalho”.

Outras pessoas da comunidade local foram importantes para o êxito da ação como um jovem de quatorze anos, nascido em Cachoeira do Arari e morador local, (entrevistado 8). Sua participação é recente, porém uma das mais expressivas pela disposição e envolvimento no processo. Ele participa das oficinas de confecção de caixas e como músico, tocando a caixa e também saxofone. Participou das oficinas como coorientador das crianças, conhecendo uma a uma pelo próprio nome. Ele iniciou no projeto levado por seu irmão, que é instrutor da banda João Vianna. Ele percebe mudanças de atitudes quanto à educação ambiental, qualidade de vida e principalmente na questão da valorização da cultura. Segundo ele o que falta é a continuidade das ações.

Uma moradora do lugar é atuante colaboradora no Projeto e no Cordão do Gallo (entrevistado 9), exercendo uma função de relações públicas, agendando e viabilizando as tarefas dos participantes e colaboradores no lugar e em Belém e oferecendo hospedagem aos instrutores das oficinas, aos colaboradores e pesquisadores. Uma moradora do Bairro do Choque é quem cuida da alimentação dos coordenadores e colaboradores do evento (foto 61).

Foto 60 - Mestre de oficinas



Foto: Joana Barretto, jan 2012.

Foto 61 - Colaboradores do evento



Foto: Allan Carvalho, jan 2012.

Um dos convidados para o evento foi o Grupo Sancari<sup>59</sup>, tendo à frente o entrevistado 10 que é militar, mora em Belém, mas trabalha em Cachoeira do Arari como fisioterapeuta. Participa do projeto há muitos anos, sensibilizado pela situação

<sup>58</sup> No cortejo participam alunos e professores de todas as escolas, os pais dos alunos, a banda João Vianna; os alunos das oficinas de percussão e os bois locais, que são três: o da Galiléia (moradora e comerciante local); o Madureira e o Piticaia.

<sup>59</sup> Grupo Sancari, grupo folclórico de carimbo de Belém, parceiro nas ações do IAPAV.

que aflora no município, que é o tráfico de drogas, portanto o que o motivou foi “a criança marajoara fora das drogas”. Ele percebe mudanças de comportamento com relação às questões ambientais. Em sua opinião deveria haver mais oficinas e palestras educativas. Quanto à festividade de São Sebastião e Cordão do Gallo, ele considera que esses eventos acrescentam à região mais uma oportunidade de valorização da cultura marajoara, e para melhorar a qualidade de vida seriam importantes mais atividades físicas e recreativas e melhor alimentação, mais recreação e lazer para a comunidade.

A artesã (entrevistado 17) que confecciona o galo (Foto 62), chegou de madrugada (acompanhada pelo tripa<sup>60</sup> do Boi Malhadinho do Guamá, seu assessor para confecção de alegorias e adereços) na cidade, carregando o “galo” na bagagem, símbolo do cortejo. “Nesse ano está mais simples que nos anos anteriores e teve que ser confeccionado às pressas”, explicou a artesã, pois seu marido, artesão e carnavalesco que confeccionava os bois do IAPAV e do Guamá, o Malhadinho, encontrava-se enfermo, vindo a falecer no dia 27 de Janeiro. Tais artesãos participaram desde o início do IAPAV das ações promovidas por este Instituto, confeccionando os bois e o galo dos cortejos.

Foto 62 - O Galo, brinquedo da festa

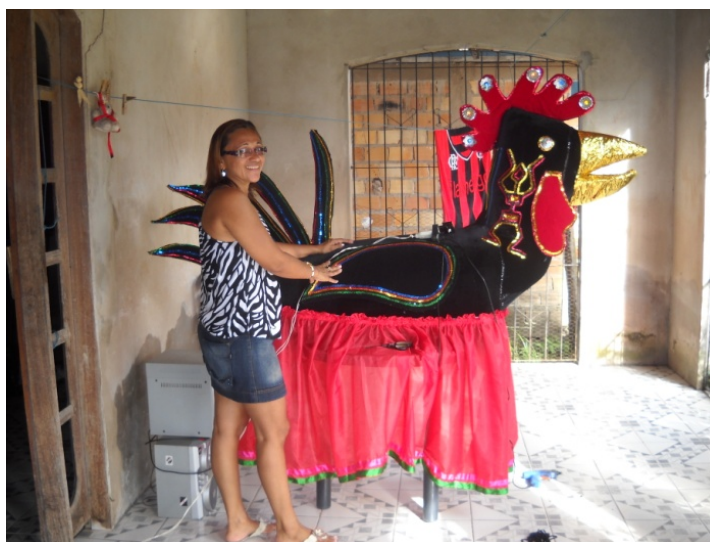


Foto: Joana Barretto, jan 2012.

O vice-presidente do IAPAV, (entrevistado 14), coordenou a ação junto com o entrevistado 1, estando à frente de todas as atividades do evento. Em 2011 relatou em seu blog a razão deste evento e a situação que a comunidade enfrenta

<sup>60</sup> O tripa do boi é a pessoa que dança embaixo do boi.

com os problemas relacionados às drogas, à violência e ao precário índice educacional no município.

O desafio nasceu há três anos, quando da necessidade de enfrentar ali um inconveniente desdobramento da tradicional festividade de São Sebastião, alertados pelo IPHAN: os excessos adultos chegavam às crianças. Mais precisamente o uso, pela garotada, do famoso “leite de onça” (álcool doméstico misturado ao leite da búfala), nos cortejos com o mastro mirim (outros mastros são: o das mulheres e o dos homens). A reboque disso, outros fenômenos terríveis, como a violência sexual e o precário índice educacional, são as reais assombrações do lugar. Assim, por meio do Cordão do Gallo, o desafio é de melhorar o roteiro da brincadeira e da história das pessoas. Então, partimos – nós do Instituto, com apoio do Ná Figueiredo e Fundação Curro Velho – rumo ao Arari. Lá, já estavam de prontidão outros guardiões – meninos da Banda João Vianna (com regência do Inaldo), a Prefeitura (Jaime), o Albertinho Leão, Poloca e Cia, Kiko, Rosélia e tantos outros, além da ávida meninada (texto de Allan Carvalho)<sup>61</sup>.

Outros sujeitos envolvidos neste contexto são os moradores do bairro do Choque<sup>62</sup>, adultos, crianças e jovens, principalmente mulheres que colaboram com o Instituto na realização do Cordão do Gallo.

- **O processo de construção da ação:**

O processo de construção do cortejo do Cordão do Gallo se iniciou com antecedência, com arrecadação de donativos como brinquedos, agasalhos, e alimentos não perecíveis (Foto 63) em um evento chamado Natal Solidário do Cordão do Gallo, onde houve apresentação de show beneficente, no ano de 2011 realizado no Teatro Margarida Schivazzappa (Foto 64), que foi denominado II Noite do Canta Gallo e teve a participação de mestres da cultura popular, poetas, músicos, artistas plásticos, educadores culturais, grupos folclóricos e parafolclóricos<sup>63</sup>.

---

<sup>61</sup> Depoimento de Allan Carvalho em seu blog. Para mais informações ver Referências.

<sup>62</sup> O bairro do Choque em Cachoeira do Arari é um local onde se instala a população de baixa renda do município e onde finaliza o cortejo do Cordão do Gallo.

<sup>63</sup> Grupo folclórico é formado por pessoas que participam de apresentações e que vivenciam as tradições populares. Grupos parafolclóricos, são formados por pessoas que retrabalham, interpretam e apresentam as vivências dos grupos folclóricos em forma de espetáculo.

Foto 63 - Donativos

Foto: Joana Barretto, dez 2011.

Foto 64 - O show no Teatro Margarida Schivazzapa

Foto: Joana Barretto, dez 2011.

Esta foi uma ação do IAPAV para o Natal das crianças e jovens de Belém e Cachoeira do Arari. As doações foram distribuídas para as crianças do Cordão do Gallo e para comunidades de Belém. Contou com as parcerias do Museu do Marajó além de outras instituições, de Belém e locais<sup>64</sup>. Em Cachoeira do Arari ocorreram as oficinas de confecção e manutenção de instrumentos musicais; de canto; de dança e de percussão, além de mostra de vídeos e de cinema com temas referentes as questões ambientais e ensaio da Banda João Vianna.

A programação do cortejo do Cordão do Gallo foi agendada da seguinte forma: concentração às cinco horas em frente do Museu do Marajó; início, meia hora depois, do Brilho da Aurora (alvorada) com audição musical (músicas temáticas) e apresentação de folias (São Sebastião e do Cordão do Gallo).

O café da manhã (mingau) foi servido às sete horas (só para as crianças) e o cortejo saiu às nove horas, tendo como itinerário: Rua do Museu, Praça da Matriz (com o plantio de mudas de samaureiras), Bairro do Choque e retorno ao museu. Constou da programação um roteiro musical para cada etapa do cortejo. As etapas foram denominadas de Brilho da Aurora, Rota do Cantagalo e Roda Marajora.

Nas fotos a seguir (65 e 66), o menino que participa desde o início do Cordão do Gallo e as crianças aprendizes das oficinas, com as caixas quadradas do Marajó.

---

<sup>64</sup> Secretaria de Estado de Cultura, Fundação Curro Velho, Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, Secretaria de Estado de Educação, Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Prefeitura Municipal de Cachoeira do Arari, Igreja Nossa Senhora da Conceição e Banda João Vianna.

Foto 65 - Menino que participa anualmente do cortejo



Foto: Joana Barretto, jan 2012.

Foto 66 - Crianças com caixas do Marajó



Foto: Joana Barretto, jan 2012.

A arrumação do cortejo começou com os mastros carregados por meninos e meninas (Foto 67); seguidos pelos cavalinhos e adereços de mão; bandeiras; o estandarte em homenagem a São Sebastião; em seguida o “galo”, o brinquedo da festa; a banda Giovanni com as crianças portando as caixas do Marajó confeccionadas nas oficinas; músicos de sopro da banda João Vianna e os brincantes. Na foto 68, as crianças da banda nas ruas de Cachoeira.

Foto 67 - Mastro dos meninos



Foto: Joana Barretto, jan 2012.

Foto 68 - Ensaio das crianças nas ruas de Cachoeira



Foto: Allan Carvalho, jan 2012.

No roteiro musical, as composições musicais, na maioria de autoria dos músicos Ronaldo Silva e Allan Carvalho e do mestre Cardoso, do boi bumbá de Ourém, possuem letras com teor educativo, com palavras alusivas à preocupação com o meio ambiente e com o futuro do planeta, que ressaltam a importância da instituição familiar e da religião. Os termos constantes das letras musicais foram classificados neste trabalho como:

- elementos representativos da natureza, especialmente a amazônica: as águas, nas palavras oceanos, rios, cachoeiras, igarapés, lagos, mares; os animais nas menções a pássaros, mamíferos (bois, cavalos), peixes (arraia, espadarte, cavalo marinho), e insetos (borboletas); a vegetação nas palavras florestas, matas e nas menções a flores (açucena, cravo branco, jasmim,

papoula, rosa) e ervas perfumadas (manjeriçã, patchuli); e o solo, referido como barro.

- elementos do universo: planeta Terra.
- o ser humano e sua organização familiar: pai, mãe, filhos, netos etc.
- modos de produção representativos da região: as plantações (arrozal, cafezal)
- elementos construtivos característicos da região: as edificações (tapera); os meios de transporte fluvial (barcos, gaiolas).
- elementos religiosos: os santos da quadra junina.

O cortejo sai da frente do Museu do Marajó e segue até o centro da cidade. Em um espaço livre em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição foram fincados os mastros e foram plantadas as mudas de samaumeiras. A seguir, exemplo de letra de uma das canções tocadas e cantadas no cortejo: “Cadê a floresta?”, de autoria de Mestre Cardoso, integrante da Roda Cantada. Na letra da música, os elementos representativos da natureza amazônica:

Mamãe, cadê a floresta?  
 Nossas vertentes belezas  
 Os peixes da piracema  
 Não tem mais essa riqueza  
 Meu filho o Rio Guamá  
 Criou pai, filhos e netos  
 Agora só tem o resto  
 Do verde da natureza  
 Mamãe cadê a floresta?  
 O que é que o pássaro come?  
 Meu filho é assim mesmo  
 Do passado fica o nome  
 Meu filho o Rio Guamá  
 Desmatam as cabeceiras  
 Não tem mais as cachoeiras  
 E quem faz isso é o homem.

- **A dimensão ambiental associada à cultura local: as oficinas de confecção e manutenção de instrumentos musicais e os plantios**

A percepção do artesão pode indicar que, em meio a uma atividade tradicional, vinculada a uma cultura tida como não desenvolvida, é capaz de gerar possibilidades de compreensão da complexidade das relações entre sociedade e natureza (SILVA: SIMONIAN, 2010, p.479). Assim os artesãos percebem seu trabalho como parte de interações complexas deles entre si e deles com os recursos naturais.

Nesta pesquisa descreve-se a experiência relativa à reutilização de caixotes de madeira (pinho)<sup>65</sup>, usadas para transporte de produtos hortifrutícolas, um lixo de supermercados e feiras jogado nas ruas, e restos de material (laminados de madeira, PVC e vinílicos) de marcenaria, para construção de instrumentos musicais de percussão, com motivos regionais amazônicos pintados ou pirografados, cujo processo é repassado às crianças e adolescentes de Cachoeira do Arari nas oficinas de preparação para o Cordão do Gallo. No caso, os instrumentos característicos do local, as caixas do Marajó quadradas, tocadas nos cortejos de boi bumbá.

- **As oficinas de instrumentos musicais**

Optou-se por filmar um depoimento do artesão e músico que ministrou as oficinas de instrumentos musicais baseado num roteiro de perguntas cujos assuntos enfocaram: a participação no IAPAV; seu aprendizado e seu trabalho; as oficinas (Foto 69); a reutilização do lixo como caixotes de pinho jogados nas ruas (caixas de frutas) e das marcenarias (restos de laminados de PVC e laminados plásticos); as caixas quadradas do Marajó; a recepção do aprendizado das oficinas em Cachoeira do Arari; os novos artesãos ou lutieres; a continuidade das atividades das oficinas; mudanças de comportamento dos sujeitos envolvidos; as contribuições para o êxito das ações do IAPAV em Cachoeira do Arari.

---

<sup>65</sup> Estas caixas de madeira eram confeccionadas tradicionalmente com madeira de pinho (*Araucária angustifolia*) que se encontram escassas, e conseqüentemente com preços elevados, sendo utilizado atualmente o eucalipto (*Eucalyptus globulus*, *E. saligna*, *E. rostrata* e *E. resinífera*) que racham com maior facilidade, provocando maiores prejuízos. Estas caixas são utilizadas com maior frequência para a comercialização do mamão “Formosa”, no mercado interno. Para mais informações ver Referências.



Foto 69 – Oficinas: confecção das caixas do Marajó



Foto: Allan Carvalho, jan 2012.

As oficinas de manutenção e construção de instrumentos musicais foram ministradas pelo lutier, músico e marceneiro (entrevistado 5) que colabora com o Instituto Arraial do Pavulagem desde o início, antes de começarem os arrastões, incentivado pelo músico Rui Baldez, já falecido e um dos idealizadores do Arraial do Pavulagem.

Eu tinha um amigo, era o único integrante do Arraial do Pavulagem e esse meu amigo... eu fazia instrumento regional... dizia assim pra mim: te especializa em fazer instrumento de boi bumbá, barrica, esses instrumentos que a gente vai utilizar, isso já pensando em fazer o arrastão antes de começar esses arrastões do Arraial. Aí foi isso o que eu fiz, comecei a me aprimorar, depois de um tempo comecei a trabalhar junto aos bois, já confeccionando os instrumentos, já aprimorando pra que o instrumento fique adaptado pra uma qualidade de som bom e bem bonito também, bem acabado (depoimento em 08 fev 2012).

O lutier aprendeu desde criança o ofício de marceneiro na Escola Salesiana do Trabalho, em Belém, mas seu envolvimento com a música o fez enveredar para o ofício de lutier, começando com a confecção de instrumentos regionais de percussão, o que foi aprimorado através da observação nas lojas de instrumentos musicais. Mas foi uma viagem com o grupo musical “Frutos do Pará”, do qual faz parte, para o Rio Grande do Sul, que lhe deu a oportunidade de desenvolver a arte de confeccionar suas barricas: ele adaptou para elas o método de madeira montada, usado para construir barris de vinho, repassado por um amigo que conheceu por lá.

A experiência com a marcenaria e a pesquisa empírica o levou a aprimorar seu método, passando a fabricar instrumentos regionais de qualidade, reutilizando o lixo da “floresta urbana” como a madeira pinho dos caixotes de maçã e ainda os restos de laminados de madeira regional, PVC (policloreto de polivinila. ou policloreto de vinil), um plástico também conhecido como vinil, e laminados plásticos, lixo de cinco marcenarias do bairro onde habita, e que é coletado por ele semanalmente. Com o PVC ele faz vários instrumentos, como curimbós, barricas e ganzás. Nesses instrumentos, ele cobre o PVC com os laminados plásticos, revelando que o PVC garante uma boa sonoridade.

Essa madeira fica jogada nas ruas, geralmente ninguém quer porque é uma madeira branca chamada pinho. Só uma pesquisa que eu fiz através de sonoridades: é a melhor madeira que existe para fabricar instrumentos como barricas, marabaixo... dá pra fazer todos os instrumentos, o resto dos instrumentos eu pego PVC, eu trabalho muito com reciclados, uma parte reciclado e outra parte comprada, mas a parte principal é a madeira do material de coleta (idem).

O lutier ressalta a importância da coleta de material que realiza, senão ele teria que comprar. Por outro lado, há exigência do IBAMA quanto ao registro da madeira. O pinho é uma madeira que já vem tratada. Para ele, são muitas as vantagens da reutilização desse material que iria para o lixo, um material que, segundo uma pesquisa que ele próprio realizou, é a melhor madeira para construção de instrumentos percussivos, por conta da sonoridade que proporciona.

A pintura dos instrumentos é feita com tintas para tecido e verniz, que aderem bem à madeira, segundo ele. Como produtos de origem natural são utilizados o extrato de noqueira, que rende mais, é mais diluído e atinge nuances de cores, porém escasso no mercado; o jenipapo, cuja dificuldade é ser fruto de caráter sazonal; e o cumatê, usado para as cuias. Quanto a este último, é muito usado em Cachoeira do Arari, pela facilidade em ser encontrado no local. Existe uma preocupação quanto ao não esquecimento das raízes culturais, manifestada pela reprodução, nos instrumentos percussivos, da simbologia amazônica, como os desenhos marajoaras (Foto 70).

Foto 70 - Oficinas: pinturas de elementos da cultura marajoara



Foto: Joana Barretto, jan 2012.

Por outro lado, as obras são originais, nunca iguais, estilizadas, apresentando uma individualidade.

O instrumento pode ser até o djambê, que é africano, mas você faz ele com a cara regional, o turista compra. Os nossos instrumentos aqui, caracterizados do Pará, tipo o pau de chuva, agogô de castanha, uns instrumentos de sapucaia, esses daí são os que mais vendem (idem).

A experiência no Instituto no Arraial do Pavulagem foi referência para o trabalho do lutier, que diz que seu trabalho ficou cem por cento depois do Arraial:

Esse projeto é de onze anos, eles já tinham na cabeça... Faziam um show e compravam uma barrica. Aí o Ronaldo disse "A gente tá devendo pra caramba e vai comprar barrica?" O Rui Baldez disse : "Não! Calma lá que a gente vai fazer!" Tanto é que hoje vem gente de São Paulo, referência do Arraial. O Arraial toca lá, o pessoal liga: um instrumento assim, assim [...] aí eles indicam e eu entrego. Já mandei pro Brasil todo, até para o exterior. A gente já mandou pelo IAPAV. A gente já mandou pra Alemanha, França, Itália, é um povo que gosta muito. Pra América Latina também. Geralmente a gente tem intercâmbio com eles e vende bastante (idem).

O lutier faz parte da Associação dos Artesãos da Praça da República, por meio da qual recebe apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), para acesso a novas técnicas, viagens, participação em feiras e parcerias com instituições.

O material das caixas de Cachoeira, neste ano, foi levado de Belém, na maioria, em função do tempo curto para realização do evento. Nos outros anos foi coletado no próprio lugar. Os instrumentos musicais usados normalmente no Arraial são as barricas, reco-reco, alfaias, caixas de marabaixo, tambor de onça, maracá e o milheiro (Foto 71).

Foto 71 - Ensaios: instrumentos musicais de material reciclável



Foto: Allan Carvalho, jan 2012.

Em Cachoeira do Arari as caixas são quadradas e, segundo o lutier, este formato quadrado é originário do lugar. Não há uma explicação, segundo ele, para o formato quadrado das caixas, pois ainda não fez uma pesquisa sobre o assunto, mas percebeu que elas têm uma sonoridade diferenciada e vibrante e são usadas em todos os cortejos de bois do lugar. Em 2012 foram acrescentadas as caixas de Cachoeira aos cortejos.

As oficinas em Cachoeira são ministradas anualmente, durante a festividade de São Sebastião. Atingem um público diferenciado, desde a criança até o idoso. No ano de 2012, o público foi basicamente constituído por crianças. Normalmente, segundo o lutier, as oficinas que ministra nos municípios têm uma grande aceitação. Sua experiência com o Projeto Orube de Arte e Educação <sup>66</sup>do Conjunto Satélite, em Belém, comprova isso:

Do Orube foi cem por cento de participação. Comecei com vinte alunos, eu achei muito e reclamei, aí no final tinham mais de cinquenta alunos. Todos

<sup>66</sup> Projeto de extensão do Instituto Arraial do Pavulagem.

eles aprenderam e fizeram os instrumentos, estão lá até hoje, a gente só faz dar manutenção todo ano... (depoimento em 08 fev 2012).

O lutier trabalhou ministrando oficinas de percussão em vários municípios como: Cachoeira do Arari, Colares, Santa Cruz do Arari, Breves, Igarapé Açu, Abaetetuba , dentre outros. Tais oficinas nos municípios deixaram seguidores. Em Ourém, há dois lutieres que participaram de uma oficina realizada para os mestres do boi bumbá, mas que foi aberta para o público em geral, que exercem o ofício. Em Abaetetuba há um lutier que trabalha com carrons<sup>67</sup>.

Antes, em Cachoeira do Arari, as oficinas eram de serigrafia, promovidas pelo Museu do Marajó, para o aprendizado dos desenhos marajoaras catalogados em dois livros do padre Giovanni Gallo. São desenhos que foram amplamente reproduzidos pela cidade. Hoje, as oficinas são de música. Mas esses desenhos são reproduzidos nas caixas quadradas pelos alunos das oficinas de percussão que já tem, dentro de si mesmos, a familiaridade com os desenhos marajoaras.

A continuidade das oficinas de manutenção e confecção de instrumentos musicais tem a promessa dos músicos do lugar, como os da banda João Vianna, que por sua vez, acompanha o cortejo todos os anos, junto com os alunos de percussão, canto e dança das oficinas, durante o Cordão do Gallo. Essas pessoas trabalham muito nas festividades, mas não há continuidade das atividades, por uma série de contingências relacionadas à falta de apoio do poder público local, assim como um processo de decadência explícita do Museu do Marajó, depois de mudanças administrativas ocorridas após o falecimento do padre Giovanni Gallo. O descaso com esse patrimônio é evidente e se reflete até no espaço físico do Museu que, hoje, apresenta um acervo desfalcado e com aspecto de abandono, embora algumas iniciativas isoladas de alguns funcionários, que procuram dentro de suas possibilidades arranjam, com alguns serviços domésticos, a aparência do local.

---

<sup>67</sup> Cajón ou carron é um instrumento musical de percussão de origem afro-peruana. Foi inventado por volta de 1850, durante a colonização espanhola no Peru, quando então os escravos, proibidos pela Igreja Católica de tocar seus tambores considerados hereges, passaram a utilizar caixas de madeira, usadas para o transporte de pescados e frutas, para criar sons e ritmos. Para mais informações ver Referências.

Com relação à mudança de percepção e valores quanto ao meio ambiente, segundo a percepção do lutier, é muito mais fácil ensinar para as crianças, pois estão ávidas pela novidade, principalmente nas cidades de interior, e a música é um bom recurso para atraí-las. As crianças e jovens são despertadas para sua identidade cultural, passando a dar valor à sua condição de amazônida.

- **O plantio de samaumeiras durante os cortejos**

A programação do evento em Cachoeira do Arari contou com o plantio de quatro samaumeiras (Foto 72), depois da cerimônia de fincamento dos mastros. Esta atividade teve o apoio da prefeitura local. Depois de plantadas, as mudas foram protegidas por uma cerca de madeira. As crianças do cortejo participaram do plantio no final do cortejo.

Foto 72 - Plantio de samaumeiras



Foto: Joana Barretto, jan 2012.

Educadores ambientais têm realizado experiências de EA associadas a datas de eventos de educação ambiental com atividades práticas como plantios de árvores e coletas seletivas. Outros enfatizam o contato com a natureza e também há os que vinculam a EA aos aspectos sócio-econômicos e outros. Um exemplo prático é a ação de educação ambiental informal vinculada à cultura, realizada pelo IAPAV em Cachoeira do Arari.

Embora a preocupação em construir junto às crianças e jovens a conscientização quanto à preservação do meio ambiente, como parte de uma ação de EA aliada à cultura, nem sempre os projetos que levam as crianças a plantarem mudas de árvores têm o efeito desejado. As crianças realizam a ação como um ato

simbólico, sem estarem preparadas para entender o seu verdadeiro sentido. Muitas vezes não sabem o nome da planta e talvez nem retornem ao local para cuidá-las ou simplesmente se espera que o poder público local se responsabilize pela manutenção adequada da planta. Os educadores, por sua vez, saem com a sensação de missão cumprida.

No texto de Maristela Barenco Corrêa de Melo<sup>68</sup>, num informativo semanal dedicado a educadores, apresenta-se como seria o processo de um plantio de árvores tendo em vista a cultura da paz e da espiritualidade, destacando algumas formas para realização de um plantio de mudas como: restabelecer os laços de amorosidade com a natureza; reintegrar à paisagem natural em que se vive conhecendo o meio ambiente em que se vive; reprogramar a vida, incluindo momentos e programas de contato com a natureza e cultivar o verde nos espaços em que se vive. Assim seria repassada a mensagem de buscar os laços de amorosidade e parentesco com as árvores.

Para Reigota (2010, p.11), a EA não é necessariamente uma prática pedagógica voltada para conhecimentos sobre ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais [...] mas basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre as questões ambientais.

No trabalho realizado pelo Arraial, no que se refere à EA associada à cultura, deve-se levar em consideração que as crianças do lugar, ao tomarem contato com o aprendizado artesanal dos instrumentos musicais, percebem seu meio natural. O mesmo acontece com o plantio das samaumeiras, porém não se sabe, *a priori* o resultado desta ação. Mas, assim como no aprendizado da confecção dos instrumentos de percussão, espera-se despertar nas crianças e jovens o cuidado com a preservação do meio ambiente e da valorização de sua identidade cultural como caboclo amazônico.

#### **4.1.3 O Projeto Orube de Arte e Educação em Belém**

O termo Orube vem do tupi e significa “aquele que traz alegria, que contagia”. O Projeto Orube foi criado em 2008, com o apoio do Instituto. O objetivo principal do projeto é permitir o contato do público infanto-juvenil com experiências

---

<sup>68</sup> Maristela Barenco Corrêa de Mello é Doutora em Meio Ambiente pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ.

de educação cultural e pedagógica baseadas na vivência socioambiental.

O Projeto Orube é fruto das intenções desenvolvidas por alguns de seus membros, moradores de um Conjunto Habitacional no Bairro do Coqueiro, em Belém, que participam das atividades do Instituto Arraial do Pavulagem, intenções essas de promover um instrumento de mudanças de atitudes com relação à qualidade de vida nessa comunidade, realizando EA e utilizando uma antiga prática de cultura que é o boi bumbá. Começou com o apelo da comunidade a uma moradora do Conjunto Satélite, componente do Arraial do Pavulagem, que se tornou a Coordenadora do Projeto Orube, (entrevistado 2), de se criar um boi para participar de um cortejo no Conjunto.

Como já havia a vivência e a experiência no Instituto por parte da coordenadora, a proposta foi realizar um trabalho mais completo, com criação de oficinas, além de um trabalho de conscientização da comunidade quanto ao conhecimento do que é a quadra junina, explicando os processos das oficinas que acontecem no arraial, de canto, percussão, confecção de adereços, além de reaproveitamento de garrafas pet, papelão, etc. Segundo a Coordenadora do Projeto Orube (Entrevistado 2), no depoimento em maio de 2011, o Projeto Orube está ligado ao IAPAV como se fosse um projeto de extensão, direcionado para crianças e adolescentes, e teve sua base construída em cima das informações sobre os arrastões do grupo, principalmente com relação às músicas. Inicialmente a experiência foi dirigida para o nível e faixa etária das crianças do Conjunto Satélite.

A coordenadora do Projeto Orube, no depoimento em 18 de maio de 2011, explica o vínculo com o Instituto Arraial do Pavulagem:

Na verdade a gente tenta fazer, trabalhar, que o Orube está ligado ao Instituto Arraial do Pavulagem, como se fosse um projeto de extensão, para um público direcionado de crianças e adolescentes. As informações, toda a base, a construção do Orube, foi feita em cima do Arraial, a forma de trabalhar, as músicas... as informações todas foram baseadas no trabalho do Arraial, nós levamos tudo que tínhamos de informação pra lá (Conjunto Satélite), aí tentamos para um nível de crianças que tem lá (no conjunto) e para a faixa etária delas (depoimento em 18 de maio de 2011).

As crianças que participam desse projeto são oriundas das escolas públicas.



O Projeto Orube contagia crianças e jovens na faixa etária de sete a dezoito anos, que participam de oficinas e ensaios de dança, percussão, canto, confecção de instrumentos, no Conjunto Satélite. Essas crianças e jovens residem em vários pontos da Região Metropolitana de Belém.

O projeto não tem um espaço exclusivo, o que dificulta os ensaios, por conta dos horários das oficinas, que não podem ser estendidos por questão de segurança para as crianças que moram em outros conjuntos. A escola do bairro colabora com a cessão do espaço como ajuda para os ensaios. Além desta escola, existe uma escola particular que colabora eventualmente com o projeto.

Embora o trabalho do ORUBE se destinasse para a comunidade em geral, o foco principal foi para as crianças e os adolescentes, os idosos e a família; e a intenção principal se relaciona com a melhoria da qualidade de vida da comunidade, para criar um ambiente saudável, criar uma quadra junina para o conjunto, com foco nas crianças e adolescentes, onde não fossem comercializadas bebidas alcoólicas; e levantar a questão da qualidade do meio ambiente exaltando a responsabilidade quanto ao problema do lixo.

Com isso nós acabamos afastando algumas pessoas que não compartilharam dessa idéia, que visavam uma questão mais comercial, promocional, e nós acabamos assim nos resumindo a poucas pessoas e com mais de oitenta crianças nas mãos e que já estavam aí desenvolvendo uns três meses esse trabalho, elas confeccionavam os instrumentos de percussão delas. (idem).

Houve uma mudança importante na vida dessas crianças e jovens que aprenderam uma cultura diferente da influenciada pelos meios de comunicação de massa, a que estavam acostumadas. As crianças, antes de sua participação no projeto, gostavam de dançar a “Dança do Créu”, criada pelo DJ carioca Sérgio Costa, conhecido como MC Créu. Elas passaram a se interessar pelos folguedos, em especial o boi bumbá, valorizando os mestres e as músicas, estas em geral toadas com letras que tratam de temas relacionados à preservação do meio ambiente.

O Projeto Orube também desenvolve um trabalho cultural no município de Ourém, com a Escola Estadual de Ensino Médio Socorro Oliveira da Rocha, e realizou, no ano de 2012, um evento intitulado “Encontro de Saberes”, que teve o apoio da Fundação Cultural de Artes e Esportes Mundico & Manôla (FUNCARTEMM). No encontro houve a participação do mestre Cardoso nas oficinas e de outros mestres de Ourém no cortejo do Boi Orube, nas ruas da cidade.

Tem também um trabalho que nós começamos esse ano no Município de Ourém, tá dentro de uma escola pública, levar a experiência do projeto para duzentos jovens. Nós estamos voluntariamente com ajuda de um amigo nosso que tem lá e da diretoria da escola, eles conseguiram o transporte pra gente, alimentos e estadia. Nós fomos daqui com algumas crianças, levamos o trabalho, fizemos mostra do trabalho, fizemos uma mini oficina, fizemos um cortejo cultural a noite para mostrar como é o trabalho das crianças (idem).

O envolvimento da Igreja Católica nas ações do Instituto no Conjunto Satélite, através do Projeto Orube de Arte e Educação, foi um fato interessante e que demonstrou um certo sincretismo cultural, demonstrado pelo batizado do Boi Orube, feito por um padre da igreja local, com banho de cheiro. No evento, os mestres estiveram presentes, para surpresa das crianças. Os mestres Cardoso, Tuíte e Faustino chegaram à meia noite e o padre Santiago, da Igreja do Bom Remédio, os esperou para batizar o boi com banho de cheiro. As crianças, por sua vez, estavam cantando as músicas de autoria dos mesmos e, ao vê-los, choraram de emoção.

Ainda existem pessoas como o Padre Santiago, que tiveram a sensibilidade, o entendimento de ver que aquilo ali não é só mais um projeto, mas que existia uma relação, uma preocupação muito maior, uma questão social muito maior envolvida nisso, então ficou, partilhou com a gente desse momento, e quando os mestres chegaram o Faustino, o Mestre Cardoso, o Tuíte, esses mestres chegaram assim de surpresa, entraram e as crianças estavam cantando as músicas deles, e quando as crianças viram , foi assim um chororô danado...(idem).

Para Geertz (2011, p.94-95), a crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente; o ethos<sup>69</sup> torna-se intelectualmente razoável porque é levado a apresentar um tipo de vida implícito no estado das coisas reais que a visão de mundo descreve e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica.

Os significados só podem ser “armazenados” através de símbolos (rituais, mitos); resumem o que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar-se quem está nele.

O batizado do Boi Orube foi significativo na medida em que o ritual deu credibilidade à ação do grupo na comunidade onde estão inseridos, reforçando, através da crença religiosa, a sua visão de mundo.

A relação que se configurou no Projeto Orube foi, conforme a avaliação da coordenadora do projeto, uma relação familiar, onde as crianças pudessem estar juntas num mesmo ideal, partilhando de momentos sem malícia, e com emoção, valores de convivência respeitosa e saudável, onde a igualdade transparece nas atitudes e até nas escolhas dos instrumentos musicais. O trabalho é feito exaltando a importância da amizade e na crença de que os sonhos de fazer um mundo melhor podem se tornar uma realidade, através da cultura popular e da educação ambiental.

A participação das crianças se deu nas atividades de palestras, seminários, nas viagens a outras localidades para divulgação do trabalho realizado no Conjunto Satélite.

Os pais dos adolescentes e crianças do Projeto Orube estabelecem uma relação de cumplicidade com o projeto, solicitando cooperação quanto à educação que os filhos não recebem na escola, transferindo até mesmo suas responsabilidades educativas familiares para o projeto e lá os participantes recebem orientações:

---

<sup>69</sup> Ethos significa os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos foram resumidos no termo “ethos”. O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. Essa visão de mundo que o povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. (GEERTZ, 2011:94).

Acho que os resultados, como eu pude observar, mesmo é muito nas crianças, nas atitudes das crianças, na forma delas entenderem os valores, sempre tem muito essa questão dos valores, então acho que o resultado maior, a gente pode observar a mudança de comportamento dessas crianças, a gente pode perceber é a preocupação delas com as notas das escolas, porque é cobrado de alguma forma. O pai chega lá e diz que o filho não foi bem na escola e pede pra que a gente não deixe ele participar de alguma atividade, até como uma forma de punição, demonstrar interesse pra se notar que lá não é só uma brincadeira, há uma relação de confiança com os pais, os pais vão, falam, questionam isso (idem).

As oficinas realizadas no Conjunto Satélite, nos primeiro e segundo semestres, começaram após o período de batizado do boi, para a época do Círio de Nazaré, e as crianças do conjunto fizeram um trabalho de catar nas ruas o material para confeccionar seus instrumentos musicais. Além disso, as crianças foram orientadas para restringir o uso de produtos descartáveis, substituindo os mesmos pelas cuias, que passaram a ter um valor simbólico nos cortejos. As garrafas pet e os papelões, que eram jogados no lixo, também foram reaproveitados para construção de adereços.

O trabalho realizado tem como uma das parcerias, a do Complexo Ecológico Parque dos Igarapés<sup>70</sup>, tanto para sediar as oficinas como para as festas. O Complexo está localizado no entorno do Conjunto Satélite.

Conforme a coordenadora do projeto Orube, o projeto sobrevive de doações, não tem patrocinador financeiro e não aceita ajudas de políticos. O Projeto Orube tem vários parceiros no conjunto e no entorno do mesmo que doam madeira; o parque ecológico, que cede o espaço para as ações. A ideia é não estabelecer laços com a política partidária.

Até no período de campanha eleitoral aparecia alguém; “olha eu ajudo”[...].Não dá para vincular nome de político, partido, então assim sempre foi independente, na verdade as crianças sempre apresentaram o trabalho delas em função da qualidade, em função do potencial delas, nunca por apadrinhamento, por questão de alguém que esteja lá aproximando alguma coisa para ganhar alguma coisa em troca. Então não temos muitos parceiros,

---

<sup>70</sup> O Parque dos Igarapés foi criado em 1986, as margens do Rio Ariri, nas margens de igarapés que lhe deram o nome.

os poucos que nos ajudam na medida do possível com a doação de madeira, mas financeiramente mesmo, nós não temos nenhum parceiro (idem).

O resultado esperado da ação empreendida pelo Projeto Orube é viabilizar seus trabalhos perante as instituições públicas de fomento aos projetos culturais, além de levar sua experiência para outros locais. Para isso, o grupo tem o objetivo de oficializar o Projeto Orube de Arte e Educação por meio de um estatuto, para poder participar de editais, envolver o projeto com outras atividades.

Antecedem os arrastões do Boi Orube os ensaios realizados nas ruas do conjunto, iniciando e finalizando na casa de uma colaboradora do projeto. O Arrastão do Boi Orube ocorreu em 18 de junho de 2011, com festa, convidados e com show do Arraial do Pavulagem. A concentração foi na Praça Sérgio Guilherme, às oito horas da manhã, e o arrastão saiu rumo ao arraial no Parque dos Igarapés.

#### 4.1.3.1 O II Encontro de Saberes em Ourém

Nos dias 16 e 17 de dezembro de 2011 foi realizado no município de Ourém o II Encontro de Saberes, com participação do Projeto Orube, da FUNCARTEMM e da EEEM Prof<sup>a</sup> Socorro Oliveira da Rocha.

Ourém se localiza na Mesorregião Nordeste Paraense, microrregião Guamá, e se limita ao Norte, com o Município de Santa Luzia do Pará; a Leste, com o Município de capitão Poço e a Oeste com os municípios de Capitão Poço, São Miguel do Guamá e Bonito. A população estimada em 2011 (fonte IBGE) era de 16.458 habitantes em área de 562,39 Km<sup>2</sup> e densidade de 29,26 Hab/km<sup>2</sup>.

O principal rio do município é o rio Guamá, para o qual vertem a maioria dos rios menores. O Guamá serve de divisa oeste entre Ourém e o Município de Capitão Poço, enquanto que um de seus afluentes, o rio Caxiú, serve de divisa com São Miguel do Guamá. Outros, como o igarapé Tauari, a sudoeste, faz a divisa com Garrafão do Norte. Além do rio Guamá, uma parte do alto curso do Caeté serve de divisa com o município de Bragança.

Ourém é um município que possui poucas escolas para uma população de mais de 16 mil habitantes, sobretudo escolas de nível médio. De 1996 a 2010, a maioria das escolas eram municipais e, em grande parte, limitadas ao ensino fundamental. São poucas as escolas de ensino médio. Até 2007, só existia uma

escola de ensino médio, estadual. A partir de 2008, foram criadas mais duas, sendo uma particular, criada em 2010. A escola pública de ensino médio criada em 2008 foi a EEEM Socorro Oliveira da Rocha (Foto 77).

Quando a autora chegou à escola, as atividades do Projeto Orube já haviam sido iniciadas, com apresentação de vídeo educativo sobre comunicação e meio ambiente e depois palestra do animador cultural do Projeto Orube.

Foto 73 - EEEM Profª Socorro Oliveira da Rocha



Foto: Joana Barretto, dez 2011.

As atividades desenvolvidas pelo Projeto Orube na escola foram: oficinas, vídeo educativo, palestra e dinâmica de grupo. As oficinas foram de percussão, dança, canto e artes circenses.

Para informações sobre a escola de ensino médio contactou-se com a diretora da escola (entrevistado 11), natural de Ourém. Segundo a diretora, a escola existe desde setembro de 2010, uma escola de ensino médio para 450 alunos, com dois turnos.

A escola tem o partido arquitetônico padrão das escolas de interior do Estado, com dois pavilhões, um com oito salas, cada uma para vinte alunos, e outro para administração; área de recreação coberta, com cantina e banheiros (masculino e feminino); caixa d'água; quadra esportiva coberta e estacionamento. No momento, a escola apresentava-se bem cuidada na área externa, mas os banheiros apresentavam problemas de manutenção (portas emperradas, sanitários com descargas sem funcionamento etc). O lixo da escola é depositado direto nas lixeiras, sem acondicionamento apropriado.

Segundo a diretora, costuma-se realizar atividades de EA na escola, inclusive nas disciplinas de geografia, biologia e educação física, quando os alunos participam de atividades extraescolares, cujo tema é a poluição ambiental gerada pelos seixos.

Existem muitas seixeiras em Ourém, município que tem sua economia voltada basicamente para agropecuária e para as indústrias seixeiras. Essas indústrias degradam grandes áreas, pela extração de recursos minerais, provocando danos ao meio ambiente como assoreamento e poluição de um afluente do rio Guamá, assim como a poluição do lençol freático, bem como a degradação do solo e da vegetação nativa.

Na área da biologia, estuda-se a diversidade amazônica. A diretora referiu alguma mudança de comportamento, dado o interesse dos alunos da escola, que apelaram à direção para o retorno do Projeto Orube em 2011. O Projeto estivera em Ourém no ano anterior, realizando as mesmas atividades.

Com relação à frequência das atividades do Projeto Orube em Ourém, estas estão sendo realizadas anualmente e com patrocínio da escola e de um incentivador cultural (entrevistado 12) reconhecido pelo apoio à cultura ouremense e coordenador da Fundação Cultural de Artes e Esportes “Mundico & Manôla”.

Sobre a percepção das ações o Projeto Orube, na opinião do entrevistado 12, o Orube é uma célula programada para disseminar coisas boas praticando em harmonia a tolerância, numa vida que hoje é alternativa, comparada aos padrões moldados pela mídia televisiva, principalmente para os adolescentes, que se potencializam polinizadores do bem, através das artes, especialmente a música popular, numa doutrina que alterna rigidez e afrouxamento natural. Quanto às mudanças nas atitudes da comunidade de Ourém a partir das ações da fundação em parceria com o Projeto Orube:

A escola parceira foi a maior beneficiada com seu alunado absorvendo de perto o que de melhor tem esse projeto do bem. Hoje eles pedem a volta do Orube sempre aqui e também se planeja ir no local de atuação do Orube também (depoimento em 29 dez 2011).

Para o entrevistado 12, o que poderia ser feito em Ourém com relação à educação ambiental e as práticas culturais, de modo a melhorar a qualidade de vida da comunidade local, seria criar um ponto de cultura. Ele ressalta que a fundação tem objetivo de preservar a cultura ouremense.

Um ponto de cultura sem entraves burocráticos, já que não se conta com o executivo municipal para apoiar e dar vazão a essas nobres iniciativas, penso que no momento atual é jogar pesado com o estado e a federação, impondo regras e obrigações da prática ambiental e cultural popular, numa intervenção mesmo, para que não se perca contato com esse binômio tão salutar para um povo tradicional, como é o do município de Ourém, um dos mais antigos do Brasil (idem).

O professor de física e um dos coordenadores do Encontro de Saberes (entrevistado 13), procura trabalhar com a questão da valorização da cultura de Ourém, trazendo o Mestres do Boi para dentro da escola, para fazer uma apresentação, dar uma palestra e interagir com os estudantes, sem haver necessariamente um vínculo com o Orube. A atividade do Orube é pontual e começou no ano anterior (2010), mas o objetivo é trazê-los anualmente, pela grande aceitação do evento na escola.

Segundo o professor, a iniciativa partiu do entrevistado 12 para fazer uma troca de saberes entre jovens porque “a gente fica com aquela idéia e que o boi bumbá está ligado as pessoas mais idosas”<sup>71</sup>. Então para o professor Almir, a grande “sacada”, é fazer uma troca entre jovens o que, para ele surte muito efeito.

Quanto à proposta do Projeto Orube em realizar EA via cultura, do ponto de vista da consciência para as questões sócio ambientais e culturais nos jovens, o professor considera uma “preciosidade”, primeiro porque busca resgatar o adolescente dos apelos da cultura massificada pela mídia, por meio de trabalhar o diferenciado, valorizar as minorias, fazendo com que o adolescentes reencontrem suas raízes, o meio ambiente onde nasceu, porque com o tempo, o ser humano vai perdendo a identidade cultural, influenciado pela mídia.

Ressaltou que hoje já tem estudantes que conhecem as músicas do boi bumbá, se interessam pelo trabalho dos mestres de Ourém, mas ele reconhece que esse conhecimento é um processo lento. Completa que a intenção de trazer o Orube não é o lucro, a ideia é de investir em cultura, esperando deixar um legado cultural, uma vez que, segundo o professor, no dia a dia da escola trabalha-se mais o

---

<sup>71</sup> Esse comentário faz alusão ao caráter tradicional dos bois bumbás dos antigos mestres que faziam questão de reforçar essa tradição, não aceitando mudanças na construção e organização do cortejo.



conteúdo programático, esquecendo de agregar valores ao cotidiano do adolescente.

A esse respeito, num município como Ourém que enfrenta um sério problema de poluição produzido pelas indústrias seixeiras, seria oportuno adotar a EA como perspectiva educacional.

A EA como perspectiva educacional, pode estar presente em todas as disciplinas quando analisa temas que permitam focar as relações entre a humanidade e o meio natural e as relações sociais, sem deixar de lado as suas especificidades (REIGOTA, 2009, 2.ed., p.45).

Esse encontro é realizado apenas nesta escola e com pouca adesão dos pais dos alunos. Há uma proposta para, em 2013, fazerem-se esses encontros de modo sequencial, com a participação dos responsáveis pelos alunos, uma vez que, segundo o professor, a participação da família no processo educativo é fundamental.

Com relação ao cuidado com o meio ambiente, perguntado sobre a transmissão de temas relativos às questões ambientais como a reciclagem do lixo e matérias afins, ele diz que como a atividade do Orube na escola é muito pontual, então a mensagem não é apreendida por completo.

#### 4.1.3.2 As oficinas, vídeo, palestra, dinâmica de grupo

No dia 16 de dezembro, pela manhã, as oficinas de canto, percussão, dança e artes circenses ocorreram na quadra coberta da escola, precedidas por um vídeo sobre comunicação tratando da questão cultural universal e o meio ambiente (Fotos 74 e 75).

Foto 74 - Vídeo educativo



Foto: Joana Barretto, 16 dez 2011.

Foto 75 - Oficina de danças na quadra



Foto: Joana Barretto, 16 dez 2011.

Nas oficinas, o canto teve um papel muito importante dentre as outras formas de expressão. O vídeo começa com música da década de 1970, de 1973, “Deixa eu dizer”, de Ivan Lins e Ronaldo Monteiro de Souza, interpretada pela cantora Claudia, uma crítica ao regime autoritário e ditador dessa época no Brasil. Após, houve uma palestra explicativa pelo coordenador e animador cultural, sobre o tema tratado no vídeo e sobre a cultura popular, e ressaltou-se a conscientização dos integrantes do Projeto Orube, que passaram a perceber a importância dos mestres do boi bumbá, destacando a dificuldade relacionada às preferências musicais dos adolescentes e crianças do projeto. A mudança foi gradativa e foi positiva após oficinas e participações dos integrantes em arrastões do IAPAV e outros eventos para os quais passaram a ser convidados.

Na discussão do coordenador ressaltou-se a valorização da “cultura popular”; criticou-se o sistema, o preconceito social; citaram-se exemplos de descaso dos meios de comunicação de massa com os ritmos regionais (“só uma rádio em Belém toca o carimbó, porque é pública e obrigada a tocar”, nas outras só se ouve músicas comerciais); citaram-se exemplos de atitudes que denotam incompreensão quanto à cultura popular.

Para Reigota (2009, p.81), a EA conta com vários recursos didáticos, dentre os quais se insere a música e as artes plásticas, porém conforme esse autor, no caso da música deve-se atentar para o intercâmbio de interesses musicais (e estéticos) entre gerações, que é rico e prazeroso desde que haja a desconstrução de preconceitos.

Após o almoço, repetiram-se as atividades na seguinte sequência: vídeo, palestra, dinâmica de grupo na biblioteca refrigerada da escola, com a participação do Mestre Cardoso (Foto 76), o qual, após as atividades, cantou e dançou toadas com todos os presentes. No decorrer desses trabalhos, a autora aproveitou a oportunidade para aplicar os questionários da pesquisa, para os jovens do projeto (Foto 77). Depois, todos se dirigiram para a quadra coberta, onde se realizaram as oficinas. À noite houve um jantar com sopão e a volta ao sítio “Luar Lindo”, do sr. Arlindo Matos, que acolheu o grupo Orube.

Foto 76 - Mestre Cardoso canta na escola



Foto: Joana Barretto, 16 dez 2011.

Foto 77 - Jovens respondem questionário



Foto: Joana Barretto, 16 dez 2011

#### 4.1.3.3 O arrastão do Boi Orube

No dia seguinte, o encontro para o arrastão foi no Cais do Tromba (Foto 78), nas margens do Rio Guamá, onde houve a concentração, começando com a roda de boi com os mestres convidados de Ourém, alunos e professores da escola e os integrantes do Projeto Orube.

O arrastão fez o percurso nas ruas principais da cidade e finalizou na Praça Magalhães Barata, onde, em sua chegada nesta praça principal da cidade, os mestres cantaram suas toadas.

Foto 78 - Boi Orube no Cais do Tromba



Foto: ouremnet.blogspot.com

O objetivo do arrastão foi despertar o interesse pelo boi bumbá, ícone do folclore ouremense. Vários são os grupos de bois em Ourém: Ouro Fino (Mestre Cardoso), Pai do Campo (Faustino), Geringonça (Tuíte), Flor do Campo, Tarja Preta (João Ceguinho), Peteleco. Havia outros, que já caíram no esquecimento.

A seguir serão abordados os resultados da pesquisa com questões relacionadas ao olhar dos sujeitos; sobre os processos de encontro entre a cultura e a EA nas ações do IAPAV, passando-se a seguir a algumas conclusões.

## **5 RESULTADOS DO ENCONTRO ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CULTURA NAS AÇÕES DO INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM**

De acordo com as análises feitas a partir da pesquisa realizada, pode-se obter como resultado a compreensão das questões a seguir tratadas:

- a) O IAPAV se relaciona com os princípios teórico-práticos da EA por meio das práticas culturais presentes em suas ações sócio-educativas e ambientais.

Tomando por base as teorias de Leff (2010) sobre complexidade ambiental, que, conforme Silva (2008), enfatizam a necessidade de reinvenção e de uma revisão da política educacional; e as teorias das representações sociais de Marcos Reigota, experimentadas na prática do Norte até o Sul do Brasil, considerou-se neste trabalho a definição de EA como educação política que, mesmo que tenha

caráter utópico, tem respaldo no contexto em que vivemos, onde há uma crise de conhecimento:

Então vamos falar de que a Educação Ambiental vai aportar na compreensão de que é preciso reconhecer o conhecimento sobre o mundo. Então é preciso reconhecer aquilo que estamos fazendo hoje nas nossas práticas de educação formal, na universidade, de algum modo esse formato de ciência não tem conseguido gerar respostas aos problemas sócio ambientais, problemas que não são vistos somente do ponto de vista físico-natural, mas de uma amplitude de fato maior. É preciso pensar a geração de outro conhecimento. Esse é o lugar da Educação Ambiental que indica que é preciso contribuir para a construção desse novo conhecimento, dessa nova racionalidade. (Marilena Loureiro da Silva, em 22 de março de 2012, no Seminário Cultura e Natureza, atividade preparatória para o Cordão do Peixe -Boi).

- b) O IAPAV por meio dos recursos das artes e da música, procura construir uma consciência coletiva da importância do diálogo com a natureza e uma escuta à natureza, com grande repercussão na sociedade, que percebe as mensagens através do lúdico, onde a ética tem um espaço importante em suas preocupações socioambientais.
  
- c) Principalmente nas entrevistas com os componentes do IAPAV, colaboradores e seguidores, percebeu-se, com relação às representações sociais do grupo por meio dos termos das letras das músicas, dos elementos da natureza representados nas alegorias, roupas e brinquedos, a revelação de um conjunto de significados relacionados à natureza amazônica.

Em geral, esses atores encontram muita dificuldade para perceber o significado mais abrangente de meio ambiente para existência humana, mas percebe-se que o homem é considerado pelos participantes um ser predador por natureza, ou seja, a natureza é transformada pela ação do homem.

Nas respostas dos participantes sobre o que é meio ambiente, há dificuldade de conceituar meio ambiente no amplo sentido desse termo, principalmente porque necessita de maior reflexão sobre o que significa o meio ambiente para eles próprios. No entanto cumpre ressaltar que não há na realidade a necessidade do

grupo em ter um aprofundamento dessas questões. O compartilhamento dos mesmos interesses em construir um trabalho que associa educação, cultura e meio ambiente já potencializa a busca de um mundo melhor.

- d) O IAPAV, em suas ações, revela um variado repertório de ritmos oriundos de diferentes culturas, como o boi bumbá, o carimbó, o retumbão, a mazurca etc, numa busca de sincretismo cultural para o fortalecimento da identidade amazônica.

As letras das composições próprias do grupo, de mestres do boi bumbá e de outros autores, revelam o cotidiano, as vivências, o saudosismo, as tradições, a preocupação com o meio ambiente e o modo de ser do caboclo amazônico. Como exemplo pode-se citar a música de Mestre Faustino, um dos mestres de Ourém, que é ouvida nos cortejos do IAPAV. A composição de Mestre Faustino revela uma representação social naturalista em que, para o Mestre, a natureza tem maior importância, o que se explica pelas suas condições de sobrevivência: "Nasci numa família pobre, mas me criei com amor e na amizade." É assim que Mestre Faustino faz questão de se apresentar. Nascido na Comunidade rural Pacuí Claro, em Ourém/PA, foi criado trabalhando na pesca, na caça e com artesanato. Faz arte por toda parte, de tudo um pouco: de instrumentos musicais a telhado de casa, passando por tarrafas e malhadeiras para pescar, cestos para guardar e vassoura para limpar<sup>72</sup>. A preocupação com a preservação é evidente na letra de umas das músicas do repertório do Cordão do Peixe-Boi, chamada "Preservação da Natureza".

#### Preservação da Natureza

(Mestre Faustino)

Meu batalhão saiu na rua  
Mostrando sua beleza  
Ele veio pedir pro povo  
A preservação da natureza

Não derrube a mata verde  
É isso que Deus não quer  
Se derrubar mata virgem  
Vai secar nossos igarapés

<sup>72</sup> Noss@s mestres, noss@s sábios. Cultura Viva Brasil. Para mais informações ver Referências.

- e) O IAPAV tem uma perspectiva que pode ser considerada mais abrangente sobre a EA, que por vezes oscila entre perspectivas diferentes entre si, mas que acabam por se integrar, procurando, por meio do processo informal, orientar os sujeitos a tomarem atitudes que não sejam agressivas e danosas ao meio ambiente e assumindo uma postura de recuperar o que foi degradado.

A prática de EA do IAPAV em alguns momentos pode ser caracterizada como preservacionista e suas ações se relacionam com a preservação ambiental (plantio de mudas, reflorestamento, etc). As práticas também têm caráter naturalista, pela preocupação com a natureza, o que é demonstrado pelo trabalho de reutilização de matérias recicláveis (lixo).

Evidenciou-se também uma preocupação ética, por meio da ruptura com valores negativos junto às crianças, jovens e idosos que costumam participar das atividades. O exemplo dessa preocupação pode ser ilustrado com a proibição do uso de bebidas alcoólicas no interior do espaço do Cordão do Peixe Boi e o estímulo às práticas saudáveis.

## 5.1 O OLHAR DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Ressalta-se para as ações do IAPAV a compreensão do valor das práticas culturais para o desenvolvimento da capacidade de enfrentamento dos problemas socioambientais nas situações concretas do cotidiano da vida; e a pressuposição da necessidade de emancipar os sujeitos da ação educativa, construindo com eles as ferramentas e preparando-os para os processos decisórios nos diferentes espaços de participação. Para isso é necessária a sistematização de suas ações. Para alcançar esse objetivo deverá haver apreensão do contexto ambiental, no caso conhecendo a realidade do local como parte do contexto amazônico, onde a cultura é a expressão da sociedade amazônica: dinâmica, original, criativa, que revela, interpreta e cria sua própria realidade (LOUREIRO, 2000, p.34).

Quanto aos impactos e mudanças de postura nos sujeitos envolvidos nas práticas culturais e educativas desenvolvidas pelo IAPAV, relacionados com incentivos ao cuidado com o meio ambiente, e à satisfação e melhoria de qualidade de vida, as respostas dos entrevistados demonstraram que há uma percepção de

mudanças comportamentais positivas nos sujeitos envolvidos quanto ao cuidado com o meio ambiente e o reconhecimento de sua identidade cultural, sobretudo no que se referem ao aprendizado das oficinas de confecção e manutenção de instrumentos e adereços. Existe, por exemplo, a persistência dos meninos que aprenderam o ofício ensinado pelos Mestres nas oficinas em Cachoeira do Arari, nos anos anteriores, que hoje já se tornaram adultos e auxiliam nas oficinas atuais, com uma disposição impressionante para orientar os mais novos, apesar do não reconhecimento do trabalho por eles desenvolvido pelos poderes constituídos do local. Porém a maioria ressalta que há descontinuidade das ações e isso é um fator negativo para se realizar EA numa perspectiva crítica e emancipatória, para melhorar a qualidade de vida no município.

Quanto à importância de novas exigências educacionais formativas, valorizando a diversidade cultural amazônica, observa-se que há necessidade de uma maior aproximação dos sujeitos quanto às culturas tradicionais dos municípios, porém não se pode esperar mudanças conjunturais sem a existência de novas exigências educacionais formativas, de modo a inserir nessa formação as preocupações relativas à diversidade cultural das populações amazônicas e sua ecologia e sociodiversidade, para que se consiga atingir o desenvolvimento com base no discurso teórico da sustentabilidade (SILVA in SIMONIAN, 2010, p.481).

Para Loureiro (2005) em “Cultura Amazônica: uma Diversidade Diversa”, sua aula magna na UFPA em primeiro de março de 2005, a cultura amazônica é uma diversidade diferente do sentido geral das diversidades existentes, por se constituir uma realidade única em sua complexidade e auto-eco-organização. Ele ressalta a universidade multi-campi como um projeto científico, cultural e político voltado para valorização estratégica e instrumentalização ética da diversidade amazônica, para fortalecê-la íntegra para o mundo globalizado. Ensina também que há necessidade de projetos políticos e econômicos de cunho imanente para a diversidade amazônica, que dialoguem criticamente com o projeto político globalizador, que pretende sua apropriação ou sua transformação em mercado e consumo (LOUREIRO, 2005, p. 15).

Deste ponto de vista, e avaliando as ações do IAPAV, na compreensão de que é necessário considerar a diversidade amazônica nos projetos científicos e culturais, é muito importante ressaltar a aproximação com as universidades, para



indicar caminhos pedagógicos que fundamentem as ações do Instituto, na busca do estabelecimento de trocas dialógicas sobre diversidade cultural amazônica e a compreensão do que seja o processo de realização da EA por meio da cultura.

O IAPAV, no que se refere ao desenvolvimento dos jovens e crianças em seus processos criativos, ressalta a importância de trabalhar a juventude, a exemplo do Projeto Orube de Arte e Educação. No caso do Projeto Orube, embora a intenção de realizar EA, observa-se uma predominância das práticas culturais, mais do que necessariamente de EA. Embora a preocupação legítima de valorizar a cultura amazônica, há uma exaltação aos mestres tradicionais do boi-bumbá e um trabalho de conscientização das crianças e jovens para valorizar essas práticas culturais, como a do boi bumbá, em detrimento de outros estilos musicais em voga no momento atual.

De acordo com os resultados das entrevistas realizadas junto a oito jovens integrantes das atividades culturais realizadas pelo IAPAV por meio do Projeto Orube, podem-se observar as seguintes questões:

- a) A participação desses sujeitos envolvidos no Projeto Orube se dá de modo organizado e articulado com os princípios do IAPAV.
- b) Quanto à constância no projeto, todos participam desde o início em 2008 e aprenderam o significado para o nome Orube que é: “aquele que transmite alegria, que contagia<sup>73</sup>”. Todos foram convidados por parentes ou amigos, ou foram indicados por amigos que já participavam do projeto. As famílias participam dos arrastões distribuindo água ou alimentos e colaboram nas promoções realizadas para arrecadar fundos para manutenção do projeto.
- c) Esses jovens possuem habilidades musicais e tocam vários instrumentos de percussão (barricas, reco-reco, maraca, marabaixos e outros), além dos que lhe são destinados, cantam e dançam porque gostam de aprender e experimentar outros instrumentos percussivos. As crianças começam pela

---

<sup>73</sup> A escolha do termo “Orube” para o brinquedo do Conjunto Satélite se deu através de um fórum pela internet com os participantes e durante as oficinas onde se buscavam nomes indígenas. Na votação venceu o termo tupi “orube” que se traduz na palavra “alegria”; “aquele que aonde chega contagia” (Projeto Orube do Satélite. Relatório gentilmente cedido por Entrevistado 2, coordenadora do projeto).

maraca e com o tempo vão aprendendo outros que exigem maior habilidade na execução das obras musicais.

- d) O entendimento sobre o meio ambiente não se traduz num conceito, é elementar, confuso e foi traduzido como cuidado com o meio ambiente ecológico. As respostas variaram sobre o que seja meio ambiente: é ter cuidado com as plantas; é não jogar lixo no chão; é não derrubar as florestas ou não se deve destruí-lo porque todos precisam. Mas três jovens responderam que o meio ambiente é o habitat de muitos animais e fonte de alimentos; é tudo aquilo que é preservado e o meio ambiente é o espaço mais puro e que deve ser preservado.
- e) Quanto ao entendimento sobre o que é qualidade de vida, as respostas referem-se à cidade e à floresta: é habitar um mundo limpo; é ter florestas preservadas e ruas asfaltadas; ou referem-se a se ter vida de qualidade, vida boa onde se tem escolaridade, infraestrutura e expectativa de vida; vida saudável, feliz de quem cuida de seu bem estar.
- f) Quanto ao entendimento sobre EA, as respostas ressaltam que o IAPAV ensina EA porque ensina a cuidar do meio ambiente, não se jogando lixo no chão, evitando queimadas e desmatamentos, não desperdiçando água, etc.
- g) Quanto às mudanças na vida, afirmou-se que antes viviam brincando nas ruas e depois que entraram no projeto passaram a ter atividades lúdicas onde o respeito à natureza é fundamental, e que suas vidas mudaram para melhor até na convivência familiar, assim como na comunicação com as pessoas e na valorização da cultura local e dos outros lugares. No entanto, quanto às mudanças em sua comunidade local, em seu lugar de moradia, o Conjunto Habitacional Satélite, não percebem mudanças e argumentam que: há moradores que não conhecem o projeto; ou “nem todas as pessoas admiram o projeto” ou a mensagem que tenta passar; e que o trabalho de conscientização é muito difícil porque “as pessoas fecham os olhos para os problemas do meio ambiente”. Todos os respondentes afirmaram que gostam de participar do projeto e acham que o mesmo melhora a cada dia que passa.

Porém ressaltam que as ações realizadas precisam de maior reconhecimento e divulgação por meio de oficinas e palestras não só com os integrantes do projeto, mas também com os moradores da comunidade para sua maior sensibilização e engajamento nas questões socioambientais.

## 5.2 O OLHAR SOBRE OS PROCESSOS: O ENCONTRO ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A CULTURA NAS AÇÕES DO INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM

Tendo em vista estudar as ações de EA do IAPAV como educação política, faz-se necessário o entendimento da EA como uma educação que compreenda a complexidade ambiental. Neste trabalho foi narrado o processo de reutilização de materiais recicláveis como garrafas pet, paneiros, caixas de pinho, dentre outros para confecção de instrumentos musicais e alegorias usadas nos cortejos, ou seja, a dimensão ambiental associada à cultura local, no caso a cultura cabocla.

Há muito que o ser humano não enxerga a floresta, sendo esta a provedora de recursos como base de exploração e reprodução das condições naturais de existência. Em suas ações o IAPAV procura estabelecer um diálogo não só entre a cidade e a floresta, mas também com a cultura do amazônida, a cultura cabocla.

Nas ações já descritas observa-se a utilização de troncos de árvores para os mastros dos arrastões tradicionais na quadra junina; a utilização de caixas de pinho para fabricação de instrumentos musicais de percussão; a utilização simbólica dos brinquedos de miriti no arrastão do Círio e no Cordão do Peixe Boi; a utilização de garrafas pet para fabricação de adereços de mão, que habilmente são confeccionados por um artesão que descobriu seu talento participando das oficinas de percussão do instituto.

Observando as representações dos atores que atuam nos processos de artesanato regional nas ações do IAPAV, em que se destacam os entrevistados 4 e 5, uma aproximação da teoria com a prática foi feita com esses dois atores. As práticas citadas têm implicações materiais e artesanais simbólicas referentes à floresta, notadamente durante os arrastões em Belém e nas ações em Cachoeira do Arari, como as caixas de pinho com decoração marajoara e os brinquedos de miriti no arrastão do Círio. Nas obras do entrevistado 4 há o aproveitamento do lixo da

“floresta urbana”, onde ele tenta traduzir a simbologia da floresta nos produtos artesanais com o lixo reutilizável, como um retorno à tradição para o não esquecimento das raízes culturais. Nos dois casos, os artesãos tentam de alguma forma colocar representações de vida e de cultura local e amazônica em suas criações. O entrevistado 4 reproduz animais, vegetais e outros elementos representativos da fauna e flora amazônica em suas criações com garrafas pet e uma volta à infância com os roque-roques de papelão, ou a valorização da cultura de Santo Antônio de Tauá, com a confecção dos cabeçudos feitos com paneiros. Há enfim uma requalificação do trabalho artesanal na medida em que se retomam os símbolos da cultura cabocla que originalmente concebeu essa prática cultural.

Neste sentido se percebe uma revalorização da floresta e uma sucessiva leitura dessas imagens pelo público das cidades que, ao vivo ou através da mídia, visualiza os problemas ecológicos e os aspectos mais próximos da natureza idealizada nostalgicamente até mesmo quando se muda o repertório das peças (no caso dos brinquedos de miriti que hoje apresentam uma modernidade quase simbólica do modo de vida atual). Ressalta-se, portanto, que é necessário um processo educativo que possa se associar à conservação das práticas artesanais, ainda uma tradição que passa de pai para filho. Para Silva (2002), em estudo sobre as práticas artesanais dos brinquedistas do miriti, no município de Abaetetuba, e as dos artesãos da cerâmica de Icoaraci (Belém), a percepção do artesão pode indicar que uma cultura tida como não desenvolvida é onde é possível gerar possibilidades de compreensão da complexidade das relações entre a sociedade e a natureza (SILVA, 2002, p.479, in SIMONIAN, 2010).

## **6 ALGUMAS CONCLUSÕES**

Considera-se que, no desenvolvimento desta pesquisa, pretendeu-se estudar mais especificamente o objetivo da mesma, o qual seria narrar, descrever e discutir à luz dos princípios teóricos e metodológicos de EA como educação política, as ações socioeducativas, ambientais, contidas nas práticas culturais promovidas pelo IAPAV, realizadas em Belém, em Ourém e em Cachoeira do Arari. O estudo foi desenvolvido por meio da narração das atividades socioeducativas e culturais realizadas pelo Instituto; da descrição dos elementos dessas ações; da interpretação

das percepções dos participantes dessas atividades; e da análise dos principais resultados dessas ações nos sujeitos envolvidos.

Assim os resultados da pesquisa vão impor conclusões que estarão sujeitas a críticas e sugestões para as questões tratadas, de forma que o trabalho possa ser aprimorado, na intenção de proporcionar aos interessados uma contribuição para as discussões sobre suas práticas educativas e culturais, não só na cidade, mas no interior do Estado, fornecendo subsídios para o IAPAV para uma reflexão sobre cultura e meio ambiente e EA como educação política.

Dessa forma, considerando o problema de pesquisa deste trabalho, que indaga como as ações de Educação Ambiental realizadas por meio das práticas culturais promovidas pelo IAPAV se relacionam com princípios teóricos e metodológicos de EA; considerando a EA como uma educação política, capaz de despertar o cuidado com o meio ambiente e mudanças de postura nos sujeitos envolvidos, proporcionando a participação livre, consciente e democrática dos mesmos e satisfação e melhoria de qualidade de vida; chegou-se, com base nos resultados do trabalho, à seguinte conclusão: O trabalho do IAPAV se relaciona, sim, com a EA política, por meio de suas práticas culturais, uma vez que o Instituto experimenta realizar a EA em ações que buscam a construção de um futuro sustentável que, para o IAPAV, de acordo com nossas análises, se inicia com o encontro entre os sujeitos de hoje e suas necessidades socioculturais e socioambientais e a compreensão de natureza, não como objeto material de construção da existência, com base numa visão utilitária da mesma, mas como indissociável da humanidade, inspiração para seus brinquedos, sua música, seus cordões, inspiração para sua intencionalidade de transformar o hoje por meio da alegria das ruas. É dessa EA que nos fala o Instituto Arraial do Pavulagem (IAPAV), cuja construção não é um processo simples, muito ao contrário: é complicado e envolve a construção de vontade, de solidariedade com o futuro. Portanto, nesta pesquisa, considera-se que o problema proposto foi respondido, conforme se apreende do conteúdo das narrativas sobre o trabalho realizado pela instituição, considerando que o IAPAV, em suas ações:

- a) Procura chamar atenção para os problemas ambientais que afetam todos os seres do planeta, sobretudo a Amazônia, por meio dos recursos de que dispõe, como a música e artes de um modo geral;

- b) valoriza e procura repassar o diálogo entre conhecimentos sobre o meio ambiente, por meio da arte e da provocação de discussões sobre EA e natureza, em que a academia está presente, o que demonstra o intercâmbio de conhecimentos diferenciados;
- c) realiza ações em que a reutilização de material reciclável tem sentido em seus cortejos e transmite mensagens com teor educativo para um público significativo, por meio da mídia e das redes de relacionamento no mundo virtual;
- d) reconhece que precisa adotar algumas medidas de organização em suas atividades, mas suas ações têm papel importante no sentido de despertar a valorização da identidade cultural amazônica, mobilizando milhares de pessoas em torno da causa ambiental associada a práticas culturais;
- e) procura usar uma linguagem acessível e própria de nossa cultura, de sonoridades e visualidades plásticas autênticas, que estimulam uma série de comportamentos e atitudes que, dentro do universo que atuam, representam um contínuo processo de busca para ensinar e aprender através da alegria em realizar, a partir de suas práticas culturais, uma EA levando em conta seus próprios princípios ecológicos, éticos e de justiça e dos seus próprios métodos, mas sem desistir do sonho de construir um mundo melhor para todas as gerações presentes e futuras.

O trabalho que o IAPAV realiza pode ser considerado inovador, produzindo um original processo de conhecimento através de suas ações socioeducativas, ambientais e culturais, para o fortalecimento da identidade amazônica.

## REFERÊNCIAS

ARRAIAL DO SABER. **O domingo é nosso**. Em 18 mar. 2012. Disponível em: <http://arraialdosaber.blogspot.com.br/search?updated-max=2012-0324T14:05:00-03:00&max-results=10> Acesso em: 04 fev.2012.

ASSUNÇÃO, Elcie Ana de. **Parque dos Igarapés Resort Hotel**: uma proposta de educação ambiental. Trabalho de conclusão de curso, especialização em Educação Ambiental. Núcleo de Meio Ambiente. Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignês. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BASTOS, Luiza. **Cachoeira do Arari**. Instituto Peabiru - Programa Viva Marajó. n5. Disponível em: [http://www.vivamarajo.org.br/files/report\\_cachoeira\\_do\\_arari/cachoeiradoarari.pdf](http://www.vivamarajo.org.br/files/report_cachoeira_do_arari/cachoeiradoarari.pdf). Acesso em: 08 fev. 2012.

BLOG DO PROFESSOR ADEMIR ROCHA. **Índios do Pará 2**. Disponível em: <http://ademirhelenorocha.blogspot.com.br/2011/08/indios-do-para-2.html>> Acesso em: 08 fev. 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CARDOSO, Denise de Souza; RAAD, Gleyson Walmir Maciel; SILVA, Maria Cléia Siqueira. **O Arraial do Pavulagem**: cultura, identidade e festas nas ruas de Belém. Pesquisa realizada para obtenção do título em Licenciatura Plena em História, na Fundação Vale do Acaraú. Belém, 2010.

CARVALHO, Allan. **Cordão do Gallo: impressões**. In: Blog de Allan Carvalho. Em 20 jan. 2011. Disponível em: <http://allanpc.blogspot.com/2011/01/cordao-do-galo-2011-impressoes.html>>. Acesso em: 08 fev.2012.

DIÁRIO DO PARÁ. com.br. **Arraial do Pavulagem: um batalhão para virgem**. Em 08 out. 2011. Disponível em: <http://www.diariodopara.com.br/N-143507-ARRAIAL+DO+PAVULAGEM++UM+BATALHAO+PARA+A+VIRGEM.html>. Acesso em: 11 jun. 2012.

DIÁRIO DO PARÁ. com.br. **Adeus a Mestre Fabico**. Em 23 jan 2012. Disponível em: <http://www.diariodopara.com.br/N-149849-ADEUS+A+MESTRE+FABICO.html>>. Acesso em: 05 set 2012.

DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. **Cultura popular no Guamá**: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém. UFPA, 2009. 126, f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

\_\_\_\_\_. **A prática cultural do boi bumbá na cidade de Belém**. In Cultura e Política. Em 28 mar. 2010.

Disponível em: <http://cultepolitica.blogspot.com.br/2010/03/pratica-cultural-do-boi-bumba-na-cidade-3276.html>. Acesso em: 06 jun 2012.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **O Boi de Máscaras** - Festa, Trabalho e Memória na Cultura Popular do Boi Tinga de São Caetano de Odivelas, Pará. Editora da UFPA-EDUFPA, Belém-Pará, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1975.

FGC Produções independentes. **Homenagem a Mestre Cardoso (october 24 , 2008)**. Disponível em: [http://www26.us.archive.org/details/Blog\\_FGC38\\_OSTP\\_e\\_MestreCardoso](http://www26.us.archive.org/details/Blog_FGC38_OSTP_e_MestreCardoso). Acesso em 14 fev. 2012.

FIGUEIREDO, Elida Moura; SANTANA, Graça. **A transformação da princesa na APA Algodal / Maiandeuá, Maracanã, Pará , Brasil. Amazônia**. In Ci. & Desenv. Belém, v. 6, n. 11, jul./dez. 2010. Disponível em: [http://www.bancoamazonia.com.br/bancoamazonia2/revista/edicao\\_11/n11\\_transformacao\\_da\\_princ.pdf](http://www.bancoamazonia.com.br/bancoamazonia2/revista/edicao_11/n11_transformacao_da_princ.pdf). Acesso em: 01 jun. 2012.

GEAM- **Grupo de Estudos em Educação, Cultura e Meio Ambiente**. Disponível em: [www.geam.com.br](http://www.geam.com.br). Acesso em 01 jun. 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GERMANO, Márcia Aparecida Luna Rodrigues. **Narrativas de idosos sobre a escola: uma leitura freireana**. Sorocaba. 2006. 135 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Sorocaba, São Paulo, 2006. Disponível em: [educacao.uniso.br/prod\\_cientifica/alunos/pdf/010/marcia\\_aparecida\\_luna\\_rodrigues\\_germano\\_dissertacao.pdf](http://educacao.uniso.br/prod_cientifica/alunos/pdf/010/marcia_aparecida_luna_rodrigues_germano_dissertacao.pdf). Acesso em 10 ag. 2012.

GLOBO ECOLOGIA TV. Síndrome da Floresta Vazia é o empobrecimento da biodiversidade: fragmentação das florestas e caça ilegal são suas principais causas. Em 23 mar. 2012. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globoecologia/noticia/2012/03/sindrome-da-floresta-vazia-e-o-empobrecimento-da-biodiversidade.html>. Acesso em: 16 mai. 2012.

GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. Editora SENAC: São Paulo, 2010.

GONÇALVES, CARLOS WALTER PORTO. **Os descaminhos do meio ambiente**. 14 ed. Contexto Editora: São Paulo, 2010.

GUIART.COM.BR. Natal Solidário do Cordão do Galo promove show beneficente. Disponível em : [http://www.guiart.com.br/noticias\\_interna.php?id=783&cat=DIV](http://www.guiart.com.br/noticias_interna.php?id=783&cat=DIV)> Acesso em: 08 fev. 2012.

GUIMARÃES, MAURO. **Educação Ambiental: no consenso um embate?** .Papirus Editora: Campinas/São Paulo, 2005.



HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Editora Vozes: Petrópolis, 2005.

HISTORIANEWS.ORG. **Entrevista exclusiva com o Professor Marcos Reigota**. Em 14 fev. de 2012. Disponível em: <http://www.historianews.org/2012/02/entrevista-exclusiva-com-o-professor-15.html>. Acesso 10 jul 2012.

Instituto Politécnico do Cávado e do Ave - IPCA. **Welcome to IPCA- Instituto Politécnico do Cávado e do Ave**. Disponível em: [http://www.ipca.pt/en/files/phatfile/ipca\\_rev\\_inst\\_2011.pdf](http://www.ipca.pt/en/files/phatfile/ipca_rev_inst_2011.pdf)>.Último Acesso em: 01 jun. 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2009.

LEEF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 7. ed. Cortez Editora: São Paulo, 2010.

LIMA, Carla. **Praça dos Estivadores**. O Diário do Pará. Em 25 mai. 2006. Disponível em: [http://www.nautilus.com.br/clientes/backup\\_pontes/lazer/reportagem/estivadores.htm](http://www.nautilus.com.br/clientes/backup_pontes/lazer/reportagem/estivadores.htm). Acesso em: 28 abr.2012.

LIMA, José Júlio. Conjuntos habitacionais e condomínios de luxo em Belém. Duas tipologias em confronto. In **VITRUVIRUS: Arqutextos**. Ano 03. Em ag. 2002. Disponível em: [www.vitruvirus.com.br/revistas/read/arqutextos/03.027/763](http://www.vitruvirus.com.br/revistas/read/arqutextos/03.027/763). Acesso em: 06 jun. 2012.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**, V. 4. Escritura Editora: São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cultura Amazônica: uma diversidade diversa**. Série Aula Magna/UFGA, n. 2. Editora Universitária, UFGA: Belém do Pará, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Conversão Semiótica: na arte e na cultura**. Editora Universitária-UFGA: Belém do Pará, 2007.

MARCONI, M.A. & LAKATOS. **Técnicas de pesquisa**. Editora Atlas: São Paulo, 2010.

MATOS, Arlindo. **Oureana de Além-Mar, Ourém Terra de Moura**: organização e introdução de elementos novos da história de Ourém –Pará, 2007.

MELLO, Maristela Barenco Correia de. **Alguns dedos de prosa**: conversando sobre psicologia, educação ambiental, cultura da paz e espiritualidade. Disponível em: <http://cetap.org.br/wp-content/uploads/2011/07/Informativo-1-11.pdf>. Acesso em 11 fev./2011.

MENEZES, Bruno. **Boi Bumbá: auto popular**. 2 ed. Conselho Estadual de Cultura. Belém, 1972.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Secretaria da Cidadania Cultural. **Ponto de cultura (2009)**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/>. Acesso em: 03 jun. 2012.

MP.ORG (Música Paraense): pesquisa, catalogação e difusão da arte musical paraense em todas as épocas, ritmos e estilos. Blog parceiro/Conexão vivo. **Mestre Cardoso**. Disponível em: <http://musicaparaense.blogspot.com.br/2010/06/mestre-cardoso.html>. Acesso em 17 abr. 2012.

Noss@s mestres, noss@s sábios. **Cultura Viva Brasil**. Em 21 Dez. 2010. Disponível em: <http://nossosmestres.blogspot.com.br/2010/12/mestre-faustino-ourem-para.html>. Acesso em: 19 abr.2012.

OLIVEIRA, Yohanna. **Dez anos de arrastão do círio**. In: blog de Yohanna Oliveira. Em 05 out. 2010. Disponível em: <http://yorrannaoliveira.blogspot.com.br/2010/10/dez-anos-de-arrastao-do-cirio.html>. Acesso em: 12 jun. 2012.

PARÁ. Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental. **Estatística Municipal- Maracanã**. Belém/Pará, 2011. Disponível em : <http://iah.iec.pa.gov.br/iah/fulltext/georeferenciamento/maracana.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2012.

PARÁ. Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental. **Estatística Municipal-Cachoeira do Arari**. Belém Pará, 2011. Disponível em: [HTTP://iah.iec.pa.gov.br/ia.h/fulltect/georeferenciamento/cachoeirado arari.pdf](HTTP://iah.iec.pa.gov.br/ia.h/fulltect/georeferenciamento/cachoeirado_arari.pdf), Acesso em: 16 fev.2012

PARÁ. Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental. **Estatística Municipal-Ourém**. Belém Pará, 2011. Disponível em: [http://www.idesp.pa.gov.br/paginas/produtos/Estatistica\\_Municipal/pdf/Ourem.pdf](http://www.idesp.pa.gov.br/paginas/produtos/Estatistica_Municipal/pdf/Ourem.pdf). Acesso em 16 fev.2012.

PARÁ. Secretaria Estadual de Meio Ambiente. **Comissão Interinstitucional Estadual de Educação Ambiental do Estado do Pará**. Disponível em: [www.sema.pa.gov.br/interna.php?idconteudocoluna=2308](http://www.sema.pa.gov.br/interna.php?idconteudocoluna=2308). Acesso em 25 ab. 2012.

PONTO DE PAUTA PARA O LIVRE DEBATE. **Mémória viva: a cultura paraense perde Mestre Fabico**. Disponível em: <http://pontodepauta.wordpress.com/2012/01/21/memoria-viva-a-cultura-paraense-perde-mestre-fabico/>. Acesso em: 06 jun 2012.

PORTAL ORM. **Plantão**: Amazon Java e Sancari animam o Som da Maré, hoje, nas águas da baía do Guajará. Em 08 jun. 2012. Disponível em: [http://www.orm.com.br/plantao/imprimir.asp?id\\_noticia=411503](http://www.orm.com.br/plantao/imprimir.asp?id_noticia=411503) Acesso em: 08 jun 2012.

PORTO WEB. **A história dos instrumentos: carron.** Disponível em [http://www1.prefpoa.com.br/pwtambor/default.php?reg=9&p\\_secao=158](http://www1.prefpoa.com.br/pwtambor/default.php?reg=9&p_secao=158)>. Acesso em 11 fev. 2012.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares do (Orgs). **Educação ambiental: utopia e práxis.** Cortez Editora: São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Meio ambiente e representação social.** Cortez Editora: São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que é educação ambiental.** 2. ed. revista e ampliada. Editora Brasiliense: São Paulo, 2009.

SEJAM BENVINDOS AO MUNDICO. **Professores da rede pública apresentam experiências em educação ambiental.** Disponível em: [http://martinsvianna.blogspot.com.br/2011\\_12\\_18\\_archive.html](http://martinsvianna.blogspot.com.br/2011_12_18_archive.html). Acesso em: 25 abr. 2012.

SANTOS, Adriana Ramos dos; TREIN, Eunice Schilling. A Educação Ambiental no Contexto Ribeirinho Amazônico. In **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v.36, n.3, p.181-200, dez, 2010.

SILVA, Marilena Loureiro da. Recursos florestais e sua transformação em cultura na cidade: reconstituindo significados. In **Simonian, L.T.L.(org)**. Belém do Pará: História Cultura e Sociedade. Editora do NAEA: Belém, 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental e Cooperação Internacional na Amazônia.** Belém: NUMA/UFPA, 2008.

SIMONIAN, Lúcia T. Lopes (org). **Belém do Pará: história, cultura e sociedade.** Editora do NAEA: Belém, 2010.

TODA FRUTA.com. br. **Manuseio da fruta do mamoeiro na casa de embalagem e transporte.** Disponível em: <http://www.todafruta.com.br/portal/icNoticiaAberta.asp?idNoticia=8511>. Acesso em 03 Jun. 2012

USP/PORTAL DE REVISTAS. **A Praça da República e seus aspectos morfológicos no desenho da paisagem de Belém.** Paisagem e meio ambiente. São Paulo, n.16. 2002. Disponível em: [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-60982002000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-60982002000300003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 28 mai. 2012

União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Belém- UMES . **Manifesto dos secundaristas do Pará denuncia realidade das salas de aula.** Em 14 fev. 2012. Disponível em: [unesbelem-pa.blogspot.com.br](http://unesbelem-pa.blogspot.com.br), Acesso em: 18 abr. 2012

WORDREFERENCE.COM. /languagens fórum. **Palavra pavulagem em Portugal.** Disponível em: <http://forum.wordreference.com/showthread.php?t=653072>. Acesso em: 01 jun. 2012.

**ANEXO**

## **ESTATUTO SOCIAL DO INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM**

### **Capítulo I- Da denominação, sede e afins.**

Artigo 1º- O Instituto Arraial do Pavulagem é uma organização não governamental caracterizada como associação, constituída em 23 de abril de 2003, pessoa jurídica de direito privado , sem finalidade econômica e duração por tempo indeterminado, regendo-se por este estatuto e pelas leis vigentes, com sede<sup>74</sup> e foro na Rua Oliveira Belo, 386, Bairro do Umarizal, Belém/Pará.

Parágrafo único: O InstitutoArraial do Pavulagem no desenvolvimento de suas atividades, observará os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade, da eficiência e não fará qualquer discriminação de raça, cor, gênero ou religião.

Artigo 2º- O Instituto Arraial do Pavulagem tem como objetivos:

#### **I- GERAIS:**

Elaborar e executar projetos de gestão cultural, cursos e consultorias que possam contribuir e gerar desenvolvimento pleno as comunidades urbanas e rurais da Região Amazônica nos aspectos social, cultural e ambiental; valorizando e fortalecendo organizações da sociedade civil e grupos minoritários ligados às manifestações populares amazônicas, prioritariamente em questões referentes à educação, produção e experimentação criativa e econômica, em concordância com seus objetivos e finalidade.

#### **II- ESPECÍFICOS:**

- Realizar atividades culturais estimulando a valorização das manifestações da cultura popular, os saberes e os fazeres da Região Amazônica, incluindo seu patrimônio natural e cultural, em cenários urbanos, rurais e ribeirinhos;
- Planejar e executar políticas de inclusão sociocultural, através das artes e do ofício em áreas pouco assistidas socialmente, contribuindo com práticas educativas, iniciando jovens e adultos de diferentes etnias e sociedades, nas ações e manifestações de cultura realizadas pelo Instituto;
- Promover e divulgar as mais variadas formas de identidade regionais e étnicas culturais como fator de desenvolvimento humano e cidadania cultural;
- Articular e mobilizar parcerias estimulando o diálogo entre os diferentes segmentos da sociedade, realizando intercâmbios com instituições nacionais e estrangeiras, participando de ações que visem interesses comuns;
- Contribuir para defesa dos bens materiais e imateriais, aos direitos humanos e aos povos.

Artigo 3º- São finalidade do Instituto Arraial do Pavulagem:

---

<sup>74</sup> Atualmente a sede do IAPAV está situada Rua Boulevard Castilhos Franca, 738, em frente à Praça dos Estivadores, no bairro da Campina, Belém.

- I- Atuar de forma integrada com a União, Estados e Municípios, associações e outros organismos da sociedade civil, no país ou no exterior, firmando com estes parcerias, convênios, acordos e pactos em âmbito local e global, pelo desenvolvimento, pela preservação e valorização das manifestações da cultura popular regional e nacional;
- II- Captar, gerir e movimentar recursos que visem à promoção das causas que constituem os seus objetos sociais, ampliando os patrimônios e rendimentos, para melhor qualidade de realização das atividades socioculturais propostas, visando solução de continuidade a auto sustentabilidade;
- III- Formar competências, realizando iniciações artísticas, aperfeiçoamentos, capacitações e treinamentos através de cursos , seminários , workshops, práticas artísticas e artesanais, ampliando o quadro de profissionais da cultura, com a finalidade de contribuir para a melhor qualidade de vida e o desenvolvimento artístico da região, mormente a grupos excluídos das políticas públicas de desenvolvimento econômico e social;
- IV- Editar, distribuir e comercializar publicações e produtos culturais pertinentes ao seu objeto social, para divulgação, difusão, documentação e manutenção de suas atividades sociais e culturais, educativas e artísticas;
- V- Formar acervo de indumentárias, adereços, peças e produtos de natureza cultural para fins de exposição, concessão e locação de acordo com o melhor estabelecimento da questão pelo Conselho Deliberativo;
- VI- Aceitar doações e auxílios, subvenções e outras contribuições, promovendo a mais correta aplicação desses recursos e observando quanto às doações condicionadas com ou sem encargos, a aprovação do Conselho Deliberativo;
- VII- Exercer atividades econômicas e realizar investimentos, bem como, experimentar ações de economia solidária através de associativismos e cooperativismos de arranjos produtivos locais, os quais não incidam em vedação legal e nem firam as questões estatutárias e que resultem em aumento do patrimônio do Instituto;
- VIII- Contratar empregados (as), determinando-lhes os deveres e assegurando-lhes os direitos previstos em lei ou no presente Estatuto Social; conceder bolsas de trabalho com recursos próprios ou resultantes de convênios com instituições; contratar estagiários ou criar frentes de trabalho temporário, de acordo com as necessidades e urgências de suas ações;

- IX- Instituir e conferir prêmios e homenagens para pessoas, grupos ou instituições atuantes no âmbito da cultura e das artes de um modo geral, para ampliar a visibilidade sobre estes feitos e potencializar exemplos similares;
- X- Promover e estimular o acesso á cultura e à informação, bem como aos meios de adquiri-la, entendendo a democratização da informação como direito básico, importante para implantação de políticas socioculturais e para combater a exclusão seja digital ou social;
- XI- Promover o desenvolvimento humano, a ética, a paz, a cidadania, a democracia e outros valores universais, através de ações culturais locais, regionais e nacionais em âmbito comunitário ou planetário;
- XII- Executar quaisquer outras atividades compatíveis com a finalidade do Instituto Arraial do Pavulagem;

Artigo 4º- O Instituto Arraial do Pavulagem poderá instalar, manter e encerrar escritórios ou unidades de prestação de serviços, no território nacional, desde que seja definido por seu Conselho Deliberativo, de acordo com suas normas estatutárias e siga as orientações das leis vigentes para as ações desta natureza , de modo a contemplar melhores expectativas de realizações para o Instituto;

Artigo 5º - O Instituto terá um Regimento Interno que aprovado pela Assembléia Geral, disciplinará o seu funcionamento por meio de Ordens Normativas emitidas pela Assembléia Geral e Ordens Executivas emitidas pelo Conselho Deliberativo.

## **Capítulo II- Dos sócios**

Artigo 6º- O Instituto é constituído por número limitado de sócios, pessoas físicas ou jurídicas de qualquer natureza, distribuídos nas seguintes categorias:

- 1- Sócio fundador- pessoas físicas que promoveram a fundação do Instituto e que participaram da Assembléia Geral com seus nomes constantes da Ata de Constituição, com direito a votar e ser votado em todos os níveis ou instâncias;
- 2- Sócio contribuinte- aqueles que participam das atividades da entidade e que paguem com regularidade as contribuições sociais, nos termos previstos neste estatuto;
- 3- Sócio honorário- em número limitado, escolhidos entre as pessoas físicas e jurídicas que tenham prestado colaboração de alta relevância para a associação e/ou para a continuidade e consecução dos objetivos do Instituto, assim como as que tenham se destacado por trabalhos que se coadunem com seus objetivos, ajuízo e indicação do Conselho Deliberativo;

**Parágrafo Primeiro:** A admissão de novos sócios deverá ser aprovada pelo Conselho Deliberativo.

**Parágrafo Segundo:** Todos os sócios participarão na forma prevista pelos órgãos competentes das atividades do Instituto, cabendo a eles cooperar para a consecução dos fins sociais e pagar as contribuições fixadas pelo Conselho Deliberativo, atualizadas anualmente, pelos índices oficiais ou por critério definido em Assembléia Geral.

**Parágrafo Terceiro:** O Conselho Deliberativo poderá isentar temporariamente qualquer sócio do pagamento de sua contribuição.

Artigo 7º- São direitos dos sócios quites com suas obrigações:

- I- Votar e ser votado para cargos de direção, representação e fiscalização;
- II- Tomar parte nas Assembléias Gerais;
- III- Manifestar-se em consultas internas formuladas pelo Instituto e participar de todos os eventos por ele promovidos.

Artigo 8º- São deveres dos sócios:

- I- Cumprir e fazer cumprir as disposições do Estatuto Social, regulamentos, regimentos, deliberações e resoluções dos órgãos do Instituto;
- II- Acatar decisões aprovadas pela Assembléia Geral , Conselho Deliberativo, prestigiando e defendendo o Instituto, lutando pelo seu engrandecimento;
- III- Cooperar para o desenvolvimento, difusão e alcance dos objetivos do Instituto, valorizando e participando de todas as suas atividades sociais, culturais e ambientais;
- IV- Zelar pelo bom nome da Instituição.